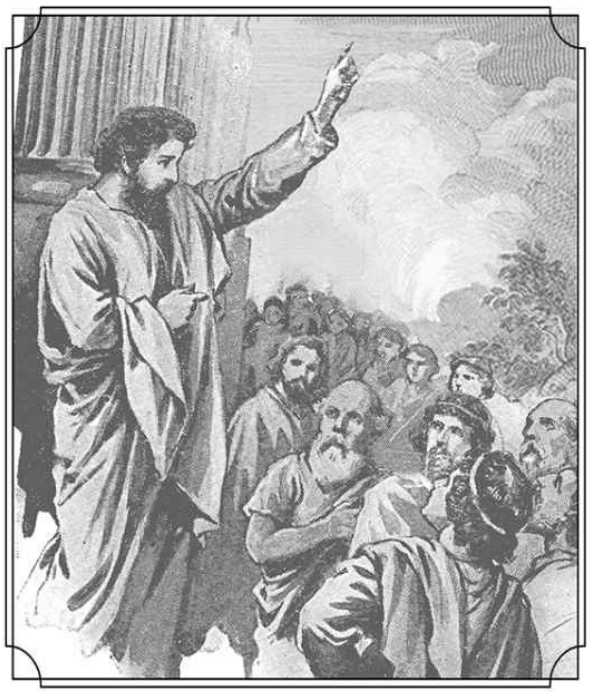
Ciro Sanches Zibordi



PROCURAM-SE PREGADORES COMO PAULO

Ciro Sanches Zibordi



PROCURAM-SE PREGADORES COMO PAULO

PROCURAM-SE
PREGADORES COMO
PAULO

Ciro Sanches Zibordi

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2015

Todos os direitos reservados. Copyright © 2015 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Cristiane Alves Capa: Elisangela Santos Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos Conversão para ePub: Cumbuca Studio
CDD: 251 - Homilética
ISBN: 978-85-263-0712-4
eISBN: 978-85-263-1347-7

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro - RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: Junho/2015 - Tiragem: 3.000

DEDICATÓRIA

Ciro Sanches Zibordi, servo de Jesus Cristo, aos líderes, pregadores, ensinadores, santos e fiéis em Cristo Jesus, nosso Senhor.

AGRADECIMENTOS

Paulo acreditou em Demas, e este o abandonou, amando o presente século. Paulo confiou em Timóteo, e este não o decepcionou, a ponto de tornar-se seu possível sucessor. Ao longo da nossa vida, fazemos muitas amizades. Algumas passam, são um engano, decepcionantes. Outras são duradouras, verdadeiras, recompensadoras.

Gostaria, aqui, de agradecer a alguns amigos do passado e do presente, os quais, certamente, estão alegres com a publicação deste meu décimo livro. Dou graças — sobretudo — ao maior de todos os

amigos, o Senhor Jesus Cristo. Mesmo que Ele não me chame de servo, e sim de amigo, tenho prazer em servi-lo e obedecer à sua Palavra.

Sou grato a meus pais: Renato Zibordi, *in memoriam*, e Célia Sanches Zibordi, meus melhores amigos, depois do Senhor Jesus. Também sou muito grato ao meu amor, Luciana, minha esposa, bem como a Júlia, nossa princesinha, fruto do nosso amor. Aprouve a Deus que escrevesse esta décima obra exatamente no ano em que ela completa 10 anos.

Agradeço ao diretor-executivo da CPAD, Ronaldo Rodrigues de Souza, que sempre me incentivou a escrever, sendo, também, uma pessoa digna de ser imitada como líder e pregador. Também agradeço, penhoradamente, ao pastor e mestre Antonio Gilberto da Silva, um referencial como expoente da Palavra, escritor e, sobretudo, servo de Deus.

Sou grato, ainda, a todos os meus pastores, líderes que muito me ajudaram e, verdadeiramente, me apascentaram, desde a minha conversão. Em São Paulo, sou grato especialmente a José Wellington Bezerra da Costa, Valdir Nunes Bícego (*in*

memoriam), José Prado Veiga, Genivaldo Tavares de Melo, Maurilo Gonçalves de Freitas, Adelino Geraldo dos Santos e Sebastião Magnenti. No Rio de Janeiro, agradeço ao já mencionado Antonio Gilberto da Silva, bem como a Francisco José da Silva e Paulo Lopes.

Agradeço, de maneira muito especial, ao amigo e pastor Jecer Goes, pregador e defensor do evangelho digno de ser imitado, o qual prontamente disse "sim", ao receber o convite para prefaciar esta obra. Sou grato, também, ao pastor Murilo Matheus, por sua importante contribuição ao Reino de Deus. E, finalmente, agradeço a três amigos distantes, mas sempre presentes em minhas orações: Ruy Bergstén, Nilton Didini Coelho e Newton Carpintero.

Ciro Sanches Zibordi
Niterói, RJ, agosto de 2014.

PREFÁCIO

Ao ler o título desta obra desafiadora para nossa geração, reverberou aos meus ouvidos a mensagem de Deus ao profeta Ezequiel: “E busquei dentre eles um homem que estivesse tapando o muro, e estivesse na brecha perante mim por esta terra, para que eu não a destruísse; porém a ninguém achei” (Ez 22.30). Parece que vivemos esse tempo hoje. Há um desconforto no meio daqueles que primam pelo genuíno evangelho, ao ver que o altar do Senhor secularizou-se, relativizou-se, dessacralizou-se, tornando-se rasteiro, periférico e superficial, fruto

da vocação ministerial que se tornou profissão e da mercantilização do glorioso evangelho por parte de homens que sequer são cristãos, quanto mais vocacionados, chamados e nascidos de novo.

É preocupante o que essa geração de "pregadores" está a fazer com o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Produz-se uma plêiade de "pregadores" líquidos em suas decisões, cristalizados em suas posições, petrificados em seus comportamentos. Estes estão longe do que o Mestre da vida ensinou: "O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (Jo 3.8). Ou seja, os tais "pregadores", em vez de serem guiados pela vontade imperativa do Mestre, são guiados pelos deuses *Pluto* (ostentação), *Eros* (sensualidade) e *Mamom* (dinheiro).

Para fazer um contraponto e trilhar na contramão de tudo isso que aí está o pastor Ciro Zibordi, não temendo ser mal entendido, perseguido, "desfeito", além de chamado de "radical", "ortodoxo", "sectário" ou seja lá o que for, corajosamente define, conceitua, apresenta, sem rodeios, como se

processa a formatação do verdadeiro homem de Deus que os altares das igrejas brasileiras estão a carecer.

Nos últimos anos, tenho mantido contato e andado com este servo de Deus: Ciro Sanches Zibordi. Analisando-o, ouvindo-o e presenciando seus atos e atitudes, lembrei-me do que disse, certa vez, Antonio Vieira: "Para falar ao vento bastam palavras, para falar ao coração são necessárias obras". Isso me chancela a ousadia de dizer todas essas palavras. E oro para que Deus o conserve sempre assim: verdadeiro, autêntico e decente.

Pastor Zibordi, com coragem, resgata o personagem mais espetacular que o cristianismo já produziu: Paulo, este sim, um verdadeiro apóstolo. Nesses dias em que "nascem" apóstolos sem nenhuma base espiritual, o magno apóstolo do Senhor é feliz por estar guardado, a fim de não presenciar o descalabro moral com que fazem ao seu título e ofício. Isso porque ninguém pode exercer o apostolado sem ter dois pré-requisitos. Primeiro: ser um "vaso escolhido" (At 9.15). Segundo: ter um ministério marcado pelo

sofrimento decorrente da chamada para pregar a Palavra (v. 16).

O velho Saulo de Tarso, conforme a história, se desfez de tudo por amor ao verdadeiro evangelho do Cristo Salvador, tirando seu sustento da atividade de tendeiro. Paulo deu prioridade às Boas-Novas do Cristo, o Ungido, em detrimento dos devotos do "deus mercado". Infelizmente, nos dias de hoje, as ambições ilimitadas de líderes religiosos têm levado à criação de um "segundo plano", de fórmulas esotéricas e técnicas ocultas para obter e aumentar mais e mais o seu poder, num universo de engodos, tabus, intrigas e fofocas. Fico a imaginar como seria a igreja brasileira se sua liderança tivesse a ousadia e a determinação de professar a fé de Paulo e viver como ele viveu. Com certeza, uma revolução espiritual ocorreria em nossa nação, porém tem ocorrido o inverso, para a tristeza de todos.

Portanto, recomendo a toda liderança evangélica do meu país a apreciar com denodo e carinho, despido de qualquer espírito contrário — este é o momento de unidade —, a leitura desta majestosa

obra, que, a meu ver, chega um pouco atrasada, mas, como o tempo pertence ao Senhor, creio que ajudará inexoravelmente o povo de Deus de nossa nação. Que cada ministro do evangelho leia, releia, "triture", "deguste", medite, pense, pense muito no que disse o insigne servo Paulo a respeito da nossa época: "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.1,2).

Continue assim, como Paulo, caro servo Ciro Zibordi, não temendo falar, escrever, profetizar e pronunciar o que a Bíblia diz, pois temos uma promessa de sermos protegidos pelo Dono do Reino, que nos comissionou a falar a verdade. "Eu, o Senhor, te chamei em justiça, e te tomarei pela mão, e te guardarei, e te darei por aliança do povo, e para luz dos gentios. Para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os presos, e do cárcere os

que jazem em trevas” (Is 42.6,7).

Boa leitura a todos! Saúde e paz para esse gigante e defensor das Santas Escrituras.

No amor do Senhor,

Pr. Jecer Goes
Líder da Assembleia de Deus Canaã, em Fortaleza, Ceará

SUMÁRIO

Dedicatória

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 - Curriculum Vitae de Saulo (Paulo) de Tarso

Capítulo 2 - Um Pregador Escolhido por Deus

Capítulo 3 - Procuram-se Pregadores Itinerantes como Paulo

Capítulo 4 - Conferencista Internacional

Capítulo 5 - Não se Faz Pregador como Antigamente

Capítulo 6 - Quem Cuida da sua Agenda?

Capítulo 7 - Um Pregador muito Diferente

Capítulo 8 - Em Defesa do Evangelho e da Assembleia de Deus

Capítulo 9 - Prisioneiro de Jesus Cristo

INTRODUÇÃO

Para o que (digo a verdade em Cristo, não minto)
fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios,
na fé e na verdade.
1 Timóteo 2.7

Se Paulo vivesse em nossos dias, teria um invejável Currículo Lattes,[1] cujo cabeçalho seria mais ou menos assim: Saulo (Paulo) de Tarso. Conferencista internacional. Pós-doutor pela Pentecost University of Antioch (44 d.C.). Doutor pela Pentecost University of Jerusalém (39 d.C.). Mestre pela University of the Arabian Desert (36 d.C.), onde elaborou técnicas da pesquisa operacional aplicadas à otimização da pregação transcultural e

estabelecimento de igrejas autóctones. Graduou-se no Gamaliel College (34 d.C.). Escreveu treze livros (epístolas): Epístola aos Gálatas (49 d.C.); Primeira e Segunda Epístola aos Tessalonicenses (51-52 d.C.); Primeira Epístola aos Coríntios (56 d.C.); Segunda Epístola aos Coríntios e Epístola aos Romanos (57-58 d.C.); Epístola aos Colossenses, Epístola aos Filipenses, Epístola aos Efésios, Epístola a Filemom, Epístola a Tito, Primeira e Segunda Epístola a Timóteo (61-67 d.C.). Jubilou-se em Roma, em 29 de junho de 67 d.C., e desde então descansa de suas obras no Terceiro Céu.

Gracejos à parte, quando o apóstolo Paulo começou a pregar o evangelho, já tinha um ótimo Curriculum Vitae.[2] Israelita da tribo de Benjamim (Rm 11.1; Fp 3.5), nascido na província da Cilícia, em uma cidade tipicamente grega, foi criado aos pés de Gamaliel e instruído conforme a Lei (At 22.3). O Senhor lhe outorgou um ministério tripartido, com muito sofrimento e garantia de galardão, como o próprio Paulo escreveu: “fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios; por cuja causa padeço também isto, mas

não me envergonho, porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia" (2 Tm 1.11,12).

Paulo era "homem judeu, cidadão de Tarso" (At 21.39), e também cidadão romano de nascimento (22.25-28), benefício que herdara de seu pai, o qual "deve ter recebido sua cidadania por ter prestado algum serviço relevante ao governo romano. Alguns dos privilégios contidos nesta cidadania eram: (1) a garantia do julgamento (perante César, se exigido, cf. Atos 25.11) nos casos de acusação; (2) imunidade legal dos açoites antes da condenação (ao contrário do caso do Senhor Jesus, Mt 27.24-26); e (3) imunidade em relação à crucificação, a pior forma de pena de morte no caso de condenação" (PFEIFFER, p. 1475).

A autoridade apostólica de Paulo não se baseava em convenções ou padrões humanos. Não era por acaso que ele se apresentava como "servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus" (Rm 1.1). Segundo o Novo Testamento, aprouve a Deus separá-lo desde o ventre de sua mãe — à semelhança de Sansão (Jz

13.3-5), Isaías (Is 49.1,2), Jeremias (Jr 1.1-5) e João Batista (Lc 1.15-17) — e, por sua graça, chamá-lo para anunciar o evangelho aos gentios (Gl 1.15,16).

Pregador eloquente, ensinador indômito, eminente teólogo, viajante incansável, fundador de inúmeras igrejas e escritor proficiente, ele está entre as três colunas da igreja primitiva, isto é, os apóstolos que mais se destacaram na pregação e na defesa do evangelho: Paulo, Pedro e Tiago. "Em toda a história do Cristianismo, nenhuma conversão a Cristo trouxe resultados tão importantes e fecundos para o mundo inteiro como a conversão de Saulo, o perseguidor, e mais tarde, o apóstolo Paulo" (HURLBUT, p. 30).

---

[1] O *Currículo Lattes*, registrado na Plataforma Lattes do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), é um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores brasileiros. Ele é hoje adotado pela maioria das "instituições de

fomento", universidades e institutos de pesquisa nacionais. Por sua riqueza de informações, confiabilidade e abrangência, tornou-se elemento indispensável e obrigatório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área de ciência e tecnologia.

[2] *Curriculum Vitae*, termo latino que denota "percurso da vida", é um documento que contém dados do passado de uma pessoa, o qual é muito útil, de modo geral, para quem está iniciando a sua carreira profissional.

CAPÍTULO

1

CURRICULUM VITAE DE SAULO (PAULO) DE TARSO

Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.
Gálatas 2.20

Segundo uma lenda nórdica, ao estabelecer seu reino na Escandinávia, Odin escolheu doze sábios para um banquete na "morada dos deuses". Loki, o deus do fogo, não foi convidado e arrumou uma grande confusão, tornando-se um indesejado 13º participante da festa. Teria surgido aí a crendice de que o número

treze é sinônimo de azar. Muitos fazem a conexão dessa lenda com a história de Judas Iscariotes. Este, como traidor do Senhor Jesus, era o indesejado 13º participante na chamada última Ceia; na verdade, a última Páscoa: "até que ela se cumpra no Reino de Deus" (Lc 22.16). Como o Senhor foi crucificado numa sexta-feira, advém daí a crendice em torno da sexta-feira 13. Em vários prédios do mundo, o número treze é omitido. Eu era office-boy quando vi isso pela primeira vez em um prédio da avenida Paulista, em São Paulo. Estranhei quando o elevador passou do 12º para o 14º andar e imediatamente olhei para os botões e não encontrei o número treze.

Para os servos do Senhor, treze não é um número de azar nem de sorte. Mas, na Bíblia, esse número aparece com frequência e em episódios marcantes, principalmente no Antigo Testamento. Ismael, filho de Abraão com Agar, foi circuncidado aos treze anos (Gn 17.25). No holocausto, treze bezerros deviam ser sacrificados (Nm 29.13,14). Antes de ser tomada, a cidade de Jericó foi rodeada treze vezes pelos israelitas (Js 6.3,4). Em Josué 19.6

e 21.4-33, a expressão “treze cidades” aparece algumas vezes. A casa do rei Salomão ficou pronta em treze anos (1 Rs 7.1). Nos tempos de Ester, o perverso Hamã tentou matar todos os judeus num dia treze (Et 3.12,13). Mas, nesse mesmo dia, “sucedeu o contrário, porque os judeus foram que se assenhorearam dos seus aborrecedores” (8.12; 9.1-18).

No Novo Testamento vemos que Jesus Cristo, o “apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão” (Hb 3.1), e seus doze discípulos formavam um grupo de treze apóstolos. E, a título de curiosidade, o livro de Neemias e as epístolas de 2 Coríntios e Hebreus têm treze capítulos (cada uma dessas obras), e a bênção apostólica está registrada em 2 Coríntios 13.13. Finalmente, o apóstolo Paulo escreveu treze epístolas (Romanos a Filemom), embora alguns eruditos suponham que Hebreus também tenha sido escrita por esse apóstolo.

Pregador, Escritor com Treze Epístolas Publicadas...

Além de ser considerado um dos maiores pregadores e ensinadores da História da Igreja, Paulo é o principal escritor do Novo Testamento, com treze epístolas publicadas (quase a metade dos 27 livros neotestamentários). Em toda a Bíblia, em termos de quantidade de obras, ninguém o supera, haja vista quase um quarto dos 66 livros bíblicos serem de sua autoria. Ler e estudar Atos dos Apóstolos — especialmente a partir do seu capítulo 6, no qual Saulo de Tarso é mencionado de modo indireto —, à luz das epístolas paulinas, é a melhor maneira de conhecer o curriculum vitae de Saulo (Paulo) de Tarso. Quando, onde e por que foram escritas as cartas de Paulo?

Gálatas. Esta é uma carta bastante autobiográfica, assim como 1 e 2 Coríntios, e revela detalhes importantes da vida de Paulo. Alguns eruditos dizem que ela foi escrita em 55 d.C., em Éfeso, durante a Terceira Viagem Missionária de Paulo. No entanto é mais provável que tenha sido a primeira epístola paulina — como também o primeiro livro neotestamentário —, escrita em 49 d.C., antes do retorno da Primeira Viagem

Missionária de Paulo. Em Gálatas, ele apresenta uma veemente e enérgica defesa do evangelho da graça de Deus.

1 Tessalonicenses. Se Gálatas foi escrita em 55 d.C., como pensam alguns eruditos, as duas cartas à igreja de Tessalônica teriam sido os primeiros livros do Novo Testamento, escritos em 51 ou 52 d.C., em Corinto. O assunto principal da primeira epístola aos cristãos tessalonicenses é a Segunda Vinda de Jesus Cristo, a qual é mencionada em todos os seus capítulos.

2 Tessalonicenses. Também escrita em 51 ou 52 d.C., em Corinto, possivelmente, essa carta de Paulo contém uma das abordagens mais esclarecedoras do Novo Testamento a respeito dos sinais indicadores da Segunda Vinda, mencionando a iniquidade vigente nesses últimos dias e as características do Anticristo e do Falso Profeta.

1 Coríntios. Apesar de aparecer na Bíblia depois de Romanos, essa epístola foi escrita em 56 ou 57 d.C., durante a Terceira Viagem Missionária de Paulo, em Éfeso. Ele a escreveu tendo em mente dois

objetivos: tratar dos sérios problemas e pecados da igreja de Corinto, bem como aconselhar e doutrinar os crentes sobre variados assuntos que lhe haviam encaminhado por escrito.

2 Coríntios. Escrita em 57 d.C., pelo que tudo indica, na Macedônia, com o propósito principal de encorajar a maioria da igreja coríntia, a qual lhe era fiel, além de refutar e desmascarar os difamadores e falsos apóstolos. Um segundo propósito dessa carta, que é a mais autobiográfica de todas as epístolas paulinas, foi o de repreender uma minoria de crentes que se deixava influenciar por enganadores. O pregador Paulo dava atenção às minorias.

Romanos. Principal epístola paulina — bem como a mais longa, teológica e influente —, deve ter sido escrita entre 57 e 58 d.C., quando Paulo estava hospedado na casa de Gaio, em Corinto. Seu propósito, ao escrevê-la, foi duplo: pormenorizar o evangelho da graça de Deus — a doutrina da salvação em Cristo —, o qual esse apóstolo já pregava havia muitos anos, e corrigir certos problemas da igreja romana causados por atitudes

erradas verificadas na relação entre judeus e gentios.

Colossenses. Escrita em 61 ou 62 d.C., em Roma, Colossenses é uma carta semelhante a Efésios e enfatiza a perfeição do crente que permanece "em Cristo". "(1) Mais do que qualquer outro livro do Novo Testamento, Colossenses focaliza a dupla verdade da preeminência de Cristo e da perfeição do crente nEle. (2) Afirma com toda intensidade a plena divindade de Cristo (2.9) e contém um dos trechos mais sublimes do Novo Testamento a respeito da sua glória (1.15-23). (3) Às vezes, Colossenses é tida como uma 'epístola gêmea' de Efésios, porque as duas têm certas semelhanças de conteúdo, e foram escritas provavelmente na mesma época" (STAMPS, p. 1832).

Filemom. Paulo escreveu a Epístola a Filemom em 61 ou 62 d.C., em Roma, com o propósito de interceder em favor de Onésimo, um escravo fugitivo. Segundo a lei romana, o escravo que fugisse de seu dono podia ser sentenciado à morte. Por isso, o apóstolo Paulo escreveu a Filemom a

fim de convencê-lo de que Onésimo se convertera e agora poderia ser um bom companheiro. Trata-se da mais breve epístola paulina e revela como Paulo e a igreja primitiva tratavam do problema da escravidão no império romano. "Ao invés de atacá-la diretamente ou de instigar rebelião armada, Paulo expôs princípios cristãos que eliminavam a severidade da escravidão romana e que finalmente levaram à sua abolição total no meio da Cristandade" (STAMPS, p. 1893).

Efésios. Esta é considerada uma carta gêmea de Colossenses. Ambas apresentam semelhanças em seus conteúdos e foram escritas em Roma, em 62 ou 63 d.C. A expressão "em Cristo" e referências à obra do Espírito Santo aparecem com muita frequência nessa epístola aos crentes de Éfeso.

Filipenses. Trata-se de uma carta muito pessoal e afetuosa de Paulo aos seus irmãos de Filipos, escrita em 62 ou 63 d.C., em Roma. Como fundador da igreja em Filipos, Paulo estimulou os irmãos a estarem sempre felizes, regozijando-se no Senhor.

1 Timóteo. Nas duas cartas a Timóteo há muitas

instruções para os obreiros. Paulo escreveu a primeira epístola na Macedônia, em 64 ou 65 d.C., a fim de exortar seu possível sucessor a respeito do seu trabalho para o Senhor e lhe dar instruções a respeito de assuntos e problemas da igreja de Éfeso, onde o jovem obreiro atuava.

Tito. Escrita em 65 ou 66 d.C., também na Macedônia, possivelmente, destina-se ao pastor de Creta, Tito, um companheiro muito amado de Paulo que estava sob sua liderança. Não se sabe se esse apóstolo, pessoalmente, colocou Tito à frente da igreja cretense ou se designou alguém para fazer isso.

2 Timóteo. Escrita em Roma, em 67 d.C., trata-se da derradeira carta de Paulo e contém suas últimas palavras escritas e muitas instruções valiosas. A despedida de Paulo, constante do capítulo 4, é bastante comovente e revela o quanto ele, momentos antes de seu martírio, estava confiante no Senhor.

Antes e Depois de Cristo

Saulo de Tarso começou a ser chamado pelo nome romano de Paulo em Pafos, na ilha de Chipre, em sua primeira viagem missionária, quando resistiu a Elimas, o mágico ou feiticeiro, na corte do procônsul Sérgio Paulo (At 13.9). As suas trezes epístolas começam com o seu nome romano, como Efésios: "Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos que estão em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus". No entanto, não há menção no Novo Testamento de que o seu nome tenha sido mudado de Saulo para Paulo. Na condição de judeu e cidadão romano, ele tinha, pelo menos, dois nomes: um nome de família, Saulo, e outro romano, Paulo. Naqueles dias, o uso de um nome grego ou latino em lugar de um nome judaico era comum entre os judeus da Diáspora.

A partir do encontro de Paulo com Jesus Cristo, a caminho de Damasco, bem que a inscrição d.C. (depois de Cristo) poderia ser acrescentada ao seu nome, visto que ali a sua vida foi radicalmente transformada (Fp 3.7-14). Um fanático fariseu que, outrora, demonstrara ter tanto ódio no coração passou a cantar hinos de amor, como o registrado

em 1 Coríntios 13. Em Filemom, vemos como ele se tornou sensível e terno, muito diferente do tempo em que, ao perseguir os cristãos, demonstrava ter um comportamento intolerante e rigoroso. A despeito de seu passado, Paulo, sem dúvida, é a figura mais importante do cristianismo — depois do Senhor Jesus Cristo — e paradigma para todos os expoentes da Palavra de Deus.

Quando comparamos Gálatas 1.13 e Atos 20.28, vemos que, ao se converter, ele passou de ferrenho perseguidor da Igreja de Deus (gr. *ekklesian tou theou*) a ardoroso defensor dela. E os que outrora o admiravam passaram a persegui-lo. A partir daí, seu curriculum vitae começou a ser reescrito. Nos "tempos da ignorância" (At 17.30), Saulo a.C. perseguiu a igreja (Fp 3.6) "até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres" (At 22.4). Sua salvação era tida como "impossível", mas Jesus se revelou a ele (At 9.3-5; 1 Co 9.1) e falou-lhe em hebraico (At 26.14), a despeito de a língua corrente, naqueles dias, ser o grego.

Paulo d.C., após ter sido alcançado pela graça

salvadora, renunciou seu passado como fariseu e declarou: “o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo” (Fp 3.7,8).

Depois do martírio do jovem pregador Estêvão, Saulo a.C. se distinguiu acima de todos os seus correligionários na perseguição da igreja em Jerusalém. Ele assolava os primeiros cristãos, ameaçava-os de morte e os levava às prisões (At 8.3; 9.1). Ele mesmo reconheceu que o assassinato de Estêvão não foi o único de que participou: “encerrei muitos dos santos nas prisões; e, quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles” (At 26.10).

A ação de Saulo a.C. na perseguição aos cristãos se dava “nos bastidores”. Ele não pegava em pedras, mas usava a sua inteligência e as suas habilidades para que os assassinos fizessem tudo “dentro da lei” (cf. At 6.11). Saulo pedia cartas ao sumo sacerdote

para prender os que nas sinagogas estavam se convertendo a Cristo (At 9.2). E até em outras cidades perseguia os cristãos (At 22.5), obrigando-os a blasfemarem (26.11,12).

Paulo d.C. tornou-se muito diferente de Saulo a.C. e, por isso mesmo, podia afirmar: "se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17). Entretanto, mesmo o Saulo a.C. — sem saber — já tinha sido fundamental para a propagação do evangelho. Ao perseguir os cristãos, "obrigou-os" a saírem de sua zona de conforto, em Jerusalém, e pregarem a Palavra de Deus nas cidades do entorno da Judeia (At 8.1-4; 1.8). Por causa de Saulo a.C., boa parte dos membros da igreja nascente foi para Damasco, e outra, para Antioquia da Síria, onde os cristãos frequentavam as sinagogas judaicas e anunciavam que Jesus, o Cristo, havia ressuscitado. "Em todas as sinagogas havia um local separado para os adoradores gentios; muitos destes ouviram o evangelho em Antioquia e aceitaram a fé em Cristo" (HURLBUT, p. 30).

“Saulo, que também se Chama Paulo”

Quase todas as fontes da vida do pregador Paulo estão no Novo Testamento. O período final da sua biografia, posterior às alusões bíblicas, pode ser encontrado nas “tradições preservadas por Clemente de Roma” (MCKENZIE, p. 701). Saulo — hb. *Sha’ul*, mesmo nome do primeiro rei de Israel, Saul, o benjamita mais famoso da história — nasceu, possivelmente, em 5 d.C., na cidade de Tarso. À época, esta era um notável centro de instrução da Cilícia, quase tão célebre quanto Alexandria e Atenas. O ano do nascimento de Saulo é calculado a partir da afirmação de que ele era jovem ao tempo da morte de Estêvão (At 7.58), evento de data incerta, porém não muito posterior à morte de Jesus. Há também quem afirme que ele nasceu “pelo ano 2 antes de Cristo, quando estava no seu auge o poder do imperador romano César Augusto” (BUCKLAND, p. 329).

Em Tarso estava a sede de uma renomada universidade — famosa por causa de estudantes como Atenodoro, tutor e confidente do imperador

Augusto, e o igualmente eminente Nestor —, situada sobre o rio Cidno, a uns vinte quilômetros do mar. "Era tão grande a reputação da cidade que César Augusto, ele mesmo educado por Atenodoro de Tarso, escolheu Nestor, outro educador da cidade como mestre de seu filho. [...] O imperador Augusto [...] ficou tão impressionado com a cultura da cidade que lhe permitiu ter seus próprios tribunais e nomear seus magistrados" (BALL, p. 9). Ali, durante a sua infância e adolescência, Saulo deve ter estudado filosofia e poesia antiga. É certo, ainda, que, desde a infância, falasse grego e tivesse conhecimento de latim, aramaico e hebraico. Embora a educação helenística tivesse contribuído para tornar Saulo um argumentador de grande força entre os gentios (cf. At 17.28; 1 Co 15.35; Tt 1.12), seu pai, como um severo fariseu, não teria permitido que ele se enredasse pela filosofia moral pagã prevalecente na Cilícia.

No início da Era Cristã, havia inúmeros grupos judeus político-religiosos. Os saduceus, os fariseus, os essênios de Qumram e os zelotes eram os principais. A seita dos fariseus (hb. *perushim*, "os

separados"), a mais numerosa, formava o núcleo do judaísmo rabínico, reunindo muitos escribas e doutores da Lei, e dava grande ênfase ao estudo da Torah. Fiéis à observância da Lei, eles se distinguiam dos saduceus num ponto: estes se limitavam estritamente à letra, ao que estava escrito, enquanto aqueles respeitam também, ao extremo, a tradição oral. O farisaísmo opôs--se ferrenhamente à igreja nascente. E, por isso, os Evangelhos retrataram os fariseus como hipócritas, presos à Lei muito mais que a seu espírito (Mt 23.13-32).

Haja vista a preocupação com o aumento do contato de Saulo com os costumes helênico-orientais de Tarso — onde habitavam cilicianos nativos, hititas, persas, gregos, macedônios e assírios —, seu pai o enviou à Palestina, possivelmente no ano em que o imperador César Augusto morreu, em 14 d.C. Ao chegar ali, pelo mar, o rapaz subiu os montes e chegou a Jerusalém, a fim de receber educação rabínica, durante seis anos, aos pés do célebre fariseu Gamaliel (At 22.3). Este era neto do igualmente famoso mestre Hillel,

que faleceu com mais de cem anos de idade. Saulo teria aprendido nessa escola técnicas exegéticas e de oratória, bem como a "disputar", isto é, debater mediante perguntas e respostas.

Enquanto "o lugar de nascimento de Paulo foi Tarso, sua criação, tanto em casa como na escola, foi em Jerusalém. Sustentando esta conclusão com muitas evidências vindas da literatura antiga, Van Unnik arrisca a hipótese de que a mudança de Tarso 'ocorreu bem cedo na vida de Paulo, aparentemente antes que ele começasse a espiar pela fechadura e, certamente, antes de perambular pelas ruas'" (PFEIFFER, p. 1473). Sendo o jovem Saulo dois anos mais velho (ou cinco mais novo) do que Jesus Cristo, ele podia ter ouvido pelo menos falar do Senhor e de outros pregadores, como João Batista e os doze apóstolos. Entretanto, pelo que se infere da narrativa de Lucas em Atos dos Apóstolos, o jovem israelita jamais teria visto o Senhor durante o seu ministério terreno, já que sua chegada a Jerusalém teria ocorrido, possivelmente, depois da morte de Jesus, no ano 30 d.C.

Embora o nome Paulo (l. *Paulus*, "pequeno")

apareça dezenas de vezes no Novo Testamento (129 em Atos dos Apóstolos), sua primeira ocorrência, em Atos 13.7, não faz referência ao personagem em apreço, e sim a um procônsul romano que governava a ilha de Chipre: Sérgio Paulo. Na mesma passagem, o nome latino do pregador aparece pela primeira vez (v. 9). Nas epístolas paulinas, esse nome é mencionado vinte e nove vezes: uma em Romanos; nove em 1 e 2 Coríntios; duas em Gálatas; duas em Efésios; uma em Filipenses; três em Colossenses; quatro em 1 e 2 Tessalonicenses; duas em 1 e 2 Timóteo; uma em Tito; e três em Filemom. Pedro é o único apóstolo que cita Paulo em suas cartas, e de maneira positiva: "tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada" (2 Pe 3.15).

Pedro enviou sua segunda carta aos crentes da Ásia Menor (onde Paulo era muito conhecido) perto de seu martírio, entre 66 e 68 d.C. Chama a atenção o fato de ele não ter chamado de apóstolo a quem, à época, já era o principal referencial da

igreja primitiva. Isso, porém, não significa que Pedro desprezava o apostolado de Paulo. Na verdade, o Mestre dos mestres, Jesus Cristo, ensinara os apóstolos a se tratarem simplesmente como irmãos (Mt 23.8). E esse tratamento também implicava respeito, como ficou patente no Concílio de Jerusalém, logo após a primeira viagem missionária de Paulo. Ali, conquanto estivesse clara a existência de uma ordem hierárquica para o bom andamento da obra do Senhor (At 15.6,22), tanto Pedro como Tiago chamaram os apóstolos, anciãos (presbíteros) e toda a igreja de "Varões irmãos" (vv. 7,13), sem distinção.

Portanto, o jovem Saulo, que também se chamava Paulo, judeu e também romano, falante de aramaico e também de grego, conhecedor das Escrituras e também da cultura helênico-oriental, tinha um currículo impecável perante os adeptos extremistas do judaísmo. Rígido e zeloso "fariseu, filho de fariseu" (At 23.6), "circuncidado ao oitavo dia, [...] hebreu de hebreus" (Fp 3.5), ele se destacou como perseguidor da igreja nascente (Gl 1.13). E seu maior feito como tal foi a participação

destacada, decisiva, na morte do diácono Estêvão, em 34 d.C., a qual deixou profunda e duradoura impressão no espírito de Paulo (At 7.58; 8.1; 22.20).

O Vencido Venceu seu Vencedor

A experiência da conversão de Paulo é difícil de analisar, haja vista os poucos exemplos registrados na História de Israel e da Igreja de conversões aparentemente repentinas e completas. Entretanto, embora as notas contidas nas Epístolas Paulinas e em Atos dos Apóstolos pareçam indicar que a conversão de Saulo tenha sido súbita, alguns eruditos acreditam que ele já havia tido experiências que o prepararam previamente para o encontro com o Senhor Jesus. Afinal, antes de seu encontro real com Jesus Cristo, a caminho de Damasco, o jovem Saulo ouviu o evangelho e viu o Senhor através de um "homem cheio de fé e do Espírito Santo" (At 6.5), em Jerusalém.

Paulo, o maior pregador da igreja primitiva, depois do Senhor Jesus, aparece pela primeira vez na Bíblia como perseguidor da igreja e com o nome

de Saulo (mencionado 22 vezes em Atos dos Apóstolos), na dramática narrativa do assassinato de Estêvão: "E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo" (7.58). Ele também é mencionado de modo indireto em Atos 6.9: "E levantaram-se alguns que eram da sinagoga chamada dos Libertos, e dos cireneus, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, e disputavam com Estêvão".

A pregação sob a unção do Espírito Santo e a autoridade do jovem diácono Estêvão (gr. *Stéphanos*, "coroa") devem ter incitado o jovem fariseu a tomar parte do mencionado apedrejamento. Enquanto choviam pedras sobre Estêvão, que, por suas qualidades e mensagem cristocêntrica (At 7.2-56), tinha tudo para ser um dos principais mestres e pregadores itinerantes da igreja primitiva, o outro jovem, Saulo, se apressava a completar o que as falsas testemunhas haviam iniciado. Enquanto o sangue de Estêvão vertia dos cortes e ferimentos, diante de uma plateia justiceira e implacável, ele, de joelhos, orava. O jovem Paulo

não ouviu a oração de Jesus, na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Mas Deus o fez ver o sofrimento e a graça de Jesus Cristo através de Estêvão, o qual, ao tentar dominar a dor, ajoelhou-se e clamou: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7.60).

Segundo muitos eruditos, a descrição do martírio do diácono-pregador Estêvão deixa claro que seu apedrejamento não foi um ato oficial, e sim um linchamento. O Sinédrio, corte suprema dos judeus, “dispunha de uma polícia e podia, ao que parece, emitir sentenças de morte, mas talvez, durante a ocupação romana, elas tivessem de ser ratificadas pelo procurador” (FOUILLOUX, p. 245). E essa ratificação não aconteceu. “O Sinédrio não tinha o direito de impor a pena de morte sem o consentimento do governador romano. A referência às testemunhas (At 7.58), as quais se julgavam que fossem as primeiras pessoas a lançar pedras a uma pessoa condenada (Dt 17.7), pode denotar um procedimento de julgamento; mas a explosão de ira no versículo 57 indica que Estêvão caiu vítima da ação de uma turba fanática”

(ARRINGTON; STRONSTAD, p. 666).

Pôncio Pilatos, o procurador da Judeia entre os anos 26 e 36, morava em Cesareia e só subia a Jerusalém para as grandes festas. É bem possível que esse agente romano, muito malvisto pelos judeus, à época — pois mandara construir um aqueduto com dinheiro tirado do Templo —, tenha novamente "lavado as mãos" (cf. Mt 27.24) e permitido que os fanáticos judeus fizessem "justiça com as próprias mãos". "O fanatismo era tanto que perderam a razão. E entraram em histeria total. A maneira como Lucas descreveu essa cena dá a entender que houve um linchamento popular. Roma havia cassado o direito de Israel aplicar a pena capital sobre os condenados. O texto nada fala da reação dos romanos e nem de um julgamento. É possível que Pilatos tenha feito 'vista grossa'" (SOARES, p. 56).

Mesmo depois que a testemunha de Cristo tombou e perdeu a consciência, a chuva de pedras não cessou. Cada judeu que atirava uma pedra, cheio de ódio, pensava consigo que estava aniquilando a seita do Caminho, que tanto

ameaçava o judaísmo. Por que Deus permitiu tudo isso? Não podia o Senhor ter livrado o jovem pregador Estêvão daquela morte tão horrenda? Os caminhos e pensamentos do Senhor realmente são mais altos do que os nossos (Is 55.9).

Aquele jovem fanático e fundamentalista — é provável que Saulo e Estêvão tivessem quase a mesma idade, menos de 40 anos —, que pensava estar calando uma voz que tanto irritava os judeus incrédulos em Jerusalém, se tornaria uma voz ainda mais "irritante", que ecoaria para além dos círculos judaicos, "alvoroçando" a Síria, Chipre, toda a Ásia Menor, Grécia, Itália, *etc.* Se João Batista foi a voz que clamou no deserto, Paulo foi a voz que clamou nas sinagogas, nas Ágoras, no Areópago, pelas casas, em todos os lugares em que ele podia pregar e ensinar, "a tempo e fora de tempo" (2 Tm 4.2).

Pelas características de Estêvão mencionadas em Atos dos Apóstolos, não há dúvida de que ele teria sido um pregador itinerante de grande destaque, caso não tivesse morrido precocemente. Tudo indica que ele falava o grego e o aramaico fluentemente, além de ser um ágil pensador, capaz

de gerar controvérsias e confundir a mente dos que se opunham ao evangelho. A principal razão pela qual os judeus incrédulos o odiavam era a inveja. Estêvão tinha boa reputação e era tão cheio de sabedoria e do Espírito Santo (At 6.3-5) que ninguém podia "resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava" (v. 10). Além disso, "cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo" (v. 8). Paulo e seus pares não se conformavam em ficar sem argumentos e perder o debate para um adepto da seita do Caminho.

Quando o Império Romano conquistou a Grécia, no século II a.C., houve grande euforia. Os romanos não sabiam que, ao prevalecer no campo bélico, eles é que estavam sendo conquistados, pois, a partir de sua vitória militar, Roma passou a absorver toda a cultura helenista. As carruagens triunfantes carregavam escravos, com os quais estava a cultura, a religião e o idioma gregos, os quais, pouco a pouco, foram sendo difundidos por todo o império. A religião oficial de Roma adotou boa parte da mitologia e do panteão gregos. Divindades romanas foram associadas a deuses da

Grécia. Zeus foi chamado de Júpiter, Hermes, de Mercúrio, Afrodite, de Vênus, *etc.* E daí surgiu um adágio latino: "A Grécia vencida venceu seu vencedor".

Ao olharmos para a biografia de Paulo, vemos que com ele aconteceu o mesmo que a Roma, no episódio envolvendo o apedrejamento de Estêvão. Este, morto e vencido, venceu seu vencedor, Saulo de Tarso, que jamais conseguiu apagar de sua memória o "rosto como o rosto de um anjo" da fiel testemunha do Senhor Jesus Cristo (At 6.15; 22.20). Todo o ódio que Paulo demonstrava ter contra os cristãos era, na verdade, uma maneira de tentar resistir ao convencimento do Espírito Santo. Por isso, é importante orarmos por pessoas que verberam com frequência contra a fé cristã e se opõem aos ensinos de Jesus Cristo. Em muitos casos, são pessoas que estão sendo convencidas pelo Espírito Santo (cf. Jo 16.8-11).

Saoul, Saoul, ti me Diokeis?

No primeiro século da Era Cristã, o Império Romano não interferia na vida das comunidades

étnicas sob seu domínio; elas eram governadas por leis nacionais próprias. Em Damasco, a comunidade judaica estava subordinada à autoridade do conselho dirigente de Jerusalém. Nesse caso, as cartas outorgadas a Saulo de Tarso pelas autoridades de Jerusalém davam-lhe o direito de efetuar prisões na mencionada cidade Síria. Em seu zelo para exterminar a nova "heresia" fora dos círculos judaicos e opor-se à evangelização na Síria, Paulo dirigiu-se a Damasco. Mas, a caminho dessa cidade, converteu-se repentinamente ao mesmo evangelho que queria tão energicamente destruir.

Três passagens de Atos dos Apóstolos narram a conversão de Paulo: 9.1-18; 22.1-16; e 26.1-18. As variantes desses relatos se completam. "Quando lemos Atos 9.7 e 22.9, temos a impressão de que há uma contradição. No primeiro texto, Lucas disse: 'E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém'. No entanto, Paulo pareceu testemunhar o contrário: 'E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito; mas não ouviram a voz daquele que falava comigo'. [...] Considerando que

a palavra ‘ninguém’ significa ‘nenhuma pessoa’, os homens ouviram a voz, mas não conseguiram ver a pessoa que falava com Paulo. [...] O significado do verbo ‘ouvir’, nessa passagem, é ‘entender’. [...] Por conseguinte, não há contradição alguma. A comparação das passagens mostra que os homens viram a luz e ouviram a voz de Jesus. Entretanto, não conseguiram ver quem falava nem entender a mensagem transmitida exclusivamente a Saulo” (ZIBORDI, 2005, p. 88).

Nos três relatos do encontro de Paulo com Jesus fica clara a importância decisiva da experiência de Damasco, não apenas na conversão de Saulo, mas também em determinar as qualidades pessoais de sua fé e de seu evangelho. Ele reconheceu de imediato o senhorio de Jesus Cristo e não lhe foi desobediente (At 9.6; 22.10,11; 26.19). Ao ficar cego durante três dias (9.8,9), teve um bom tempo para refletir sobre atitudes e decisões erradas. Seu encontro com Cristo marcou sua vida de maneira extraordinária, mudando completamente a sua maneira de pensar e agir, dando--lhe a certeza de sua chamada para ser apóstolo de Jesus Cristo (1

Co 9.1). “Paulo baseou sua convicção de que tinha visto o Jesus real na carne — Jesus ressuscitado e glorificado; e essa experiência foi a base de sua reivindicação de que era um apóstolo do mesmo grau e com os mesmos direitos dos Doze” (MCKENZIE, p. 702).

Tanto o derramamento do poder dinâmico do Espírito, no dia de Pentecostes, em Jerusalém, como a transformação de Paulo, perto de Damasco — talvez, os principais acontecimentos da igreja primitiva —, aconteceram de repente (At 2.2; 22.6). Em Jerusalém, de repente veio do céu um som como de um vento veemente e impetuoso que encheu toda a casa, e os pecadores viram e ouviram as línguas como que de fogo que pousaram sobre os crentes (At 2.1-8). A caminho de Damasco, de repente veio do céu um resplendor de luz, mas os pecadores, a despeito de verem a luz, não ouviram a voz do Senhor Jesus, que disse a Paulo: “Saulo, Saulo, porque me persegues? [gr. *Saoul, Saoul, ti me diokeis?*]” (At 22.5-7).

A maneira como Jesus abordou a Paulo foi compatível com o modo usado por Deus nos

tempos do Antigo Testamento para chamar alguém para uma grande missão (Gn 46.2; Êx 3.4; 1 Sm 3.10, etc.). Mas Paulo recebeu, na verdade, uma dupla convocação: ao mesmo tempo em que o Senhor chamou-o para receber a salvação, escolheu-o para exercer o ministério de pregação aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel (At 9.15). Observe que o Senhor Jesus não perguntou a Paulo se este queria "aceitá-lo como único e suficiente Salvador". Deus não pede à humanidade que o aceite, mas notifica a todos que devem se arrepender (At 17.30). É Ele quem aceita o pecador! Jesus, ao andar na terra, jamais pediu ou implorou que as pessoas o aceitassem (Lc 9.23); Ele apenas as convocava a segui-lo (Mt 4.19; Lc 5.27-32).

Tendo perdido a sua visão temporariamente, por causa do resplendor de luz, Paulo se humilhou diante do que falava e lhe respondeu com outra pergunta: "Quem és Senhor?", recebendo dEle uma resposta triplamente reveladora: "Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues" (At 22.8).

Primeira revelação. Antes de sua morte vicária, o Senhor afirmou: "Eu o sou [o Cristo]" (Jo 4.26); "Eu

sou o pão da vida" (6.35); "Eu sou o pão que desceu do céu" (v. 41); "Eu sou o pão vivo que desceu do céu" (v. 51); "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8.12); "Eu sou o que testifico de mim mesmo" (v. 18); "eu sou de cima" (v. 23); "antes que Abraão existisse, eu sou" (v. 58); "eu sou a porta das ovelhas" (Jo 10.7); "Eu sou a porta" (v. 9); "Eu sou o bom Pastor" (duas vezes: vv. 11,14); "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11.25); "Eu sou a luz que vim ao mundo" (Jo 12.46); "eu o sou [Mestre e Senhor]" (Jo 13.13); "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6); "Eu sou a videira verdadeira" (Jo 15.1); "Eu sou a videira, vós as varas" (v. 5). Depois de sua morte e ressurreição, Jesus disse: "Eu sou o Alfa e o Ômega" (quatro vezes: Ap 1.8,11; 21.6; 22.13); "Eu sou o primeiro e o último" (Ap 1.17); "Eu sou aquele que sonda os rins e os corações" (Ap 2.23); "Eu sou a Raiz e a Geração de Davi" (Ap 22.16). Mas somente a Paulo o Senhor disse: "Eu sou Jesus" (At 9.5; 22.8; 26.15). Que revelação gloriosa!

Segunda revelação. O Senhor nunca havia se apresentado como Jesus Nazareno, a despeito das profecias messiânicas: "para que se cumprisse o que

fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno" (Mt 2.23). Seus discípulos o chamavam de Nazareno (Lc 24.19; At 3.6). Seus inimigos o chamavam de Nazareno (Jo 18.5-7; At 6.14). As pessoas, de modo geral, o chamavam de Nazareno (Lc 18.37). Os demônios o chamavam de Nazareno (Mc 1.24; Lc 4.34).

Os anjos de Deus o chamavam de Nazareno (Mc 16.6). Pilatos conferiu-lhe o título de "Jesus Nazareno, Rei Dos Judeus" (Jo 19.19). No dia de Pentecostes, Pedro começou assim a sua pregação: "A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus" (At 2.22). Mas somente a Paulo o Senhor disse: "Eu sou Jesus, o Nazareno" (At 22.8). Que privilégio!

Terceira revelação. Paulo não acreditava na história de que Jesus havia ressuscitado. Causou-lhe grande surpresa a revelação de que perseguia não só o Caminho, mas o próprio Senhor. Até então, ele estava convicto de uma coisa: "contra o nome de Jesus, o Nazareno, devia eu praticar muitos atos" (At 26.9). Como Paulo não conhecia o Nazareno, pensava que este era apenas o líder morto da seita

dos nazarenos (cf. At 24.5). Ao descobrir que a pregação dos apóstolos e a do mártir Estêvão, especialmente, era verdadeira, Paulo chamou Jesus novamente de Senhor, reconhecendo, de fato, seu senhorio: "Senhor, que farei?" Ele estava pronto a cumprir todas as ordens de Jesus. E este lhe respondeu: "Levanta-te e vai a Damasco, e ali se te dirá tudo o que te é ordenado fazer" (22.10). Começa aqui a carreira do maior pregador itinerante que já andou na terra, depois de Jesus Cristo.

Treze Retratos do Pregador Paulo

Se eu convidasse o leitor a escolher treze versículos — um de cada epístola escrita por Paulo —, a fim de apresentar treze retratos dele, quais seriam as referências escolhidas? Fiz a minha escolha e gostaria de compartilhá-la. Penso que esses treze versículos, um de cada epístola paulina, apresentam treze facetas importantes do ministério desse admirável e exemplar pregador e conferencista internacional.

Romanos 1.1. Neste versículo, Paulo é apresentado como "servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus". Quantos pregadores itinerantes têm, de fato, essas três características? Muitos se dizem servos, mas sua conduta não é de quem obedece ao Senhor. Outros, a despeito de se dizerem chamados por Deus, são apressados, não respeitam a liderança da igreja e fazem o que bem entendem. E, ainda, outros pregam falsos evangelhos, como a falaciosa Teologia da Prosperidade, e não o evangelho de Deus.

1 Coríntios 11.1. Quantos pregadores, nos dias de hoje, podem ser imitados ou dizer: "Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo?". Poucos. Conheço alguns dignos de ser imitados, homens que têm compromisso com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra, humildes, piedosos, equilibrados, firmes na fé, que andam como Jesus andou (At 10.38; 1 Jo 2.6). Ser um paradigma como Paulo não é fácil, pois é preciso ser santo, fiel a Jesus Cristo em tudo, ousado, homem de oração, disposto a sofrer pela causa do evangelho, *etc.* O

leitor tem essa disposição? Deseja, mesmo, tornar-se um pregador imitável, um referencial para outros pregadores?

2 Coríntios 11.4. Aqui, Paulo se apresenta como um apologista, um defensor do evangelho que alerta quanto a "outro Jesus", "outro espírito" e "outro evangelho". As igrejas precisam de pregadores assim, que apresentam a verdade, mas também se opõem ao erro. Nesses últimos dias, estão surgindo muitos falsos evangelhos. E este termo alude a heresias que surgem no meio do povo de Deus, e não a heresias que vêm de fora. Falsos evangelhos são as falsas boas-novas de salvação, pelas quais se apresenta o mal misturado com o bem, que é muito pior que o mal declarado. Falsos mestres têm falsificado o evangelho por causa do dinheiro (2 Co 2.17); eles "são capazes de fazer, por avareza, 'negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita' (2 Pe 2.3). E não é isso que vemos em nossos dias? Os falsos mestres estão por aí vendendo as suas 'indulgências', pregando um evangelho falso,

centrado no ‘ter’” (ZIBORDI, 2006, p. 79).

Gálatas 6.17. Paulo é o pregador-sofredor, que padece pela causa do evangelho. Nos dias de hoje, muitos pregadores itinerantes têm “presença de palco”, anéis enormes nos dedos, roupa reluzente, sapato colorido e brilhante, penteado de galã, voz de locutor e muita soberba. Mas nenhum deles pode dizer como Paulo: “Desde agora, ninguém me inquiete; porque trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus”.

Efésios 3.1. Esta passagem apresenta o pregador em apreço como “prisioneiro de Jesus Cristo”. Paulo foi preso várias vezes e sofreu por amor ao evangelho. Ele, de fato, era perseguido porque pregava a Cristo crucificado.

Filipenses 4.13. Aqui, Paulo é o pregador fortalecido pelo Senhor, que pode todas as coisas nEle. E, se o leitor quiser saber de que coisas esse apóstolo estava falando, abra a sua Bíblia em Romanos 8.35-39 e 2 Coríntios 6.4-10. Os pregadores da prosperidade financeira dizem que o crente pode ganhar muito dinheiro, pode ser rico,

pode isto e aquilo. Mas, quando Paulo disse "Posso todas as coisas naquele que me fortalece", aludia principalmente aos sofrimentos. Ele sabia que nada — nem a morte — o separaria do amor de Deus. E, em Cristo, ele podia suportar açoites, prisões, tumultos, trabalhos, vigílias, perigos, infâmia, pobreza, fome, angústia e dizer: "em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou" (Rm 8.37).

Colossenses 1.24. Este versículo apresenta Paulo como um pregador itinerante que ama as igrejas. "Regozijo-me, agora", disse ele, "no que padeço por vós e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja". Possivelmente, foram os cooperadores de Paulo que fundaram a igreja de Colossos, no período de três anos em que ele permaneceu em Éfeso. Mesmo sem conhecer os colossenses, preocupava-se com eles. "Paulo talvez nunca tenha visitado Colossos pessoalmente (Cl 2.1), mas mantivera contatos com a igreja através de Epafras, um dos seus convertidos e cooperadores naquela cidade (Cl 1.7; 4.12)" (STAMPS, p. 1831-1832). Como alguém pode ficar

pouco tempo entre os irmãos ou, talvez, sequer conhecê-los pessoalmente — apenas ouvir falar deles (cf. Cl 1.4) —, e ainda dizer o que Paulo disse?

1 Tessalonicenses 1.5. Neste texto, Paulo é retratado como um pregador persuasivo, que tem uma mensagem eficaz: "o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra [gr. *logos*], mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção [gr. *pathos*], assim como sabeis ter sido o nosso procedimento [gr. *ethos*] entre vós e por amor de vós" (1 Ts 1.5, ARA). Essas três palavras originais destacadas representam, de acordo com a retórica clássica, o conteúdo verbal da mensagem (*logos*); o fervor, a paixão, o sentimento e a eloquência do orador (*pathos*); e o caráter percebido deste, o que tem a ver com a ética (*ethos*).

2 Tessalonicenses 3.7. Aqui há mais que uma reiteração do retrato contido em 1 Coríntios 11.1. Paulo diz que os tessalonicenses sabem como convém imitá-lo e chama a atenção para o fato de que ele não se portou de modo desordenado entre

eles. Pregadores itinerantes que imitam a conduta de Paulo, portanto, preocupam-se com a ordem. Eles não são irresponsáveis a ponto de dizerem ao público: "Aqui temos liberdade para fazermos o que quisermos. Se alguém quiser plantar bananeira, plante-a; se quiser dançar, dance; se quiser pular, pule; faça o que quiser". Deus preza a ordem e a decência, especialmente no culto (1 Co 14.40). E, por isso, Paulo, inspirado por Deus, disse: "Se alguém cuida ser profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor" (1 Co 14.37).

1 Timóteo 2.7. Em um único retrato vemos a tríplice chamada de Paulo, constituído pregador, apóstolo e doutor dos gentios. Poucos têm recebido uma chamada multifacetada como a de Paulo. Ele era um apóstolo, isto é, um enviado de Deus para ser um propagador do evangelho e líder extremamente influente (1 Co 9.1-3; 2 Co 10,11) — não confunda com missionário —, um pregador (1 Co 2.1-5; Tt 1.3), como temos visto, e também um doutor. Prezo o estudo acadêmico e, por graça de Deus, frequentei e frequento a academia. Mas

lamento quando vejo teólogos contaminados pela "academicite". Quem é atingido por essa doença menospreza alguns mestres piedosos levantados por Deus só porque estes não têm um pós-doutorado, um doutorado, um mestrado ou até mesmo uma graduação. Lembremo-nos de que o título de doutor, na Bíblia, não é conferido a acadêmicos, e sim a quem foi chamado por Deus, assim como Paulo (Ef 4.8-11; At 13.1-3).

2 Timóteo 4.7. Aqui, Paulo é um pregador vitorioso, que cumpre o seu ministério. Se desprezarmos "os tempos da ignorância" de Paulo e considerarmos a sua história a partir do seu encontro com o Senhor Jesus a caminho de Damasco, podemos afirmar que ele é um exemplo de pregador que começou e terminou bem. Alguns começam bem e terminam mal, infelizmente, visto que se deixam corromper. E, nesse caso, não temos como não nos lembrar do pregador Judas, que foi chamado por Jesus, aprendeu com o Mestre, mas não foi fiel. E, ainda que muitos digam que ele era uma "figurinha carimbada", a Palavra de Deus é clara: "Judas se desviou" (At 1.25). Outro exemplo

de obreiro que terminou mal é Demas, que também se desviou, amando o mundo (2 Tm 4.10). Sejamos, pois, fiéis, até a morte, haja o que houver, a fim de que recebamos a coroa da vida (Ap 2.10).

Tito 2.1. Este versículo é emblemático e retrata Paulo como um pregador zeloso da sã doutrina e que tinha autoridade. Ele disse a Tito "fala o que convém à sã doutrina" depois de ter dado instruções quanto ao estabelecimento de presbíteros "de cidade em cidade" (Tt 1.5-9) e verberado contra "desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão, aos quais convém tapar a boca" (vv. 10,11). Como seria bom se tivéssemos, na atualidade, pregadores itinerantes como Paulo, que, além de falarem o que convém à sã doutrina, orientam seus discípulos, pessoas que estão sob sua influência ou liderança, a fazerem o mesmo. É por falta disso que as igrejas estão cheias de ensinamentos aberrantes, contrários à Palavra do Senhor.

Filemom v. 10. Aqui, Paulo é o pregador-pastor, misericordioso, preocupado com as suas ovelhas. Aliás, nessa sua menor carta, ele expõe a sua

intimidade de modo singular. Na Epístola a Filemom temos “um vislumbre incomparável da natureza íntima de Paulo, pois este se identificou tanto com um escravo que o chamou de ‘meu coração’ (v. 12)” (STAMPS, p. 1893). A despeito da sua preocupação e do seu “cuidado de todas as igrejas” (2 Co 11.28), ele não se esquecia dos seus amigos e irmãos de modo individualizado, o que é raríssimo, nos dias atuais.

CAPÍTULO 2

UM PREGADOR ESCOLHIDO POR DEUS

Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel.
Atos 9.15

O que teria acontecido com Saulo de Tarso, recém-convertido e recém-chamado para uma grande obra, se Deus não tivesse usado Ananias e Barnabé para ajudá--lo? E, se o desconhecido Judas não tivesse oferecido a Paulo o quarto de sua pequena casa, à rua chamada Direita, em Damasco? Mas o Senhor fez uma obra completa! Depois de ter falado com Paulo, disse a Ananias: "Levanta-te, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando" (At 9.11).

Ananias, "varão piedoso conforme a lei, que tinha

bom testemunho de todos os judeus que ali [em Damasco] moravam" (At 22.12), ficou espantado, mesmo sabendo que o Senhor jamais se enganaria. "É provável que Ananias tenha assistido a pequenas reuniões dos nazarenos que, com a notícia de que Saulo, o Perseguidor, se aproximava, oraram pedindo que o Senhor os livrasse, aparentemente, sem esperar que sua oração fosse atendida" (POLLOCK, p. 21). Certamente muito assustado com as notícias que chegavam da Judeia acerca da perseguição aos servos do Senhor, Ananias lhe respondeu: "Senhor, de muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém; e aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome" (At 9.13,14).

Jesus Nazareno, então, encorajou Ananias com as seguintes palavras: "Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome" (At 9.15). Antes de continuar a descrição da bela história de Paulo, permita-me abrir um parêntese para discorrer sobre o enorme contraste entre os pregadores escolhidos por Deus, assim como Paulo,

e os pregadores que também são “vasos”, mas não vasos preparados “para toda a boa obra” (2 Tm 2.20,21), visto que foram feitos pelos homens ou se desviaram do Caminho.

São Tantos e Tantos Tipos de Pregador...

Em 67 d.C., próximo de sua morte, Paulo, em sua última carta, em Roma, profetizou: “virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas” (2 Tm 4.3,4). E não é isso que está acontecendo em nossos dias? Ser pregador ou ensinador não basta. É preciso atender às preferências de pessoas que, menosprezando a sã doutrina, “amontoam” doutores que dizem exatamente o que elas querem escutar. Já ouvi irmãos dizendo que fulano é um ótimo pregador, mas não é pregador de congresso, ou que beltrano, apesar de ter muito conhecimento, não gosta do “reteté”.

Pregador do "reteté". É aquele que aparenta ser muito espiritual, mas em geral não gosta da Bíblia, principalmente por causa de 1 Coríntios 14, especialmente os versículos 37 e 40: "Se alguém cuida ser espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor. [...] Mas faça-se tudo decentemente e com ordem". Quando ele vê alguém manejando bem a Palavra da verdade (2 Tm 2.15), considera-o frio e sem unção. Ele ignora que o expoente que agrada a Deus precisa crescer na graça e no conhecimento (2 Pe 3.18; Jo 1.14; Mt 22.29). E seu público parece estar embriagado, sendo capaz de fazer tudo o que ele mandar.

Esse tipo de pregador tem presença de palco e muita "unção". Também conhecido como pregador malabarista ou animador de auditórios, fica o tempo todo mandando o seu público repetir isto e aquilo, apertar a mão do irmão ao lado, beliscá-lo, *etc.* Se for preciso, ele gira o paletó sobre a cabeça, joga-o no chão, esgoela-se, sopra o microfone, emite sons de metralhadora, faz gestos que lembram golpes de artes marciais... Exposição bíblica, mesmo, quase nada.

Pregador do "reteté" agressivo. É aquele que tem as mesmas características do pregador acima, mas com uma qualidade a mais. Quando percebe que há no púlpito alguém que não repete os seus bordões, passa a atacá-lo, indiretamente. Suas principais provocações são: "Aqui tem obreiro com cara de delegado", "Hoje a sua máscara vai cair, fariseu!", "Você tem cara amarrada, mas você é minoria". Essas frases levam o seu fanático público ao delírio, e o pregador (pregador?) se satisfaz em atacar as pessoas que não concordam com a sua conduta antiética e espalhafatosa.

Pregador popstar. Seu pregador-modelo é o *showman* Benny Hinn, e não o Senhor Jesus. É um tipo de pregador admirado por milhares de pessoas, que já superou o patamar de pregador do "reteté". Como um verdadeiro artista, veste-se como astro; sua roupa é reluzente. Ele, em si, chama mais a atenção do que a sua mensagem. E também é hábil em fazer o seu público abrir a carteira. Seus admiradores, verdadeiros fãs, são capazes de dar a vida pelo seu pregador-ídolo. Eles não se importam com as heresias e os modismos

propagados pelo seu astro. Trata-se de um público que supervaloriza o carisma, em detrimento do caráter.

Pregador "ungido". Para impressionar o seu público, esse tipo de pregador derrama óleo — literalmente — sobre a própria cabeça ou pede para seus auxiliares fazerem isso. Certo "urgido", recentemente, pediu para sua equipe derramar doze jarras de azeite sobre a sua cabeça! Seu terno ficou todo engordurado. Mas quem se preocupa com isso? "Somente os fariseus se preocupam com o desperdício", alfinetam seus admiradores. Para estes, os atos pretensamente proféticos dos "ungidos" são muito mais eficazes que uma simples exposição bíblica...

Pregador milagreiro. Este, que também tem como paradigma o *showman* Benny Hinn, consegue superar seu ídolo, ao adotar uma exegese sofrível. Esse tipo de pregador não só cativa, mas domina seu público, o qual não está nem um pouco interessado em ouvir uma exposição bíblica, pois se "alimenta" de "milagres", que são, na verdade,

fenômenos para lá de controversos. E, sabe o que impressiona? Ainda que o milagreiro xingue ou ameace os que se lhe opõem, seu público continua dizendo: "aleluia". Em geral, o pregador milagreiro é ilusionista, farsante, antiético, sem educação e, em alguns casos, usa de sinais e prodígios — não da parte de Deus — para enganar aqueles que não prezam as Escrituras (Dt 13.1-4).

Pregador mercantilista. Todas as mensagens deste têm como meta induzir o seu público a lhe dar dinheiro. Esse tipo de pregador existe desde os tempos dos apóstolos (2 Co 2.17; 2 Pe 2.1-3) e, na atualidade, aparece bastante na televisão. Alguns pregadores mercantilistas pertencem também à categoria *popstar*. Eles usam passagens bíblicas de modo isolado, a bel-prazer, a fim de atender aos seus propósitos. Para eles, Isaque representa a "melhor oferta financeira", o jumentinho que Jesus montou é figura de um carro importado, como uma BMW. E assim por diante.

Pregador humorista. Este diverte muito o seu público-alvo, pois tem habilidade para contar fatos

anedóticos — ou piadas mesmo — e fazer imitações. Ele é como os famosos humoristas do gênero *stand-up comedy*. De vez em quando, cita alguns versículos. Mas os seus admiradores não estão interessados em ouvir a exposição da Palavra. O que eles querem, mesmo, é dar boas gargalhadas.

Pregador contador de histórias. Gaba-se de contar histórias como ninguém. Mas não respeita as narrativas bíblicas, acrescentando-lhes pormenores que comprometem a sã doutrina. Ele contextualiza o texto sagrado ao extremo. Assisti, há algum tempo, a um vídeo de um famoso contador de histórias. Ele divagou por mais de uma hora, "fundamentando" a sua mensagem na afirmação de que Filipe, o apóstolo (Mt 10.3), foi invejado pelos outros apóstolos, que, por causa disso, o rebaixaram a diácono (risos). Os obreiros do púlpito e o povo presente, de modo geral, vibraram com a mensagem, haja vista o pregador ter enfatizado que — mesmo sem o título de apóstolo — Filipe fez muitos milagres, e seu ministério foi mais abençoado em Samaria do que o dos figurões em Jerusalém.

Ora, quem examina as Escrituras neotestamentárias com cuidado sabe que o Filipe apóstolo não é o mesmo Filipe diácono! Em Atos 1.13, o apóstolo Filipe é mencionado entre Pedro, Tiago, João, André e os outros. Em Atos 6.2,3 está escrito: "E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio". Como se vê, o Filipe apóstolo não era um dos sete diáconos escolhidos dentre a multidão, sob a orientação dos doze (v. 5).

Pregador escolhido por Deus. Felizmente, ainda existe um tipo de pregador que, assim como Paulo, é um "vaso escolhido" para pregar a Palavra de Deus com verdade. Trata-se do pregador que, em obediência a quem o escolheu, estuda a Bíblia diariamente, ora e jejua. Ele é verdadeiramente espiritual e tem compromisso com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra. Seu referencial é o Senhor Jesus Cristo, o maior pregador que já andou

na terra. E não prega para agradar ou agredir pessoas, e sim para cumprir o seu chamado. Seu público — que não é a maioria, visto que são poucos os fiéis (Sl 12.1; 101.6) — sabe que ele é um profeta de Deus. Sua mensagem principal é Cristo crucificado (1 Co 1.22,23; 2.1-5).

Atos dos não Apóstolos

Se "a história está cheia de heróis não celebrados — tanto homens como mulheres —, que nunca foram mencionados em qualquer livro de história" (GARLOW, p. 13), o livro de Atos dos Apóstolos menciona muitos atos de "não apóstolos", como os das mulheres que oravam; os dos diáconos Filipe e Estêvão; os dos cristãos perseguidos por Saulo; os de João Marcos; os dos presbíteros; os do pregador Apolo; os do casal Priscila e Áquila; os de Tito; os de Timóteo; e os do próprio Paulo antes de ser um apóstolo. Estes não apóstolos, aliás, cujas biografias são pouco extensas, algumas diminutas e quase imperceptíveis, têm muito a nos ensinar.

Retomemos a narrativa dos primeiros momentos

que se sucederam após a conversão de Saulo. Deus falou com Ananias, um simples judeu de meia-idade — de quem nunca se ouviu falar nem antes nem depois do episódio em apreço —, e o encorajou. E esse não apóstolo foi ter com Paulo, a fim de cumprir uma das principais missões da história do cristianismo: batizar aquele que se tornaria o segundo maior pregador e mestre itinerante de todos os tempos, inferior apenas ao Pregador dos pregadores, o Senhor Jesus.

Ananias seguiu, então, para a casa de mais um não apóstolo, Judas (At 9.10-14). Quanto a este, quem se lembrará dele? Aliás, quando o nome Judas é mencionado, lembramo-nos dos apóstolos Judas Iscariotes e Judas Tadeu, bem como de Judas, irmão do Senhor e autor da epístola que leva seu nome. Mas, diante dos atos hospitaleiros do não apóstolo Judas, há uma passagem bíblica da qual não podemos nos esquecer: "Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos" (Hb 13.2).

Na residência daquele quase imperceptível servo do Senhor estava Paulo, sem poder ver, mas — que

paradoxo! — tendo visões de Deus. Numa delas, "viu que entrava um homem chamado Ananias e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver" (At 9.12). E esta visão se cumpriu, pois "Saulo estava pronto. Encontrava-se nas mãos de Deus e já não havia dúvida em seu coração. Ajoelhou-se com Ananias, e orou ao Senhor como se fora uma criança, confessando-lhe os pecados" (BALL, p. 67).

Ananias, em pé, ao lado da cama, contemplou o ex-perseguidor do Nazareno. "A pele se enrugava onde a boa vida de fariseu tinha sido esgotada pelo jejum; podiam-se ainda perceber as rugas feitas pela crueldade; a barba era irregular e os olhos fixos. Contudo, era um rosto descontraído, como se Paulo tivesse visto o pior e já não o temesse, tivesse olhado o melhor e soubesse que estava sendo reconstruído em seu molde" (POLLOCK, p. 21). Pensemos no sentimento de Paulo, ao ouvir estas palavras: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo" (At 9.17).

Um dos mentores do assassinato de Estêvão e de

tantos outros santos sendo chamado de irmão! “Saulo, irmão, recobra a vista” (At 22.13), disse o “não apóstolos”, e o apóstolo imediatamente passou a ver. Se ele chorou naquele momento, juntamente com as lágrimas caíram dos seus olhos “como que umas escamas” (At 9.18) ou “cascas” (gr. *lepides*). Isso mostra que tanto a cegueira quanto a cura de Paulo foram sobrenaturais. Depois desse milagre, Ananias ainda disse: “O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca. Porque hás de ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido. E agora, por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor” (At 22.14-16). Saulo, que outrora se opusera ferrenhamente a Estêvão, testemunha (gr. *martus*) do Justo (At 7.52), acabara de se tornar a principal testemunha do Justo!

Não foi por acaso que Jesus cegou a Paulo e lhe devolveu a visão três dias depois (At 9.9). Esses dois atos sobrenaturais foram analogias da obra para qual esse apóstolo foi chamado, como o próprio

Senhor lhe revelou: “te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim” (At 26.16-18).

Em seguida, Paulo foi batizado em águas (At 9.18; 22.16). “Normalmente os seguidores do Caminho, como João Batista, batizavam por imersão num rio ou numa corrente de águas, mas Paulo estava fraco depois de seu prolongado jejum. É provável que se tenham encaminhado para o *atrium*, o jardim do pátio da casa de Judas onde havia uma fonte; ou Paulo, com sua vontade férrea, pode ter insistido em caminhar, apoiado em Ananias, os oitenta metros até o rio Abana, fora do muro norte da cidade” (POLLOCK, p. 22).

A Preparação do Pregador Paulo

Saulo de Tarso tornou-se um pregador itinerante apto a falar com autoridade a hebreus, gregos e romanos. Com seus antecedentes e preparo específico para a chamada que recebeu do Senhor, ele foi capaz de cativar toda classe de pessoas. Mesmo sendo um "israelita circuncidado da tribo de Benjamim, que falava a língua aramaica em sua casa, herdeiro da tradição do farisaísmo, estrito observador das exigências da Torá, e mais avançado no judaísmo do que seus contemporâneos" (PFEIFFER, p. 1473), ele declarou: "o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo" (Fp 3.7,8).

Embora muitos estudiosos da atualidade — especialmente os que põem em dúvida a canonicidade das epístolas paulinas — deem ênfase à judaicidade de Paulo, o Novo Testamento, de modo inequívoco, mostra que ele, depois de sua conversão, priorizou o evangelho, e não o

judaísmo. O termo "esterco" (gr. *skubala*), usado por ele, ao falar de sua renúncia ao judaísmo, "denota 'refugo', [...] aquilo que é expulso do corpo, [...] aquilo que é lançado longe da mesa. [...] Os judaizantes reputavam os cristãos gentios como cães, enquanto que eles mesmos se assentavam no banquete de Deus. O apóstolo Paulo, invertendo a imagem, conta as ordenanças judaicas como refugo, do qual os seus defensores se alimentavam (Fp 3.8)" (VINE, p. 625).

O Senhor chamou Saulo de Tarso, mudou todo o curso de sua vida e usou-o de modo singular para evangelizar o mundo, fundar igrejas e fortalecê-las. Pelos seus dons naturais e espirituais, Paulo é e sempre será, sem dúvida — depois de Jesus Cristo, que é o Apóstolo (Hb 3.1), o Mestre (Mt 23.8) e o Pregador (Mt 4.23) por excelência —, o principal dos apóstolos, o maior dentre os teólogos e o mais destacado pregador de todos os tempos. Aliás, Paulo é o único personagem do Novo Testamento chamado, textualmente, de pregador. Primeiro, na sua segunda viagem missionária, no Areópago, em Atenas, pelos filósofos, que dele disseram: "Parece

que é pregador de deuses estranhos" (At 17.18). E, depois, por ele próprio, em duas ocasiões: "fui constituído pregador" (1 Tm 2.7; 2 Tm 1.11).

Embora tenha tido um ministério, obviamente, menor que o do Senhor — o qual, sendo Deus, humilhou-se a si mesmo, para salvar a humanidade (Fp 2.6-8; Jo 3.16) —, Paulo teve um ministério tripartido (At 14.7-22; 15.35), semelhante ao de Jesus Cristo, que andou na terra ensinando, pregando e curando (Mt 9.35; At 10.38). Jesus deixou-nos mais sermões do que Paulo (cf. Mt 5–7; 18–20; 23–25; Jo 13–17, etc.), mas não escreveu nenhum livro. Coube aos apóstolos Mateus e João, bem como a outros dois autores, Marcos e Lucas, relatar, sob a inspiração do Espírito Santo, o que de mais significativo aconteceu-nos quase 33 anos em que o Senhor esteve neste mundo. Paulo, pela graça do Senhor, escreveu treze epístolas. E duas coisas contribuíram para isso: ele ficou o dobro do tempo que Jesus ficou na terra e também esteve aprisionado algumas vezes. Ademais, a missão principal do Senhor era dar a sua vida pelos pecadores, e não escrever livros (Jo 10.11,17,18).

Paulo, sem dúvida, foi um pregador itinerante e um conferencista internacional, haja vista ter sido chamado, de fato, para isso. No ano 35 da Era Cristã, quando se deu a sua conversão, ele começou a exercer o ministério tripartido de pregador, apóstolo e mestre (1 Tm 2.7). Sua vida pode ser dividida em quatro fases: "(1) os anos relativamente silenciosos, provavelmente 10 a 12 anos; (2) o trabalho em Antioquia; (3) as viagens missionárias; e (4) as prisões. [...] As indicações mostram que ele 'começou imediatamente a anunciar Jesus nas sinagogas, dizendo: Jesus é o Filho de Deus' (At 9.20); foi imediatamente para a Arábia (Gl 1.16,17); sua pregação em Jerusalém suscitou a ira de alguns (At 9.28,29); e chegaram até a Judeia as notícias de que na Síria e Cilícia 'aquele que já nos perseguiu anuncia, agora, a fé que, antes, destruía' (Gl 1.21-23)" (PFEIFFER, p. 1477). Depois de sua miraculosa conversão e de um breve e difícil período em Damasco e Jerusalém, Paulo se isolou durante três anos, possivelmente entre 34 e 36 d.C. ou 35 a 37 d.C., a fim de reajustar suas ideias e se preparar para exercer o ministério para o qual fora

chamado (Gl 1.17,18).

Não se sabe exatamente a que lugar Paulo se referiu quando disse: "parti para a Arábia" (Gl 1.17). Segundo alguns eruditos, Arábia é um "termo indefinido e de significado variável, que neste caso pode referir-se ao Deserto das Peregrinações, ou com maior probabilidade à região desértica que limita a Síria" (MONEY, p. 232). "O deserto é, a um só tempo, uma realidade geográfica e um símbolo importantíssimo na religião de Israel e no cristianismo dos primeiros séculos. [...] O deserto alimentará uma experiência espiritual importante, na linhagem do profeta Elias (1 Rs 19,4) e, depois, dos eremitas cristãos. Na Idade Média, esses eremitas (do grego *érêmos*, 'deserto'), santos homens vivendo em lugares retirados e selvagens, no mais das vezes em florestas, tornam-se os [...] campeões da luta contra o Diabo" (FOUILLOUX, p. 77).

Depois da passagem pela Arábia, Paulo passou mais oito ou dez anos em partes da Síria e da Cilícia fazendo a obra do Senhor e se preparando ainda mais para a grande missão de evangelizar o mundo

conhecido (At 9.30; Gl 1.21-2.1). Esse período foi importantíssimo para Paulo se tornar profundamente consciente da cultura do mundo em que vivia, a fim de exercer o ministério de pregador, apóstolo e doutor dos gentios. E foi de Antioquia da Síria — que ficava a quase quinhentos quilômetros de Jerusalém —, curiosamente, que o apóstolo Paulo, ao lado de Barnabé, partiu em suas viagens missionárias, anos mais tarde. Alguns historiadores atribuem a fundação dessa igreja gentílica a Paulo. Na verdade, foi nessa igreja que ele se tornou o apóstolo dos gentios. A Assembleia de Deus antioquiana, por assim dizer, surgiu em decorrência das atividades dos crentes cipriotas e cirinenses lançados fora de Jerusalém durante a perseguição iniciada logo após a morte de Estêvão (At 8).

"Fator Barnabé"

Em 35 d.C., Paulo — cheio do Espírito Santo, curado e batizado em águas — iniciou o seu ministério entre os filhos de Israel que estavam em

Damasco pregando nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus (At 9.19). Todos se espantavam, evidentemente, e diziam: "Não é este o que em Jerusalém perseguia os que invocavam este nome e para isso veio aqui, para os levar presos aos principais dos sacerdotes?" (v. 21). Paulo queria prender cristãos em Damasco, mas chegou ali "preso" a Jesus Cristo! Depois de passar em Damasco "muitos dias" (v. 23), judeus incrédulos urdiram um plano para matá-lo, e ele alcançou socorro de Deus (v. 22), ao ser colocado num cesto, pouco tempo depois de seu "nascimento" (At 9.24,25), à semelhança de Moisés (Êx 2.1-3).

Paulo mesmo explicou como foi o seu livramento: "Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas pôs guardas às portas da cidade dos damascenos, para me prenderem, e fui descido num cesto por uma janela da muralha; e assim escapei das suas mãos" (2 Co 11.32,33). Ele, então, teve de fugir para Jerusalém, onde ficou por algum tempo e pregou o evangelho não apenas nessa capital, como "por toda a terra da Judeia" (At 26.20). Mas, ali, teve de superar dois grandes obstáculos: a desconfiança dos

apóstolos e dos irmãos, de modo geral (At 9.26), e a perseguição dos judeus incrédulos (v. 21). Quanto a esta, ele alcançou "socorro de Deus" (v. 22). Quanto ao outro obstáculo, Deus usou Barnabé para ajudá-lo, aproximando-o dos apóstolos (vv. 27,28).

Graças a Barnabé, o pregador Paulo foi aceito pelos apóstolos, em Jerusalém, mas isso não significa que ele tenha derivado seu evangelho da instrução deles. As Escrituras mostram que, embora a "boa semente" já tivesse sido plantada por Estêvão, como vimos, o caráter da chamada de Paulo foi direto e imediato, sem a intervenção de qualquer agência humana. E, no decurso de sua vida apostólica, Paulo procurou enfatizar que não fora feito apóstolo pelos homens. Em cinco de suas treze epístolas, ele inicia pontificando que era apóstolo "pela vontade de Deus" (1 Co 1.1; 2 Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 2 Tm 1.1). Em Gálatas, assevera que é apóstolo "não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai" (1.1). E, em 1 Timóteo 1.1, afirma: "Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, segundo o mandado de Deus".

Há quem supervalorize o trabalho de Barnabé e diga que Paulo somente se tornou importante — e não se desviou do evangelho — graças ao "Fator Barnabé". Entretanto, o apóstolo Paulo fez questão de afirmar que o evangelho por ele anunciado "não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo" (Gl 1.11,12). Aliás, ele mesmo disse como foi o seu discipulado, por assim dizer: "quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei a carne nem o sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco. Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias" (vv. 15-18). Conquanto Paulo não tenha sido discipulado por Barnabé, como muitos afirmam, essa parceria foi muito benéfica para o Reino de Deus. "Saulo foi salvo do esquecimento por Barnabé, que o levou para Antioquia e assegurou-lhe uma posição como

mestre naquela igreja" (MCKENZIE, p. 702).

Antes de sair de Jerusalém, Paulo teve uma experiência gloriosa, também descrita por ele: "E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim. E vi aquele que me dizia: Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim" (At 22.17,18). Os termos gregos empregados para descrever a experiência de Paulo no Templo, em Jerusalém (fazendo uma transliteração), são: *genesthai me en ekstasei*, que significam "entrar eu em êxtase". Na *New American Standard Bible* (NASB) e na maioria das versões bíblicas em inglês, o termo *ekstasis* foi traduzido por *trance*, "transe". À luz do contexto, o termo em apreço alude, sem dúvida, a um arrebatamento para fora de si, a "uma condição na qual a consciência e a percepção comuns das circunstâncias naturais foram retidas, e a alma ficou suscetível somente à visão dada por Deus" (VINE, p. 1031). Será que os opositores de reuniões em templos — como os que se autodenominam "desigrejados" e dizem que se

baseiam em Atos dos Apóstolos — já estudaram essa passagem bíblica?

Embora não tenha sido um dos doze apóstolos, que tiveram o privilégio de andar com Jesus, Paulo tinha sempre a companhia do Espírito de Jesus (cf. At 16.7) e conversava com Ele através da oração. E à mensagem clara de Jesus "sai apressadamente de Jerusalém" Paulo respondeu: "Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em ti. E, quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava as vestes dos que o matavam" (At 22.19,20). Aqui vemos que Estêvão não morreu em vão. Quantos pregadores, à semelhança dele, já partiram para eternidade sem ver o fruto de sua mensagem! Mas, na Segunda Vinda do Senhor, eles serão galardoados. Glória a Deus! Jesus, então, ratificou a sua ordem a Paulo: "Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe" (v. 21).

Em Jerusalém, Paulo experimentou a perseguição dos judeus e também dos gregos, em razão de falar no nome de Jesus com ousadia (At 9.29). Por isso,

os irmãos o acompanharam até Cesareia — "porto artificial entre Jope e Tiro, construído por Herodes, o Grande, e terminado a tempo de levar o Evangelho ao Ocidente" (MONEY, p. 64) — e o enviaram a Tarso (v. 30), distante de Jerusalém cerca de cento e sessenta quilômetros. Entre 43 e 44 d.C., Barnabé foi a Tarso e levou Paulo a Antioquia da Síria, onde ensinaram muita gente durante um ano (At 11.25,26).

Situada na margem meridional do rio Orontes, a uma distância de vinte e cinco quilômetros de sua desembocadura, Antioquia era uma metrópole da Síria e a terceira cidade do Império Romano, inferior apenas a Alexandria e Roma. Ali, longe dos problemas já mencionados em Jerusalém e também dos ciúmes de alguns obreiros mais antigos, pôde se preparar melhor para a obra à qual fora designado pelo Espírito Santo. Seu trabalho naquele local, especialmente entre os judeus helenófonos, trouxe grandes resultados.

Havendo uma grande fome em toda a terra da Judeia, a igreja antioquiana fez uma grande coleta e enviou auxílios a Jerusalém por intermédio de

Barnabé e Saulo (At 11.27-30). E isso foi fundamental para Paulo tornar-se conhecido e passar a ter uma boa fama (Gl 1.22). É uma bênção quando um pregador se torna famoso, de modo natural, pelo trabalho realizado para Deus, e não por meio de *marketing* pessoal e atitudes imodestas. O próprio Senhor Jesus tornou-se famoso por causa de suas obras (Mc 1.27,28; Lc 4.14). Não é pecado ser famoso, e sim buscar a fama (2 Co 10.12-18; Pv 25.27; 27.2). E, depois de anos de preparação, lutas, perseguições, idas e vindas, Paulo estava pronto para iniciar o seu trabalho para o Senhor como pregador itinerante e conferencista internacional.

Por que os "Itinerantes" São tão Malvistos?

Em razão de participar, por graça de Deus, de eventos em vários lugares, especialmente escolas bíblicas, algumas pessoas me perguntam por que critico os "itinerantes", sendo um deles. E a minha

resposta a essa pergunta, *a priori*, parece vaga ou contraditória: "Não sou um 'itinerante', mas recebi do Senhor um ministério itinerante". O que quero dizer é que a itinerância, em si, não é um ministério ou uma profissão, e sim uma característica de um ministério ou uma profissão. Aliás, Paulo, como vimos, além do ministério que recebeu do Senhor, tinha uma profissão: fabricante de tendas (At 18.3). Os rabinos costumavam recusar os honorários pela instrução que davam e, por isso, aprendiam um ofício pelo qual podiam sustentar-se independentemente. Mas Paulo, embora não exigisse cachê para pregar, ele aceitava a contribuição voluntária das igrejas (1 Tm 5.18; Gl 6.6-10; 1 Co 9.6,13,14).

O termo "itinerante" alude à atividade que se exerce com deslocamentos sucessivos de lugar em lugar. O piloto de avião, o comissário de bordo e o motorista de ônibus, por exemplo, não são chamados de itinerantes pelo fato de viajarem para várias partes do Brasil e/ou do mundo. Mas eles têm um trabalho itinerante. Da mesma forma, o apóstolo Paulo não era um itinerante, a despeito de

suas viagens missionárias. A itinerância, na verdade, era uma característica do seu multifacetado ministério de pregador, apóstolo e doutor dos gentios (1 Tm 2.7). E, ao compararmos a conduta de Paulo com a de muitos pregadores que se dizem "itinerantes", vemos que ele foi um pregador itinerante muito diferente...

A despeito de ser impróprio o uso do termo "itinerante", isoladamente, para designar o ministério do pregador itinerante, o que é muito mais preocupante é a má fama que está atrelada ao aludido termo. Por que os "itinerantes" são tão malvistos e recebem tantas críticas, na atualidade? Não estariam eles sendo perseguidos em razão de terem a "mente aberta?". O que, de fato, pesa contra eles? A itinerância, em si? Não; Paulo, como temos visto, também tinha um ministério itinerante. A fama? Não, haja vista Jesus e os apóstolos, especialmente Paulo e Pedro, terem sido famosos. O fato de multidões os seguirem? Não; Jesus também tinha muitos seguidores, e os principais pregadores da igreja primitiva pregavam a multidões. A conduta de receber ofertas das igrejas?

Não; digno é o obreiro do seu salário (Lc 10.7; 1 Tm 5.18).

Entretanto, assim como no mundo sem Deus existe o chamado "funk ostentação", cujos adeptos exibem-se para o seu público com roupas de grife, artigos de luxo, como anéis e colares de ouro, carros importados e mulheres seminuas, os "itinerantes" também gostam de ostentar roupa e sapatos reluzentes e coloridos, anéis que ocupam quase metade do dedo e postura imodesta. Alguns têm até fã-clube e fazem questão de usar títulos pomposos. Diácono, presbítero, evangelista ou pastor, para eles, são "pouco impactantes". Eles preferem ser conhecidos como conferencistas internacionais, haja vista ignorarem que não é o título que faz a pessoa; é a pessoa quem faz o título (cf. 1 Sm 16.6-13; 2 Rs 4.31). E, assim, chamam mais a atenção para si mesmos do que para a mensagem do evangelho; aparecem mais que Jesus Cristo e "crescem" diante do povo de Deus, ao contrário de João Batista, que afirmou: "Convém que ele cresça, e que eu diminua" (Jo 3.30, ARA).

Os "itinerantes" apresentam-se como

conferencistas ou outros títulos, mas não são portadores da mensagem verdadeira, recebida do Senhor (1 Co 11.23), à semelhança do rapaz que se apressou em dar a notícia da morte de Absalão a Davi (2 Sm 18.19-22). Embora os "itinerantes" portem Bíblias e as leiam diante de grandes auditórios, eles têm torcido a mensagem da Palavra de Deus, interpretando-a ao bel-prazer, fazendo aplicações esdrúxulas das parábolas de Jesus e de outras passagens e pregando heresias. Se os "itinerantes" fossem como Paulo, não gostariam de receber glória dos homens (2 Co 10.12-18; At 12.21-23) e atentariam com mais cuidado para a Palavra de Deus, a fim de aprenderem que o Senhor usa, verdadeiramente, os humildes (1 Co 1.26-29; Tg 4.6).

Como priorizam a fama e o dinheiro, tais "itinerantes" se sentem desobrigados de pregar a verdade da Palavra de Deus. Eles só fazem isso, de modo teatral, quando convém, sempre pensando em seu maior objetivo: ganhar dinheiro (2 Co 2.17). Eles são diferentes do pregador itinerante em foco, o qual tudo fazia por amor a Jesus, e não pensando

em obter vantagens (1 Co 16.14,24). Ao contrário do Senhor Jesus — que dispensou por meio de um "duro discurso" uma multidão de interesseiros (Jo 6.60-69) —, os "itinerantes" não se preocupam com os ególatras e materialistas que os seguem, preferindo massagear seus egos e mantê-los no erro.

Por que os "itinerantes" têm preferido agir como animadores de auditório, pregadores humoristas, malabaristas e milagreiros a pregar o evangelho com simplicidade? Porque eles querem agradar prioritariamente aqueles que os contratam a peso de ouro. Isso mesmo, pois os "itinerantes" não se contentam em receber uma oferta; eles querem receber cachês cada vez mais altos, comparáveis aos das celebridades. Por outro lado, é evidente que a igreja que convida um servo do Senhor para ministrar a Palavra deve tratá-lo da melhor maneira possível, assistindo-o em tudo, pois quem trata mal um convidado — eu disse: con-vi-da-do — também está errado.

Como se vê, os "itinerantes" não são criticados por causa da itinerância, da fama, da quantidade de

pessoas que os seguem, das ofertas que recebem, *etc.* Eles são criticados porque fazem da pregação itinerante — ao contrário de Paulo — um negócio, oferecendo-se para pregar, ensoberbecendo-se por causa de seus feitos e viagens, priorizando a fama e vivendo como celebridades. Embora não seja pecado ter fama, os tais têm buscado e cultivado a vida de celebridade e de ostentação.

CAPÍTULO 3

PROCURAM-SE PREGADORES ITINERANTES COMO PAULO

Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.
Atos 20.22,23

A caminho de uma reunião de oração e estudo das Escrituras, Barnabé e Saulo conversam sobre a obra do Senhor e a expansão de seu Reino, que não é político, mas espiritual.

— Irmão Saulo, Deus tem nos abençoado muito aqui em Antioquia, mas tenho um desejo muito grande de pregar o evangelho em minha terra natal, em Chipre.

— É mesmo, irmão Barnabé? Que ótima aspiração a sua. Também tenho uma grande vontade de levar o evangelho a Tarso. Mas gostaria de ir mais longe. Há muitas sinagogas em toda a Ásia Menor, e tenho um desejo muito grande de evangelizar as províncias da Galácia e da Ásia. Creio que Deus pode nos abrir uma porta grande e eficaz para pregarmos aos judeus ali e também aos gentios.

— Deus sabe de todas as coisas. O irmão é um vaso escolhido por Deus. Ele o capacitou a pregar aos hebreus e aos gregos. O Senhor certamente nos revelará o que devemos fazer. Os pensamentos de Deus são mais altos que os nossos. E tenho certeza de que, em breve, o evangelho irá até mais longe e chegará à Europa.

— O fato de o grego ser falado em todos esses lugares facilitará a nossa penetração nas cidades, mas com certeza haverá muitos adversários. Vamos continuar orando e nos preparando, para que não

tenhamos de que nos envergonhar e manejemos bem a Palavra da verdade, aqui e onde o Senhor quiser.

— Amém, irmão Saulo. Sei que o ministério que o Senhor lhe outorgou é muito grande, e o irmão não ficará em um lugar só por muito tempo. Deus o chamou para pregar em vários lugares. E Ele tem urgência de que a sua Palavra seja pregada em todo o mundo.

— Glória a Deus! Estou pronto para cumprir o meu chamado, haja o que houver.

— Aleluia! Há também um jovem que observo há algum tempo, o qual recebeu um grande chamamento do Senhor: João Marcos, meu sobrinho. Ele também aspira cooperar com a obra da evangelização.

— Ah, sim. Ele é, de fato, muito dedicado e anda segundo a doutrina dos apóstolos. Ele aprendeu aos pés de nosso irmão Pedro. Deus há de nos usar, irmão Barnabé. E seria muito bom se eu pudesse continuar trabalhando ao lado do irmão, que muito me ajudou até aqui.

— Amém, meu querido amigo. Continuemos em

oração.

A Pregação Itinerante nos Tempos de Paulo

Paulo, sem dúvida, foi o principal pregador itinerante da História da Igreja, depois de Jesus Cristo. Suas viagens missionárias abrangeram um período de aproximadamente dez anos, e o seu trabalho itinerante ocorreu principalmente em quatro províncias do Império Romano: Galácia, Macedônia (norte da Grécia), Acaia (sul da Grécia) e Ásia. Ele levou o evangelho ao mundo numa época difícil — se comparada com os dias de hoje —, em que não havia a Bíblia completa num só volume, livros em profusão, rádio, televisão, telefone, computador, internet, microfone, tablet, projetor de imagens, aviões, automóveis, motocicletas, bons hotéis e outros excelentes recursos da pós-modernidade.

Mas Deus levantou Paulo como mensageiro num momento estratégico. O mundo da época, de modo

geral, estava em desenvolvimento e dispunha de estradas retas e duráveis, além de mapas de turismo em forma de manuscritos. A navegação era mais ou menos avançada para determinada época do ano. A área de publicações estava relativamente desenvolvida, e os materiais usados eram o papiro, os óstracos (cerâmica), os tabletes recobertos de cera e o pergaminho. Ademais, o mundo estava em paz, pois a *Pax Romana*, imposta pelo Império Romano, vigorou entre 28 a.C. e 180 d.C.

Nos tempos do Novo Testamento, "o grego era a língua comumente falada nas ruas até da própria Roma, onde o proletariado indígena falava o latim, mas onde a grande massa de escravos e de libertos falava o grego. [...] No campo dos transportes, do comércio e das comunicações a Palestina era pouco desenvolvida. Provavelmente o país não possuía estradas pavimentadas, embora houvesse diversas estradas principais. Uma dessas estradas partia de Jerusalém, na direção sudoeste, para Belém e Gaza, e outra partia para Jerusalém, na direção nordeste, para Betânia, Jericó e Damasco. Paulo estava percorrendo esta última quando teve sua visão de

Cristo" (GUNDRY, p. 3-24).

Hoje, um pregador itinerante pode viajar pelo mundo inteiro, mesmo que fale apenas uma língua. Na época em que Paulo andou na terra, o pregador itinerante necessariamente tinha de falar bem pelo menos duas línguas: o grego e o aramaico. "O latim era a língua da metrópole e das tropas romanas. O grego era falado nos meios culturais do império. O aramaico era a língua materna da liturgia" (GILBERTO, 1986, p. 135). Em alguns casos, o pregador precisava desses três idiomas. "Além do grego, os habitantes da Palestina falavam o aramaico e o hebraico, pelo que também Jesus e os primeiros discípulos provavelmente eram trilíngues" (GUNDRY, p. 23).

O pregador Paulo teve grande êxito, também, porque conhecia os principais idiomas falados em sua época, sobretudo o hebraico, usado pela comunidade erudita. "E, quando ouviram falar-lhes em língua hebraica, maior silêncio guardaram" (At 22.2). Será que os pregadores de hoje, especialmente os que fazem questão de ser chamados de conferencistas internacionais, têm se

preocupado em aprender as línguas mais faladas no mundo? A Organização das Nações Unidas (ONU), por exemplo, utiliza seis idiomas oficiais: francês, inglês, russo, espanhol, chinês e árabe. Suas reuniões oficiais e seus principais documentos são traduzidos para todas essas línguas. Mas os idiomas mais importantes da ONU — os idiomas de trabalho — são dois: o francês e o inglês.

Há pregadores itinerantes que preferem hospedar-se em hotéis a ficar na casa dos irmãos, o que é um direito que lhes assiste, caso estejam na qualidade de convidados. Alguns, com medo de avião, gostam de viajar de carro; outros, temendo os perigos das estradas, optam pela viagem aérea. Se hoje é perigoso e difícil viajar, imagine como era locomover-se de uma cidade para outra e hospedar-se em lugar relativamente confortável e seguro, nos tempos do Novo Testamento. Paulo não tinha muitas opções de acomodação e meios de transporte. E o risco por causa dos bandidos era muito grande (cf. Lc 10.30). Na maioria dos "hotéis", além de não haver conforto e segurança, havia muita prostituição. Daí Jesus ter dito aos seus

discípulos para se acomodarem em casas particulares (Mt 10.1). Os primeiros pregadores itinerantes precisavam contar com a hospitalidade dos irmãos (Rm 12.13; 1 Tm 3.2; 1 Pe 4.9).

Viajar por terra exigia muita disposição e coragem. Além da temperatura extremamente alta, no verão, dos altos impostos cobrados dos viajantes, os meios de transporte por terra eram o jumento — animal de carga mais usado nos tempos bíblicos —, o camelo, a mula ou o cavalo. Pensemos no cuidado que os viajantes deviam ter com esses animais. Navegar também não era fácil; os barcos dificilmente eram chamados de navios; a viagem por mar era sempre uma incógnita. *Grosso modo*, havia dois tipos de navios: os alexandrinos, movidos a vento e remo, cujo tamanho era de sessenta metros, mais ou menos, e os de guerra, mais leves e velozes, movidos a remo. Escravos, em duas a dez fileiras, remavam.

Não havia boas razões para viajar pelas estradas, que "eram más para o viajante comum. A estrada era tão indistinta que ficava difícil segui-la [...], ou sua superfície era cheia de altos e baixos

desconfortáveis. [...] Os romanos eram os melhores construtores de estrada — 'Todas as estradas levavam a Roma'. As estradas romanas eram retas e niveladas, sendo construídas com quatro camadas. A primeira era de areia, seguida de pedaços de pedras e rocha concretados. Pedras esmagadas eram acrescidas no concreto e finalmente uma superfície pavimentada. Havia drenagem e onde as estradas iam para as cidades, eram providas calçadas para os pedestres. [...] Havia também carruagens (At 8.29), assim como liteiras, essas apenas para uso das pessoas mais importantes. A liteira era carregada por mãos humanas ou colocada sobre um suporte e puxada por animais. O sistema romano de estradas talvez não pareça muito mau, mas se a pessoa não fosse um oficial ou um cidadão romano, não podia aproveitar-se praticamente dele" (GOWER, p. 232).

Outro problema curioso nas viagens daquele tempo eram as saudações, que tomavam um tempo desmesurado. Não era considerado educado dizer a um desconhecido um simples "bom dia" ou apenas olhar para ele e balançar cabeça. Era necessário

parar para conversar e responder a perguntas, como “Qual é o seu nome?”, “De onde vem?”, “Para onde vai?”, *etc.* Isso era tão sério e atrapalhava a urgente obra da evangelização, que o Senhor Jesus disse aos seus discípulos: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10.4). As saudações orientais “tomavam muito tempo, não somente devido à troca de expressões formais, mas também por causa das poses que o corpo assumia. Se os enviados por Jesus cumprimentassem o povo segundo a maneira daquela época, Ele não cumpriria sua missão redentora no devido tempo” (GILBERTO, 1986, p. 181). Além disso, saudar alguém que “não traz esta doutrina”, à época, podia significar ter “parte nas suas más obras” (2 Jo 10,11).

Apesar de Paulo, em suas viagens missionárias, principalmente à Europa, ter navegado em grandes navios (At 20.13,38; 21.2-6), isso não significa que ele tenha viajado em segurança (27.2-44; 28.11). “Mesmo quando navios melhores foram construídos no período grego e romano e um farol construído em Alexandria, as viagens continuaram difíceis. Os passageiros eram adições às

mercadorias transportadas. Tinham de prover sua própria alimentação e dormir em terra todas as noites, desde que não havia acomodações a bordo (veja At 21.3,7,8). Em certas épocas do ano nenhum navio saía do porto. A lei romana proibia viagens entre 10 de novembro e 10 de março. O único período 'seguro' era de 26 de maio até 14 de setembro. [...] Atos 28.11 se refere a um barco que foi apanhado no mar em um período perigoso. Ele passou o inverno em Malta" (GOWER, p. 224-225).

A Primeira Viagem Missionária de Paulo

No ano 44 d.C., Herodes Agripa I morreu, e os cristãos passaram a ter maior liberdade para pregar a Palavra do Senhor (At 12.1-23). Como sugeri, por meio do diálogo ficcional que abriu este capítulo, Paulo, à época, com mais de dez anos de convertido, trabalhava com Barnabé e outros eminentes servos de Deus. Eles faziam a obra do Senhor na igreja de Antioquia da Síria, onde "a palavra de Deus crescia e se multiplicava" (v. 24). Ali era o "quartel general" de Paulo, onde também

se preparava para novos desafios. Começava a se formar na igreja antioquiana um trio missionário: Barnabé, Saulo e João Marcos. Esses três homens de Deus empreenderiam, no período de 45-49 d.C., uma viagem para evangelizar Chipre, Perge, Antioquia da Pisídia e as cidades da Licaônia (At 13–14), a qual é conhecida como A Primeira Viagem Missionária de Paulo.

Selêucia. Atendendo ao chamado do Espírito Santo, Barnabé, Paulo e Marcos partiram de Antioquia da Síria para a Selêucia, porto marítimo localizado na foz do Orontes, a vinte e cinco quilômetros de Antioquia, de onde navegariam para o Chipre, país natal de Barnabé (At 13.1-5). Os métodos usados por eles para estabelecer e fundar igrejas assumiram um padrão regular, pelo menos onde as condições o permitiam. Pode-se ver nitidamente que os pregadores itinerantes observavam três etapas. Primeiro, pregavam o evangelho; depois, fortaleciam e encorajavam os crentes; e, por fim, escolhiam presbíteros em cada igreja (At 14;21;23). Isso aconteceu também, na Segunda Viagem Missionária de Paulo, em Filipos

(At 16.40; cf. Fp 1.1), em Corinto (At 18.4,11; cf. 1 Co 16.15,16) e em Éfeso (At 19.8-10; 20.17,28).

Salamina. Localizada ao nordeste do mar Mediterrâneo e distante sessenta e quatro quilômetros da costa da Cilícia, a ilha do Chipre foi disputada por muito tempo pelos reis da Síria e do Egito. Ela esteve, também, sob o domínio dos venezianos, turcos e ingleses. Hoje, independente, é famosa por sua riqueza mineral e agrícola. A estratégia de Barnabé e Saulo, ali — e onde quer que chegassem —, era, sempre que possível, pregar primeiro aos judeus, nas sinagogas, haja vista saberem que "Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue e, cada sábado, é lido nas sinagogas" (At 15.21). Nestas, todos os judeus tinham o direito de falar. E, no caso de Paulo, em razão de ser um mestre oriundo da famosa escola de Gamaliel, a tendência é que sempre fosse bem recebido. Em Salamina, cidade marítima na costa oriental de Chipre e residência de muitos judeus — onde havia algumas sinagogas —, os pregadores encontraram o lugar ideal para iniciarem o trabalho de evangelização.

As sinagogas surgiram no período em que judeus viviam exilados, "reunindo-se aos sábados para aprender sobre a Lei e as tradições do seu povo. [...] Esses lugares, conhecidos como *sinagogas* (que significa literalmente 'lugares de reunião'), começaram a ser construídos onde quer que houvesse pelo menos dez homens adultos na comunidade. Na época de Jesus, as sinagogas já eram conhecidas em todo o território. Não havia dificuldade em achá-las, visto que se não estivessem no centro da comunidade, eram construídas no ponto mais alto, ou se tornavam o prédio mais alto, por meio de alguma característica arquitetônica, tal como um domo ou base ampliada. [...] No final do prédio, do lado oposto da entrada, ficava um cômodo com cortinas, onde se colocavam o armário (ou arca) contendo os rolos da sinagoga. No centro do prédio havia um bema ou púlpito elevado, e no bema, uma estante apropriada onde as partes prescritas da Lei e dos profetas eram lidas e o sermão pregado. [...] 'Cadeiras de Moisés' ficavam defronte à congregação e no fundo da sinagoga, junto à arca.

Elas eram ocupadas pelos escribas e fariseus mais importantes (Mt 23.2)" (GOWER, p. 346).

Pafos. Os missionários seguiram, então, de Salamina para Pafos, centro de uma impudente idolatria, uma cidade dedicada à deusa do amor Vênus e submersa nas mais abjetas superstição, depravação e libertinagem. Ao pregar o evangelho nessa cidade cipriota, Paulo enfrentou obstáculos e contou com ajuda sobrenatural para superá-los. Pafos era a capital e residência do procônsul Sérgio Paulo, um homem instruído que estava sedento por salvação. Mas um judeu mágico, Elimas (Barjesus), torcia o que Paulo pregava. Este, cheio do Espírito Santo, repreendeu o referido falso profeta, que ficou temporariamente cego. "Então, o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor" (At 13.6-12). A conversão do procônsul — título que se conferia ao governador da província, nomeado pelo senado romano — tornou possível o estabelecimento de uma igreja na cidade.

Perge. O próximo destino era a província da

Panfília, onde boa parte dos habitantes era devota da deusa Diana (Ártemis). Os pregadores da igreja antioquiana navegaram em direção noroeste, na costa da Ásia Menor, e subiram o rio Cestro, até chegarem a Perge, a treze quilômetros do mar. Ao chegarem ali, Barnabé e Saulo tiveram um pequeno desentendimento, que os separaria, na segunda viagem missionária. A viagem por terra, para o interior da Panfília, não foi nada fácil; tiveram de passar por estreitos desfiladeiros, onde havia grupos de salteadores prontos para atacar os viajantes.

Deus guardou os pregadores do perigo, mas parece que João Marcos ficou assustado com o que viu e decidiu desertar da expedição. Ele era ainda muito jovem, mas muito útil aos pregadores itinerantes. Marcos era parente de Barnabé e fora trazido por ele de Jerusalém (At 12.25) e, como se acredita, fora testemunha ocular dos sofrimentos de Jesus, uma vez que teria sido aquele jovem que, no Getsêmani, "o seguia, envolto em um lençol sobre o corpo nu. E lançaram-lhe as mãos, mas ele, largando o lençol, fugiu nu" (Mc 14.51.52). Alguns

anos mais tarde, João Marcos publicaria, a pedido do apóstolo Pedro, o Evangelho segundo Marcos, uma coleção de ensinamentos, curas e milagres do Senhor Jesus.

Paulo tinha grande amor pelas almas e uma chamada que o impulsionava, a ponto de nada desanimá-lo. Ele próprio disse, certa vez: "Eu, de muito boa vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado" (2 Co 12.15). Mas o jovem João Marcos, assustado ou desanimado, talvez por causa da grande obra planejada por Paulo, não quis prosseguir. Apesar do incidente, esse apóstolo perdoou o rapaz e o recomendou à igreja de Colossos, quando estava preso em Roma (Cl 4.10,11). Além disso, próximo da morte, desejou ter a sua companhia: "Só Lucas está comigo. Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério" (2 Tm 4.11).

Antioquia da Pisídia. Quando os missionários saíram de Antioquia da Síria, Barnabé era o líder, Paulo, o principal pregador, e João Marcos, cooperador de ambos. Ao deixarem o Chipre,

Paulo começou a assumir o protagonismo, que se transformou em liderança logo após o retorno de João Marcos a Jerusalém (At 13.13). A partir de Perge, viajando pelo interior da Panfília, chegaram à Antioquia da Pisídia. Apesar do seu nome, esta cidade era um grande centro comercial e capital da província da Frígia. O termo "frígio", à época, era quase um sinônimo de "escravo", visto que os frígios, conhecidos por sua grande força física e pequena capacidade mental, eram exportados como escravos por todo o Império Romano.

Em Antioquia, Paulo discursou algumas vezes na sinagoga. E as suas pregações, fundamentadas em passagens do Antigo Testamento, geraram grande interesse pelo evangelho: "no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus" (At 13. 44). Isso significa que Paulo prezava a Palavra e fazia questão de fazer com que ela tivesse mais destaque do que ele próprio. As pessoas não estavam ali por causa da forma como ele ministrava, e sim porque ele pregava a Palavra de Deus!

Quando Deus nos abre grandes portas para a

pregação do evangelho, começam a aparecer obstáculos; surgem "muitos adversários" (1 Co 16.9). E muitos judeus, por inveja, se opuseram a Paulo e reagiram de modo hostil. Ele, então, lhes respondeu: "eis que nos voltamos para os gentios" (At 13.46). Essa conduta, na verdade, era uma marca do ministério de Paulo (cf. At 18.6; 28.28). Ele priorizava os judeus, pois estes já tinham, por assim dizer, "uma bagagem", já conheciam as Escrituras. Em tese, seria mais fácil os judeus reconhecerem que Jesus é o Cristo, por causa de seu conhecimento. Na prática, isso nem sempre acontecia. Em João 5.39,40, vemos que muitos judeus conhecedores das Escrituras não queriam ir a Jesus para ter vida: "Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. E não quereis vir a mim para terdes vida"

Icônio. Barnabé e Paulo partiram para Icônio, na Licaônia, a noventa e seis quilômetros em direção leste de Antioquia, deixando naquela cidade discípulos "cheios de alegria e do Espírito Santo" (At 13.51,52). Icônio era uma das cidades mais

belas do mundo antigo, localizada no caminho real romano que unia Éfeso com Tarso, Antioquia da Pisídia e o Oriente. Era, também, um lugar estratégico para a propagação do evangelho. E ali se repetiu o que havia acontecido na cidade anterior: os missionários pregaram primeiro aos judeus, houve oposição ferrenha e confusão. Mesmo assim, eles falaram "ousadamente acerca do Senhor, o qual dava testemunho à palavra da sua graça, permitindo que por suas mãos se fizessem sinais e prodígios" (At 14.1-3).

Listra. Insultados e ameaçados de apedrejamento pelos judeus incrédulos, fugiram para Listra (At 14.4-6). Como se deu aquela fuga? Não deve ter sido nada fácil, pois não havia, naquele tempo, carros, motocicletas, helicópteros, aviões, *etc.* Mas observe que Paulo e Barnabé passaram por tudo isso porque, de fato, tinham compromisso com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra. Eles não abriam mão de pregar as Escrituras com verdade. E, como havia riscos ali, partiram para uma cidade que não tinha sinagoga "e ali pregavam o evangelho" (v. 7). Listra era uma colônia romana

muito idólatra da parte oriental da Licaônia, a trinta e cinco quilômetros de Icônio, um lugar com poucos judeus e muitos perigos.

Havia em Listra uma imagem de Júpiter (Zeus), num templo dedicado a essa divindade em frente da porta da cidade. Os pagãos dali acreditavam que Júpiter era o pai de todos os deuses e homens. E julgavam que ele, às vezes, visitava a terra acompanhado de Mercúrio (Hermes), o deus da eloquência. Na mitologia grega, "Hermes é o filho de Zeus e de Maia, a mais jovem das Plêiades. [...] Hermes inventou a flauta (a siringe, ou flauta de Pã). [...] Além disso, este aprendeu a arte de adivinhar o futuro com a ajuda de pequenas pedras. Zeus, encantado com a habilidade do seu filho mais novo, fez dele o seu mensageiro, destinado particularmente ao seu serviço pessoal e ao dos deuses infernais Hades e Perséfone" (GRIMAL, p. 223-224).

Ao pregarem em Listra, Barnabé e Paulo foram confundidos com Júpiter e Mercúrio. Um homem "leso dos pés, coxo desde o seu nascimento" foi curado por Deus, através de Paulo (At 14.8-10), e

uma multidão de pagãos daquela cidade chamou Barnabé de Zeus — o mais importante deus do Panteão helênico, certamente por ser Barnabé o mais velho e ainda exercer, de certa forma, a liderança, embora já estivesse perdendo o protagonismo —, e Paulo, de Hermes, "porque este era o que falava" (vv. 11,12). Segundo uma lenda, o supremo deus Zeus e seu mensageiro e arauto Hermes haviam-se disfarçado de viajantes pobres e procurado abrigo entre os licaônios. Tendo sido rejeitados, bateram à porta de um velho casal de camponeses, Filemom e Baucis, que lhes deram abrigo e alimento.

Zeus e Hermes, então — diz a lenda —, teriam transformado os inospitaleiros em rãs, e a cabana do casal hospitaleiro num templo de ouro e mármore. Os licaônios esperavam que os deuses voltassem, a fim de tratá-los com honra. Acreditando que Barnabé e Saulo eram tais deuses, o sacerdote de Zeus (ou Júpiter) trouxe para a frente do templo touros e grinaldas, para que a multidão oferecesse sacrifícios aos pregadores. E, somente depois de grande confusão, os pregadores

conseguiram persuadir aqueles idólatras, saltando para o meio da multidão com as vestes rasgadas e dizendo: “Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo, que fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há neles”, e a ordem foi restaurada com muito esforço (At 14.13-18).

Tudo indicava que o estabelecimento de uma igreja ali seria fácil, depois do que ocorrera. Mas o Diabo não desiste de lutar contra os pregadores que têm compromisso com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra. E ele estava ainda mais furioso com o fato de Barnabé e Paulo não terem cedido à tentação de receber a glória dos homens. Não demorou muito para os judeus incrédulos que perseguiam os missionários desde Antioquia da Pisídia e Icônio chegarem a Listra. Eles incitaram a multidão contra Paulo, que acabou sendo apedrejado, dado como morto e arrastado para fora da cidade (At 14.19). De maneira miraculosa, o pregador se levantou, diante da vista de um

pequeno grupo de discípulos — os quais seriam os responsáveis pela continuidade da nova igreja —, entrou na cidade e, no dia seguinte, partiu com Barnabé para Derbe (v. 20).

Derbe. Convido o leitor a refletir um pouco sobre o milagre que Deus realizou na vida de Paulo. Pensemos em uma pessoa que foi apedrejada e arrastada. Qual seria a sua condição física? Estaria ele com braços, pernas ou dedos quebrados? Possivelmente, sim. E sua cabeça, como estaria? Observe que ele fora dado como morto. Apesar de tudo isso, Paulo se levantou e viajou no dia seguinte para Derbe, na Licaônia, uma cidade que ficava a trinta e dois quilômetros de Listra! Há livramentos que Deus dá aos seus servos para os quais não há explicação lógica. Lembra-se do que aconteceu em Nazaré, quando judeus incrédulos expulsaram Jesus da cidade e o levaram ao cume do monte, para dali o precipitarem? Sem dar muitos detalhes, o autor sagrado apenas registrou: "Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se" (Lc 4.30).

Por que Lucas não se esforçou em explicar detalhadamente os dois livramentos, de Nazaré e de

Listra? Porque não há o que explicar! Foi Deus quem interveio, miraculosamente, em ambos os episódios. Ao escrever a Timóteo, já próximo da morte, o apóstolo Paulo recorda dos grandes livramentos do Senhor por ocasião da primeira viagem missionária: “Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade, paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia [da Pisídia], em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou” (2 Tm 3.10,11). Cumpriu-se na vida desse pregador as duas promessas contidas em Salmos 34.17-19: “Os justos clamam, e o Senhor os ouve e os livra de todas as suas angústias. [...] Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas”.

Edital de Convocação da CGADJJSCT

Depois de Paulo e Barnabé terem “anunciado o evangelho” em Derbe e “feito muitos discípulos”, iniciaram, em 49 d.C., a volta à cidade de Antioquia da Síria (At 14.21). Durante a viagem, Paulo

possivelmente escreveu ou, pelo menos, fez um esboço para escrever posteriormente a Epístola aos Gálatas. Estes "eram gauleses oriundos do Norte da Galácia e que, mais tarde, parte deles emigrou para o Sul da Europa, de cujo território a França de hoje faz parte" (STAMPS, p. 1792). Mas a carta de Paulo não foi dirigida aos crentes da província da Galácia, e sim "às igrejas da Galácia" (Gl 1.2), isto é, a todas às igrejas ao sul da Galácia: Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe.

Mesmo estando bem próximos da Síria, os pregadores resolveram não fazer a rota por Chipre. E, em vez de passarem pelas Portas da Cilícia, tomaram a direção oeste e voltaram pelo longo caminho que haviam percorrido, a fim de visitarem as igrejas estabelecidas — exortando os cristãos "a permanecer na fé, pois por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus" — e nomearem presbíteros (At 14.22,23), como Paulo costumava fazer (cf. Tt 1.5), mantendo o bem-sucedido sistema usado nas sinagogas.

Paulo e Barnabé fizeram questão de visitar os lugares onde tinham sido indignamente tratados.

“Passando depois por Pisídia, dirigiram-se a Panfília. E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atália” (At 14.24,25). “A viagem por mar e terra ocupou talvez uns dois ou três meses. De Derbe era fácil regressar a Tarso por via das ‘Portas da Cilícia’, e dali a Antioquia, porém Paulo, cujo entusiasmo nunca fraquejou, preferiu voltar pelo caminho por onde havia ido, para visitar e confirmar os recém--convertidos na fé, além de estabelecer igrejas em outros centros da Pisídia, Panfília e em Atália, este último, porto de Panfília, a 26 km distante de Perge. De Atália seguiu viagem diretamente para Antioquia da Síria, cuja igreja recebeu muita inspiração ao ouvir a história dos triunfos do Evangelho mediante os esforços de seus distintos missionários” (MONEY, p. 235-236).Havia, naqueles dias, muita controvérsia e risco real de divisão da igreja: “de um lado estavam cercados por uma idolatria que feria os seus mais profundos sentimentos religiosos, e por uma desenfreada libertinagem, em ligação com o politeísmo; e por outro lado patenteava-se uma orgulhosa e desdenhosa filosofia, que

extraordinariamente rebaixava tanto as classes mais educadas como o povo mais ignorante e irrefletido. E desta forma se mantinha e fortalecia a 'parede da separação', que existia entre judeus e gentios (Ef 2.14), estando uns distantes dos outros, como os dois polos, na maior parte das coisas da vida, à exceção do comércio" (BUCKLAND, p. 331-332).

Apesar do grande progresso da igreja de Antioquia da Síria, em todas as áreas, era da igreja em Jerusalém — a igreja-mãe, à época dirigida por Tiago, irmão do Senhor, Pedro e João (Gl 2.9) — que partiam as diretrizes para todas as congregações. Paulo e Barnabé, então, receberam, por assim dizer, em 49 d.C., o Edital de Convocação da CGADJJSCT, para participarem de um concílio (ou assembleia) em Jerusalém (At 15). Considerando que "igreja de Deus" (gr. *ekklesian tou theou*), termo que aparece várias vezes no Novo Testamento (At 20.28; 1 Co 10.32, etc.), significa "assembleia de Deus", o primeiro concílio da igreja primitiva, convocado em caráter extraordinário, também poderia ser chamado de Primeira Assembleia Geral Extraordinária (AGE) da

Convenção Geral das Assembleias de Deus em Jerusalém, Judeia, Samaria e Confins da Terra (CGADJJSCT). Risos.

A Primeira AGE da Assembleia de Deus

Quando se fala em assembleias ou convenções de liderança eclesiástica, pensa-se logo em reuniões tensas, em que alguns obreiros sem domínio próprio dão lugar à carne e verberam uns contra os outros. Vemos, inclusive, que muitos pastores convencionais têm procurado aprender as regras parlamentares, a fim de usarem a mesma forma de tratamento empregada no Congresso Nacional. Mas participar de uma reunião convencional, para tratar dos assuntos ligados à obra do Senhor, é muito mais importante do que discutir a legislação de um país. E a linguagem de todos deveria ser, sobretudo, "sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós" (Tt 2.8).

Aliás, houve um tempo em que "as Convenções eram convocadas para que os obreiros mais jovens

ouvissem estudos bíblicos e experiências notáveis dos mais antigos, e assim eram fortalecidos: na fé e no ministério. Nesse tempo, ir a uma reunião convencional era um grande sonho, uma ardente paixão, um negócio de Deus. [...] Houve um tempo em que a Casa de Deus não parecia com um sindicato, por ser exatamente uma assembleia dos santos. [...] Houve um tempo em que os líderes se respeitavam e se amavam; não se devoravam mutuamente" (GOMES, 2008).

O objetivo do concílio em Jerusalém era tratar do assunto que foi objeto da Epístola aos Gálatas: o perigo dos judaizantes, que queriam que os novos convertidos se submetessem ao judaísmo. "Os judeus do século I observavam ativamente os gentios convertidos. No entanto, esses convertidos tinham de se submeter a todas as exigências determinadas aos judeus pela legislação do Antigo Testamento. A ideia de que um gentio podia manter um relacionamento direto com Deus, sem que primeiramente e de fato se tornasse um judeu, era não somente estranho ao judaísmo do século I, como repugnante também" (RICHARDS, p. 718).

Paulo e Barnabé, tidos como pregadores progressistas — embora fossem conservadores quanto à sã doutrina — declararam que o evangelho devia ser pregado a judeus e a gentios, indistintamente, sobre a mesma base cristocêntrica, sem a preocupação com as leis judaicas. Os judaizantes "sustentavam que não podia haver salvação fora de Israel. Por essa razão, diziam que todos os discípulos gentios deviam ser circuncidados e observar a lei judaica" (HURLBUT, p. 32). Felizmente, no concílio de Jerusalém, tudo se resolveu após um debate respeitoso entre Paulo, Barnabé, Pedro, Tiago, irmão do Senhor, com a participação dos anciãos (presbíteros) e de toda a igreja.

Chegou-se a uma ótima conclusão: os judeus que desejassem guardar as tradições do judaísmo estavam livres para fazer isso. Ao mesmo tempo, os novos convertidos gentios estavam desobrigados de cumprir a lei judaica. A partir dessa decisão, houve uma transição gradual de uma igreja cristã judaica para uma igreja de todas as raças e nações. Glória a Deus! Como seria maravilhoso se as características

da primeira AGE fossem seguidas à risca pelos pastores convencionais da atualidade! Como seria bom se nas assembleias gerais ordinárias e extraordinárias de hoje reinassem a paz e o bom senso! Procuram-se obreiros como Paulo, Barnabé, Pedro e Tiago, que discordavam num ou noutro ponto, mas não priorizavam a carreira político-eclesiástica, esforçando-se, antes, para tomar decisões que beneficiassem o Reino de Deus!

Os Pregadores Itinerantes e a Ética

Creio que é apropriado, antes de concluir este capítulo, discorrer um pouco sobre a conduta ética (gr. *ethos*, "modo de ser", "caráter", "conduta", "procedimento"), uma vez que ela está se tornando rara em nosso meio, não apenas em reuniões convencionais, mas também nos púlpitos. Há pregadores itinerantes, na atualidade, que — supostamente sob a unção de Deus — falam mal de outros pregadores, ameaçam, portam-se com arrogância, alfinetam pastores presentes à reunião, *etc.* E o pior: fazem tudo isso ao som de "glória a

Deus", "aleluia" e "Fala mesmo, Jesus". O maquiavelismo e a chamada ética consequencialista estão em voga, a ponto de tudo estar sendo relativizado no campo da moralidade.

A chamada Lei de Moisés foi dada por Deus. Isso significa que os valores morais têm origem no Senhor e não devem ser relativizados. Deus, ali, inclusive, asseverou: "Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo" (Lv 19.2). Em ambos os Testamentos, há uma grande ênfase à família, à comunidade e aos relacionamentos justos pessoais e em sociedade. Jesus, ao andar na terra, apresentou uma ética baseada na resposta ao Reino inabalável de Deus. E o apóstolo Paulo reconheceu que em Cristo tudo se faz novo; a partir da conversão, o ser humano é orientado a uma vida completamente nova (2 Co 5.17).

Com base na vida e na obra de Paulo, a ética cristã é o somatório de valores morais, princípios e mandamentos que formam a vida cristã normal, à luz do que o Senhor Jesus ensinou (cf. Mt 5-7), dando sentido a ela e aprimorando a nossa conduta.

A ética cristã, nesse caso, está atrelada ao fruto do Espírito (Gl 5.22; Ef 5.9; Cl 3.1ss) e tem o seu alicerce no mesmo princípio de vida que teve o Senhor (At 10.38; 1 Jo 2.6). Ela resulta no tipo de conduta fiel que efetivamente fortalece o testemunho dos cristãos e possibilita que o comportamento dos pastores, pregadores e ensinadores inspire as pessoas a terem uma vida de obediência à Palavra de Deus.

Segue-se que o termo "ética" está relacionado com o estudo crítico da moralidade, incluindo os padrões de certo e errado. Abarcando princípios, normas e regras que devem ser seguidos para que se estabeleça um comportamento moral exemplar, ética é, também, a parte da filosofia que trata das questões e dos preceitos que se relacionam aos valores morais e à conduta humana. Paulo, sob a inspiração divina, asseverou que o salvo tem a mente de Cristo (1 Co 2.14-16). E daí se conclui que a chamada ética cristã diz respeito ao que cada crente pensa e faz de acordo com os ensinamentos do Senhor.

Ao discorrer sobre a pregação do evangelho, em 1

Tessalonicenses 1.5, Paulo asseverou que a conduta ética dá força à exposição da Palavra: "o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra [gr. *logos*], mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção [gr. *pathos*], assim como sabeis ter sido o nosso procedimento [gr. *ethos*] entre vós e por amor de vós" (ARA). Nesta passagem, o termo *ethos* — de onde se originou a palavra "ética" e que diz respeito ao caráter percebido do orador — está associado a *logos* (o conteúdo verbal da mensagem, incluindo-se arte e lógica na sua exposição) e a *pathos* (o fervor, o sentimento e a eloquência do pregador). Ou seja, a pregação bem-sucedida está centrada na ética cristã, a qual, segundo as cartas paulinas, abrange a conduta do crente (Ef 4.17-24), o cultivo dos bons costumes (Rm 12; 1 Co 15.33) e o relacionamento com o próximo (Rm 15.2-5). Na ética relativizadora da pós-modernidade, não há mais certeza quanto ao que é certo e errado. E isso tem afetado muitos pregadores.

Normas comportamentais são consideradas invenções humanas. Já não se acredita que sejam

derivadas de uma fonte fora da humanidade, transcendente, isto é, de Deus. A verdade também se tornou relativa e individualizada. E a própria realidade, hoje, é vista como uma construção, e não como algo concreto e pré-existente. Mas os pregadores fiéis ao Senhor Jesus jamais devem abrir mão da sã doutrina (1 Tm 6.20; 2 Tm 4.1-5). Os princípios e mandamentos transmitidos por Deus, através de seus profetas, apóstolos e do próprio Senhor, combinados com o seu exemplo perfeito (Jo 13.1-15), fornecem ao pregador uma ética absoluta, que se contrapõe ao relativismo ético prevalecente no mundo sem Deus.

CAPÍTULO 4

CONFERENCISTA INTERNACIONAL

E Paulo teve, de noite, uma visão em que se apresentava um varão da Macedônia e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos!
Atos 16.9

– Paulo, o que o irmão acha de tornarmos a visitar as igrejas que, por graça de Deus, fundamos?

— Tenho orado sobre isso, irmão Barnabé. Creio que, agora, depois dessa ótima reunião com os apóstolos em Jerusalém, o caminho está aberto para levarmos o evangelho aos gentios.

— Penso que poderíamos retomar o nosso grupo original e convidar João Marcos para ir conosco. Ele teve aquele problema na Panfília, na primeira viagem, mas acredito que agora, pelo que temos conversado, ele está preparado para nos ser ainda mais útil.

— Meu amigo Barnabé, o irmão sabe o quanto

respeito as suas decisões e opiniões. O irmão é um homem de Deus, que muito me ajuda. Mas, com toda a sinceridade, tenho outros planos. Creio que a nossa próxima expedição será ainda mais difícil. Os judeus incrédulos estão furiosos com o crescimento do evangelho. E tenho um desejo de ir ainda mais longe, segundo a direção do Senhor. Não podemos correr o risco de ter um companheiro que nos abandone no meio do caminho.

— Entendo a sua preocupação, Paulo. Mas acho que o irmão está sendo muito inflexível e duro com o rapaz.

— Não é isso, irmão Barnabé. Sei que João Marcos é uma pessoa temente a Deus, fiel à sã doutrina e muito dedicado. Sei, também, que ele tem o talento para escrever. Isso tudo é muito bom. Porém tenho orado e penso que não é bom, nesse momento, que ele vá conosco na nossa próxima viagem.

— Bem, então, temos um grande problema, pois não pretendo viajar sem ele. O irmão sabe que esse rapaz é mais que meu sobrinho. Ele é como um filho para mim.

— Sim, claro. E não quero que o irmão se afaste

dele por minha causa. Talvez, esse nosso desentendimento seja um sinal da parte de Deus para formarmos dois grupos.

— Como assim, irmão Paulo?

— Tenho observado muito o irmão Silas e penso que ele também é um bom obreiro. Como o irmão deseja navegar para Chipre, que é sua terra natal, eu poderia visitar meus irmãos, na minha terra, a Cilícia, e depois partir para a Licaônia.

— Amém, irmão Paulo. Vamos orar um pouco mais sobre isso. Foi Deus quem nos uniu, quando estávamos orando e jejuando naquela reunião de oração, lembra-se?

— Claro que sim, meu amigo.

— Não gostaria de me separar do irmão — disse Barnabé, com os olhos marejados. — Mas sei que o Senhor Jesus está no controle de todas as coisas.

Paulo e Barnabé se Separam

Em princípio, o propósito da Segunda Viagem Missionária de Paulo era visitar os irmãos que já haviam recebido a Palavra de Deus (At 15.36). Ao

discutirem sobre a possibilidade de levar consigo João Marcos — que, outrora, os havia deixado —, Paulo e Barnabé acabaram se separando: "Barnabé aconselhava que tomassem consigo a João, chamado Marcos. Mas a Paulo parecia razoável que não tomassem consigo aquele que desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra. E tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro. Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre" (vv. 37-39).

O texto de Atos 15.40–18.22 apresenta detalhes sobre a segunda expedição missionária de Paulo, que se deu entre os anos de 49-52 d.C., tendo o seu início logo após o concílio de Jerusalém. Paulo resolveu escolher Silas como companheiro para essa nova viagem (At 15.40). Esse obreiro fora designado pela Assembleia de Deus em Jerusalém, junto com Judas Barsabás, para acompanhar Barnabé e Paulo e ler, em Antioquia da Síria, a carta resultante da mencionada assembleia geral extraordinária (vv. 22-31). Depois de ter cumprido a sua missão, Silas, que era profeta (v. 32), decidiu

permanecer ali (v. 34). Seu nome é uma contração de Silvano, pelo qual é conhecido nas epístolas paulinas: "o Filho de Deus, Jesus Cristo, que entre vós foi pregado por nós, isto é, por mim, e Silvano, e Timóteo, não foi sim e não; mas nele houve sim" (2 Co 1.19).

"Essa foi a mais significativa das três viagens; depois de passar pela Cilícia, Licaônia, Frígia e Galácia, Paulo, em consequência de um sonho (que provavelmente o confirmou numa decisão já tomada), pregou pela primeira vez o evangelho no continente europeu" (MCKENZIE, p. 702). Desde o início, ficou claro que Deus cuidava da agenda de Paulo. Sua partida foi um tanto perturbada por causa da citada diferença de opinião com Barnabé a respeito de João Marcos, a qual trouxe resultados da mais alta importância, haja vista Paulo ter evangelizado boa parte dos continentes da Ásia e da Europa, enquanto Barnabé navegou a Chipre (At 15.39). Na obra do Senhor há espaço para todos; não existe a necessidade de obreiros renomados, dando ocasião à carne, disputarem o mesmo espaço.

Muitos têm superdimensionado a discussão entre Paulo e Barnabé, sugerindo que eles nunca se perdoaram. Mas essa suposição não se sustenta. Paulo com frequência falava cordialmente acerca de seus amigos e companheiros, em suas cartas, e não há dúvida de sua amigável personalidade. Alguém que passou a maior parte da vida com estrangeiros e estabelecendo estreitas relações com eles deve ter sido cordial e acolhedor. "Paulo parece ter estado igualmente à vontade com judeus e gentios por toda a parte; ele é a mais cosmopolita figura de toda a Bíblia" (MCKENZIE, p. 703).

A impressão que se tem, ao lermos o livro de Atos dos Apóstolos, é que a chamada de Barnabé era um pouco mais restrita que a de Paulo. Este mesmo disse: "me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio" (Rm 15.20). Não obstante, esses homens de Deus não se tornaram inimigos. Paulo, inclusive, cita Barnabé, ao escrever aos crentes de Corinto (1 Co 9.6), dando a entender que acompanhava o trabalho de seu velho amigo.

A Segunda Viagem Missionária de Paulo

Derbe e Listra. Paulo e Silas, então, partiram de Antioquia, passando pelas províncias da Síria e da Cilícia, "confirmando as igrejas" (At 15.41). Dali seguiram para Derbe e Listra, na Licaônia, lugar que não trazia boas lembranças para Paulo. Mas, ali, um importante companheiro se uniu à sua comitiva: "E chegou a Derbe e Listra. E eis que estava ali um certo discípulo por nome Timóteo, filho de uma judia que era crente, mas de pai grego, do qual davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e em Icônio" (At 16.1,2).

A despeito da desavença com Barnabé por causa de João Marcos, Paulo não era inimigo dos jovens pregadores. Sua exigência se dava no campo da conduta e da postura do obreiro, independentemente da sua idade. E isso ficou claro na sua maneira de agir em relação ao jovem Timóteo. Este, talvez, não tivesse tantas qualidades quanto João Marcos, mas, naquele momento, se mostrou mais disposto a fazer a obra do Senhor. Hoje, por falta de referenciais, muitos jovens

pregadores compram DVDs de animadores de auditório, pregadores malabaristas e milagreiros e os imitam. A diferença entre eles e Timóteo é que este imitava a conduta, a postura, a vida de Paulo, e não apenas a sua performance como pregador.

Timóteo, possivelmente, foi o sucessor de Paulo, após seu martírio, no ano 67 d.C., a quem esse apóstolo se referia como: "meu verdadeiro filho na fé" (1 Tm 1.2). Ele era um adolescente, na pequena cidade de Listra, quando começou a chamar a atenção do apóstolo Paulo. A mãe de Timóteo chamava-se Eunice, e sua avó, Loide (2 Tm 1.5; 3.11). Não se sabe a religião do seu pai, o qual era grego, mas este, que impedira seu filho de ser circuncidado (At 16.3), permitiu que a sua esposa o instruísse nas Escrituras (2 Tm 3.14,15). No Novo Testamento vemos muitas informações acerca de Timóteo, claramente preparado por Paulo para ser o seu sucessor (2 Tm 3.10-14).

O nome de Timóteo é grego e significa "que honra a Deus" ou "amado por Deus". As expressões "meu filho muito amado e fiel no Senhor" (1 Co 4.17) e "verdadeiro filho na fé" (1 Tm 1.2) indicam que o

apóstolo Paulo foi o pai espiritual e mentor de Timóteo. A chamada divina desse jovem pregador itinerante foi confirmada por profecia (1 Tm 4.14). Por isso, o apóstolo Paulo e o presbitério reconheceram o seu ministério de evangelista (2 Tm 1.6; 4.1-5). Ele acompanhou Paulo em várias cidades, como Galácia, Trôade, Filipos, Tessalônica, Bereia e Corinto (At 17.1-14; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1).

Timóteo foi mandado para a Macedônia com Erasto antes da Terceira Viagem Missionária de Paulo (At 19.22) e fez parte do grupo que acompanhou Paulo na volta dessa viagem (v. 20.4). Ele enviou Timóteo também a Corinto para constatar os distúrbios que precederam a redação da 1 Epístola aos Coríntios (1 Co 4.17). Timóteo participou da evangelização dessa cidade (2 Co 1.19) e teve papel importante nas igrejas de Filipos (Fp 2.19) e Tessalônica (1 Ts 3.2,6). Em 1 Timóteo nota-se que a Assembleia de Deus em Éfeso ficou a cargo dele, uma missão difícil para um jovem pregador. Ele foi, sem dúvida, um dos companheiros mais íntimos e fiéis de Paulo e esteve

preso em Roma antes da morte do apóstolo (cf. Hb 13.23). Daí Paulo ter mencionado o nome de Timóteo, ao escrever aos romanos (Rm 16.21), aos coríntios (2 Co 1.1), aos filipenses (Fp 1.1), aos colossenses (Cl 1.1), aos tessalonicenses (1 Ts 1.1) e ao crente Filemom (Fm v. 1).

Icônio e Antioquia da Pisídia. Em Listra, Paulo viu o fruto de sua semeadura com lágrimas, ao encontrar estabelecida ali uma igreja florescente. Isso, com certeza, o animou para seguir a Icônio e Antioquia da Pisídia. A segunda viagem estava começando com muitas alegrias. Era um momento especial preparado por Deus, para o pregador itinerante ver os frutos de seu trabalho e regozijar-se no Senhor. Atravessando a Frígia e a Galácia, quis pregar na província da Ásia, mas seguiu — por ordem do Espírito Santo — para a província da Mísia, onde desejou pregar na Bitínia. Mais uma vez "o Espírito de Jesus não lho permitiu" (At 16.4-7).

Trôade. O desejo ardente do pregador Paulo de difundir o evangelho em território novo o impulsionou a estender sua expedição missionária à

Ásia Proconsular, bem como às províncias ao norte. Mas Deus cuidava da agenda de Paulo e lhe mostrou claramente que alguns lugares lhe estavam vedados, naquele momento. Os missionários desceram, então, a Trôade, uma cidade marítima da Mísia, na costa do mar Egeu, não muito distante da antiga Troia. Ali, possivelmente, Lucas, médico e também historiador, se uniu à comitiva de Paulo. O mencionado autor de Atos dos Apóstolos e do Evangelho Segundo Lucas passa, a partir de Atos 16.10, a incluir-se na narrativa: "concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho".

A humildade de Lucas fica patente em sua atitude de não impor a sua presença, mas isso dá lugar a algumas especulações. Lucas, chamado de "médico amado" por Paulo (Cl 4.14), era um cristão grego, habitante de Antioquia da Síria e, segundo alguns historiadores sugerem, irmão de Tito. Mas o que fica claro, nesse ponto da viagem, ainda na Mísia, defronte do Mar Egeu, é que Paulo e seus companheiros foram dirigidos por Deus, por meio de uma visão celestial dada ao apóstolo, a pregarem

a sua Palavra na Europa.

Paulo desejava ficar um pouco mais na Ásia Menor, embora estivesse separado da Europa apenas por uma pequena extensão de mar. Entretanto, o Senhor mostrou ao pregador itinerante que era mais necessário pregar a Palavra na Macedônia (At 16.9,10). Que ensinamento maravilhoso temos aqui! O pregador chamado por Deus, diante das várias possibilidades de pregar o evangelho, deve buscar ao Senhor, pois a vontade dEle está acima dos nossos planos. A nossa vontade não deve prevalecer, ainda que ela seja a melhor, segundo o nosso entendimento. O pregador itinerante às vezes precisa escolher entre duas ou três opções, assim como Paulo. E alguns interesseiros, lamentavelmente, optam pela escolha mais vantajosa, em todos os aspectos, sobretudo financeiros. Paulo, o pregador itinerante modelo, escolheu fazer a vontade de Deus.

Paulo Chega à Europa

“A Europa é invenção dos gregos. O poeta Hesíodo

(fim do século VIII e começo do século VII a.C.) foi o primeiro a empregar esse nome, e o célebre Heródoto, o 'pai da História', no século V a.C., escreveu: 'Quanto à Europa, parece que não se sabe de onde veio seu nome e nem quem o deu'" (LE GOFF, p. 37). A história do velho continente começou com o auge da Grécia, no século V a.C., quando as cidades gregas se uniram para opor perseverante resistência à invasão persa. A Grécia, então, desbaratou os consecutivos ataques das hordas persas. Mesmo assim, os gregos não conseguiram unidade política até o século IV a.C., quando Filipe da Macedônia passou a reinar (359-356 a.C.).

Filho de Filipe, Alexandre, o Grande, (336-326 a.C.) converteu a Grécia numa grande potência mundial, que só seria conquistada em 142 a.C. por Roma, que a dividiu em quatros partes, cujas capitais eram Pela (cidade natal de Alexandre), Anfípolis, Tessalônica e Pelagônia. Os romanos chamaram a Grécia — mais precisamente a "pequena região que exerceu uma influência fora de toda proporção a seu tamanho, e que foi

transcendental para a história subsequente da Europa e do mundo inteiro" (MONEY, p. 238) — de Acaia. A Macedônia, primeiro destino do pregador Paulo e seus companheiros na Europa, era uma província ao norte da Grécia, limitada a leste pela Trácia e o mar Egeu, ao norte pelos montes Balcânicos e a oeste pela cordilheira de Pindo.

De Trôade, Paulo e sua comitiva navegaram em linha reta para a ilha rochosa de Samotrácia, na parte nordeste do mar Egeu, a trinta e dois quilômetros ao sul da costa da Trácia, onde a embarcação foi ancorada. Na manhã seguinte, a embarcação tocou em Neápolis, cidade marítima da Macedônia (At 16.11,12). Paulo, que estava pisando pela primeira vez em solo europeu, seguiu imediatamente para Filipos, "a primeira cidade desta parte da Macedônia", isto é, o ponto de partida de sua obra de evangelização na Europa. Ele visitou várias cidades da Macedônia — província que incluía a maior parte do norte da Grécia moderna, porções da Bulgária e Iugoslávia e aproximadamente metade da Albânia —, priorizando três grandes centros: além de Filipos

(At 16.12-40), Tessalônica, capital da província macedônica (17.1-9), e Bereia (At 17.10-14).

À época, Paulo e seus companheiros não pensaram estar saindo do continente da Ásia e entrando na Europa, visto que os dois lados do mar Egeu eram gregos. Mas creio que eles experimentaram grande emoção, ao saberem que estavam cada vez mais perto de Roma. Paulo tinha pressa e grande ansiedade em ver o evangelho propagado por todo o mundo (Cl 1.6). Os pregadores sabiam que poderiam atravessar a Macedônia e chegar a lugares onde o nome Cristo ainda não fora anunciado, como a Acaia, a Itália, a Gália, a Espanha, a Germânia e a ilha da Britânia, que já havia sido anexada ao Império Romano.

Filipos. Esta cidade, localizada na Macedônia oriental e perto da fronteira da Trácia, era um grande posto militar e centro comercial. Ali havia uma congregação de mulheres judias e prosélitas, dentre as quais destacava-se Lídia, uma vendedora de púrpura. Ela era natural de Tiatira, uma das cidades da província da Ásia, e seu batismo em águas fora o primeiro na Europa (At 16.14,15). Mas,

se ali havia mulheres abençoadas, como Lídia, também havia outras, ainda longe do Caminho e atormentadas pelo Diabo, como uma jovem que tinha um espírito de adivinhação. Durante muitos dias, ela seguiu a Paulo e dizia: “Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo”. E esse apóstolo resolveu expulsar o demônio que possuía aquela moça (vv. 16-18).

“Crê no Senhor Jesus Cristo e Serás Salvo”

O Senhor Jesus libertou aquela pitonisa, mas isso trouxe problemas a Paulo e Silas, pois ela “dava grande lucro aos seus senhores” (At 16.16). Quando estes perceberam que não poderiam mais ganhar dinheiro com as adivinhações da jovem, prenderam os missionários e os conduziram à Ágora. Na *pólis*, cidade-estado grega, geralmente, havia a Acrópole, onde ficavam os templos, e a Ágora, praça aberta onde funcionavam feiras e os tribunais. Ali, também havia muita “disputa”, isto é, discussões

filosóficas sobre os mais diversos assuntos. A acusação contra Paulo e Silas era a seguinte: “Estes homens, sendo judeus, perturbaram a nossa cidade. E nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos” (vv. 20,21). Sem que tivessem direito de defesa, os pregadores do evangelho foram açoitados em público e lançados na prisão, tendo seus pés presos a um tronco.

Paulo demonstra ser muito forte, em suas epístolas, mas era impossível para ele reprimir o grito diante de uma multidão que se divertia e aplaudia, enquanto o sangue dos missionários jorrava, na medida em que recebiam selvagens golpes. Segundo Richard Wurmbrand, que foi submetido a espancamento, açoites e todo tipo de tortura em prisões comunistas, a dor experimentada por Paulo e Silas era muito grande. “As pancadas queimavam como fogo. [...] Era como se as costas estivessem sendo grelhadas numa fornalha, e o choque ao sistema nervoso era imenso” (POLLOCK, p. 71). Mas eles dispunham das “armas da nossa milícia [...], poderosas em

Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo" (2 Co 10.4,5). E conseguiram vencer o sofrimento por meio da oração e do louvor.

Perto da meia-noite, enquanto Paulo e Silas oravam e cantavam hinos — note: hinos — a Deus diante de todos os presos, houve um terremoto, os alicerces da prisão se moveram e todas as suas portas se abriram (At 16.23-26). Como eles estavam convictos de que Deus estava no controle de tudo, mesmo que tivessem boas condições físicas (que não era esse caso, haja vista terem sido açoitados e maltratados), jamais tentariam fugir. E mais: Paulo estava ciente de que seus direitos como cidadão romano haviam sido violados.

O carcereiro, assustado com o que acontecera e pensando que os presos haviam escapado, quis matar-se. Mas Paulo gritou: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos". O carcereiro, então, ao se prostrar diante deles clamando por salvação, ouviu uma mensagem sucinta, porém completa,

sobre a salvação: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa” (At 16.27-31). Convertidos, esse homem e sua família convidaram os pregadores para irem à sua residência, onde foram por eles batizados e, com grande alegria, lhes deram comida e trataram das suas feridas (vv. 32-34). Pela manhã, as autoridades filipenses resolveram soltar os missionários. Mas Paulo não era um tipo de pessoa que abre mão de seus direitos como cidadão para evitar complicações. E a reação dele com certeza surpreendeu os magistrados: “Açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo homens romanos, nos lançaram na prisão, e agora, encobertamente, nos lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora” (At 16.35-37). Paulo não agiu assim simplesmente para fazer valer seus direitos. Na verdade, ele sabia que não havia sofrido por acaso, pois, a partir do momento em que se constatasse que ele e Silas haviam sido castigados injustamente, mais pessoas dariam crédito à sua pregação. Ao saber do erro que cometeram as autoridades “lhes dirigiram súplicas; e, tirando-os

para fora, lhes pediram que saíssem da cidade. E, saindo da prisão, entraram em casa de Lídia, e, vendo os irmãos, os confortaram, e depois partiram" (vv. 38-40).

Tessalônica. Partindo de Filipos, os pregadores passaram por Anfípolis, a cinquenta quilômetros ao sudoeste da cidade anterior. Eles não se detiveram ali porque não havia nenhuma sinagoga. O próximo destino, a quarenta e oito quilômetros dali, foi Apolônia, onde ficaram por apenas um dia. Na manhã seguinte, empreenderam mais uma longa jornada de sessenta e quatro quilômetros a pé e chegaram à famosa e histórica cidade de Tessalônica, de muitas recordações. Ela fora um grande centro comercial e base militar, tendo uma localização privilegiada — sobre o golfo Termaico na via Egnatia, que unia Roma com toda a região setentrional do mar Egeu —, ótima para a difusão da Palavra de Deus, tanto por mar como por terra.

Ao chegar a Tessalônica, Paulo "disputou" sobre as Escrituras na sinagoga — como era o seu costume (At 17.17; 18.4,19; 19.8) — por três sábados, "expondo e demonstrando que convinha

que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos. E este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo" (At 17.1-3). Alguns judeus, uma grande multidão de gregos religiosos e muitas mulheres distintas creram, mas judeus desobedientes e invejosos fizeram um complô e "alvoroçaram a multidão e os principais da cidade" contra Paulo e Silas (vv. 4-8). Não os encontrando — visto que os servos do Senhor haviam sido avisados —, os agitadores políticos arrastaram o cristão Jasom e outros irmãos à presença dos magistrados, acusando-o de acolher os "que têm alvoraçado o mundo" (v. 6). Estes foram liberados, possivelmente mediante fiança e sob a promessa de que Paulo e Silas deixariam a cidade (v. 9).

Bereia. O próximo destino de Paulo e Silas era a cidade de Bereia (At 17.10,11), distante oitenta quilômetros de Tessalônica, na falda oriental do Olimpo. Paulo teve a alegria de conhecer ali "judeus [...] mais nobres do que os que estavam em Tessalônica", os quais receberam com prontidão o evangelho. Observe que Lucas elogiou os judeus — e não os cristãos — da sinagoga, os quais estavam,

na verdade, recebendo o evangelho pela primeira vez. “Os bereanos responderam de forma acentuadamente diferente. Em vez de reagir contra a mensagem de Paulo, receberam a Palavra com muita avidez, zelo e entusiasmo. Mais importante ainda: examinavam diariamente as Escrituras, pesquisando como advogados ao investigarem um caso, para ver se aquelas coisas eram assim. [...] Visto como examinavam as Escrituras, estes bereanos não somente estabeleceram um exemplo para todos nós, mas Paulo não precisou corrigi-los depois, como teve de fazer com tantas outras igrejas” (HORTON, 1995, p. 178). Assim, começou a Assembleia de Deus em Bereia e se tornou tão vigorosa e firmada na Palavra, a ponto de ser desnecessária uma epístola aos bereanos.

Deus permitiu que judeus incrédulos de Tessalônica fossem a Bereia para fomentar mais perseguição contra Paulo, haja vista a necessidade de esse apóstolo continuar evangelizando a Europa. Ele, então, deixou Silas e Timóteo temporariamente ali, para cuidarem das novas igrejas estabelecidas (At 17.14,15), e navegou para o sul da Grécia, à

província Acaia, onde esperaria seus companheiros em Atenas (v. 16). Esta cidade, situada no golfo de Salônica, a oito quilômetros do mar e a setenta e quatro quilômetros a leste de Corinto, tinha um porto, Pireu, conectado por muralhas longas e grossas.

"Caldeirão" de Atenas

Extremamente idólatra e amante da filosofia, Atenas surgiu de uma colina rochosa, a Acrópole, coroada pelo Partenom, considerado o mais notável triunfo da arquitetura grega. Em sua era do ouro, ela orgulhava-se de ser o centro literário e cultural do mundo civilizado, onde a inteligência humana se destacava com um inigualável resplendor. Enquanto esteve ali, Paulo "disputou" com judeus na sinagoga e, na Ágora, com os filósofos epicureus e estóicos. Estes chamaram Paulo de "paroleiro" ou "tagarela" e disseram que ele era pregador de deuses estranhos porque "lhes anunciava a Jesus e a ressurreição" (At 17.18).

Admirados da "nova filosofia" propagada por

Paulo, os atenienses o conduziram ao Areópago (vv.19-21), um penhasco elevado, situado na frente ocidental da Acrópole, "um lugar onde se reunia o tribunal que julgava os casos que afetavam o bem-estar da cidade" (PFEIFFER, 2006, p. 1479). Paulo — aproveitando a oportunidade — pregou ali uma mensagem cristocêntrica (vv. 22-31), considerada, também, um discurso de caráter filosófico, dirigido a uma cultíssima plateia ateniense. "O seu discurso no monte de Marte foi apenas a continuação das discussões diárias que tinha havido no mercado e na sinagoga" (BUCKLAND, p. 333). Ao final da pregação do evangelho, "uns escarneciam, e outros diziam: Acerca disso te ouviremos outra vez" (At 17.32). Mas alguns homens creram na Palavra de Deus, "entre os quais estava Dionísio, o areopagita, e uma mulher por nome Dâmaris, e, com eles, outros" (v. 34).

Há algum tempo, uma famosa cantora evangélica — não me pergunte o nome — foi convidada para cantar em um programa de televisão secular e sincretista, onde se apresentou ao lado de adeptos dos cultos afro-brasileiros, vestidos de branco, e

dançarinas seminuas. Depois de sua polêmica participação ali, ainda entusiasmada, declarou, nas redes sociais: "sentimos como Paulo testemunhando Jesus no Areópago. Em meio a tantos deuses louvamos o único Deus verdadeiro!" Mas ela se esqueceu de algumas "pequenas" diferenças entre os dois episódios. Em primeiro lugar, Paulo, no Areópago, não pregou o que os atenienses queriam ouvir. Ele disse o que todos *precisavam* ouvir. Ousado, ele anunciou que todos os homens, em todo o lugar, devem se arrepender (At 17.30).

Deslumbrada, a cantora chegou ao palco sorridente e saltitante, mesmo sabendo — como ela mesma declarou — que estava entre pessoas que serviam a outros deuses. Quanto ao pregador Paulo, a disposição do seu coração foi outra. Ao chegar a Atenas, "o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria" (At 17.16). Esse é o sentimento de um imitador de Cristo. À semelhança de seu Mestre, Paulo via os pecadores como ovelhas que não têm pastor (Mt 9.36). Quem conhece o verdadeiro evangelho chora

diante da idolatria prevalecente no Brasil. Mas os propagadores do evangelho ecumênico, multicolorido, sincrético, abrem um grande sorriso, de orelha a orelha, pois sabem que estão ganhando milhões e milhões através da venda de CDs, DVDs, realização de *shows*, *etc.*

Ah, se Paulo estivesse mesmo naquele programa! Ele não teria perdido a oportunidade de "disputar" com o apresentador (At 17.17). Afinal, Paulo teve a coragem de enfrentar até os filósofos epicureus e estoicos, que "contendiam com ele" e zombavam, dizendo: "Que quer dizer este paroleiro?" Eles, inclusive, o acusaram de ser um "pregador de deuses estranhos. Porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição" (v. 18). E, por isso, foi levado ao Areópago. Mas a famosa cantora não teve ousadia para discordar do falso evangelho sincrético propagado pelo apresentador do programa. Ao ouvir dele a frase: "O Caldeirão é uma mistura de religiões", a cantora respondeu: "Tem espaço para todo mundo".

Como o evangelho do arco-íris, sincrético, também conhecido como evangelho-show, é

diferente do verdadeiro evangelho! Paulo não foi ao Areópago para se apresentar. Ele apresentou o Salvador do mundo. E, por isso, dividiu as opiniões (At 17.32-34). Alguém poderá dizer: "Que exagero desse escritor. A cantora pregou Jesus Cristo por meio da música". Sim, nesse sentido, ela realmente o pregou. Mas não de maneira contundente, clara, confrontadora. E ela também usou palavras que corroboraram o sincretismo religioso pregado pelo apresentador. Teria ela coragem de discordar e dizer o que disse Paulo aos atenienses: "Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos" (v. 22)?

O evangelho pregado por celebridades do "mundo gospel" não confronta o pecado, pois é *light*, agradável aos ouvidos, simpático e, por isso, recebe aplausos das pessoas que não andam segundo a Palavra de Deus. Mas Paulo, no "caldeirão" das superstições e filosofias de Atenas, pregou sem medo: "Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de

julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos" (At 17.30,31).

Assembleia de Deus em Corinto

De Atenas, Paulo seguiu para Corinto, distante setenta e dois quilômetros de Atenas, situada na entrada do estreito istmo[1] que unia a península do Peloponeso com o continente. A Corinto daquela época era uma metrópole opulenta, lasciva e idólatra — assim como fora a Corinto arcaica dos séculos VII e VI a.C. —, em que comércio, política e religião se misturavam. Deuses como Ártemis e Afrodite eram cultuados na Ágora, na Acrocorinto e em outros espaços urbanos. "Podemos inferir que existia uma política de trazer para o centro urbano as divindades/marcos, para que a população pudesse, mesmo dispersa no território cívico, identificar-se com o centro político comum. [...] A relação com o sagrado, mais precisamente o processo ritual, altar, templo significou a

apropriação do território face às populações vizinhas e a demarcação de limites e margens, fomentavam o processo de criação de identidade cívica" (LIMA, p. 32-33).

Paulo tinha um grande desafio em Corinto, pois o povo dessa cidade era extremamente corrompido, a ponto de o provérbio "viver como um coríntio" designar a conduta imoral. Na fortaleza de Acrocorinto, a 500 metros de altitude, Afrodite era cultuada. Mil "prostitutas sagradas" eram usadas no culto orgíaco a essa deusa. A imoralidade e a fornicação ali eram tidas como culturais, por assim dizer. Ali também havia um templo arcaico de Apolo, restaurado pelos romanos, onde se glorificava o sexo, a música e a poesia. No seu interior, havia várias estátuas nuas de Apolo em várias poses de virilidade e ali mesmo os adoradores masculinos de Afrodite se relacionavam com as prostitutas cultuais.

Calvino afirmou: "Se Paulo tivesse usado a acuidade de um filósofo e a linguagem pomposa em seu trato com os coríntios, o poder da Cruz de Cristo, no qual a salvação dos homens consiste,

teria sido sepultado, porque ele não poderia nos alcançar desta maneira" (COSTA, p. 248). Se Paulo fosse um pregador itinerante "contextualizador", teria feito "vista grossa" ao pecado, a fim de não se indispor com os coríntios. Paulo sabia que o evangelho está acima da cultura. Ele tinha certeza de que a Palavra de Deus não devia sofrer qualquer aculturação. Pelo contrário, ela deveria confrontar o pecado.

Além de viver sem respeito à moralidade e à ética, os coríntios, assim como os atenienses, eram grandes polemistas, cheios de orgulho intelectual. Tudo isso, certamente, deixou Paulo apreensivo, mas ele encontrou ali um casal: Priscila e Áquila, que, assim como o apóstolo, sabiam fazer tendas (At 18.1-3). Por onde Paulo passava sempre havia pessoas tementes a Deus que o ajudavam (At 16.14). O pregador itinerante compromissado com a Palavra de Deus nunca está só. Sempre encontrará apoiadores em sua jornada.

"Não Temas, mas Fala e não te Cales"

Paulo ficou em Corinto por “um ano e seis meses” (At 18.11), entre 50 a 52, “disputando” todos os sábados na sinagoga, tendo a companhia de Silas e Timóteo (At 18.4,5). Estes não aparecem em Atenas, mas achamo-los em Corinto. Eles, inclusive, são mencionados nas saudações de 1 e 2 Tessalonicenses, cartas escritas em Corinto, entre os anos 51 e 52: “Paulo, e Silvano, e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses” (1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1). A primeira resultou, possivelmente, do relatório de Timóteo com respeito às condições dos cristãos de Tessalônica, e aos erros em que aquela igreja caíra.

Mais uma vez, ao pregar o evangelho na sinagoga, a hostilidade judaica se manifestou, e Paulo, irritado com a resistência e blasfêmia de seus compatriotas, “sacudiu as vestes e disselhes: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo e, desde agora, parto para os gentios” (At 18.6). Ele certamente aludia à passagem de Ezequiel 33.9: “quando tu tiveres falado para desviar o ímpio do seu mau caminho, para que se converta dele, e ele se não converter do seu caminho, ele morrerá na sua iniquidade, mas tu livraste a tua alma”. Em

seguida, entrou na casa de Tito (Tício) Justo, um servo do Senhor que morava junto à sinagoga (v. 7). Apesar do aborrecimento de Paulo, Jesus estava no controle de tudo e salvando almas naquela cidade. Crispo, o principal da sinagoga, e sua família creram e foram batizados, juntamente com muitos outros coríntios (v. 8).

Quanto à oposição dos judeus incrédulos, que levaram Paulo ao tribunal, ela foi neutralizada pela indiferença de Gálio (Galião), procônsul da Acaia. Este sábio juiz romano (51-52) e irmão do famoso filósofo Sêneca — conselheiro do imperador Nero — não quis intrometer-se em assuntos que julgou pertencer aos judeus e absolveu Paulo, expulsando os acusadores do tribunal (At 18.12-16). Ademais, o Senhor falou com Paulo, por meio de uma visão, animando-o a continuar pregando e ensinando ali: "Não temas, mas fala e não te cales; porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (vv. 9,10). Portanto, mesmo em meio a lutas e perseguições, Paulo fundou em Corinto uma das mais importantes Assembleias de Deus de sua

época. E, possivelmente, visitou outras cidades da Acaia, estabelecendo ali mais igrejas.

Hora de Voltar

Cencreia. O evangelho lançou raízes na grande metrópole de Corinto e dali se espalhou. Paulo, então, tendo alcançado a liberdade por meio de decisão legal e consciente de que findara o seu tempo ali, resolveu partir. Para onde? Sua agenda estava na mão de Deus. E, segundo a direção dEle, Paulo "despediu-se dos irmãos e dali navegou para a Síria e, com ele, Priscila e Áquila" (At 18.18). Estes dedicados obreiros — um casal —, ajudados pelo pregador Apolo, a quem haviam instruído "pontualmente" na verdade do evangelho, estavam prontos para viajarem a Éfeso. Paulo, primeiro, passou por Cencreia, que figura no Novo Testamento apenas como o lugar de onde Paulo partiu, em seu regresso da Europa. Cencreia era um porto e importante centro comercial no lado oriental do istmo, treze quilômetros a leste de Corinto. Ali, também, havia uma Assembleia de

Deus, mencionada pelo apóstolo em Romanos 16.1.

Éfeso. O destino final de Paulo era a Antioquia da Síria, mas, antes, navegando em direção leste, através do mar Egeu, teria de passar pela renomada cidade de Éfeso, metrópole da Ásia Proconsular, perto da desembocadura do Caíster (hoje, Baiindir), entre Mileto ao sul e Esmirna, no norte. Embarcações de todas as partes do mundo conhecido faziam escala no amplo porto de Éfeso. Nesta cidade havia um magnífico templo, consagrado à deusa Diana (Ártemis), um teatro e um hipódromo, os quais tinham grande fama em toda a Ásia. Ali, Paulo deixou o casal de obreiros Priscila e Áquila e aproveitou para entrar na sinagoga e "disputar" com os judeus. E estes, curiosamente, em vez de se lhe oporem, rogaram-lhe que ficasse por mais um tempo" (At 18.19,20). Assim é a vida de um pregador itinerante. Às vezes, ele é mal recebido; às vezes, é bem recebido. Mas ele está a serviço do Senhor, e não dos homens.

Cesareia e Jerusalém. Partindo, então, de Éfeso, na província da Ásia, navegou até a ilha de Rodes,

conhecida por causa de uma grande estátua, o Colosso de Rodes (mais ou menos do mesmo tamanho do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro: 38 metros de altura), a qual, naquele tempo, não estava mais de pé, por causa de um terremoto. Sua embarcação aportou ali antes de atravessar o mar Mediterrâneo e chegar ao porto de Cesareia, entre Jope e Tiro, depois de alguns dias.

Antioquia da Síria. Escalando os montes ao interior, chegou à Assembleia de Deus em Jerusalém, apenas para saudar a igreja-mãe (At 18.21,22). Depois, partiu para o destino final: Antioquia da Síria, onde ficou por algum tempo (vv. 22,23). Pensemos na alegria desta igreja ao ouvir os relatos dos pregadores itinerantes Paulo e Silas. Igrejas que têm pregadores itinerantes verdadeiramente compromissados com sã doutrina vibram quando eles retornam de uma viagem, pois sabem que eles têm mensagens cristocêntricas e relatos edificantes para compartilhar.

[1] Faixa estreita de terra que liga uma península ao continente.

CAPÍTULO 5

NÃO SE FAZ PREGADOR COMO ANTIGAMENTE

E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo.
Filipenses 3.8

Nas áureas décadas de 1980 e 1990 — que saudade! —, os pregadores mais requisitados eram os que verdadeiramente expunham a Palavra. Não havia espaço para o pregador *showman*. Um importante expoente daquele período declarou: "Houve um

tempo em que os cultos não eram *shows*, os ministros não eram artistas, e os santos de Deus não eram 'galera'. [...] Houve um tempo em que os compositores de hinos não eram sacoleiros, os cantores não tinham empresários, e os pregadores não eram galãs. [...] Houve um tempo em que se pregava a misericórdia, o perdão, o arrependimento e o juízo de Deus. [...] Houve um tempo em que não se pagava para ir a um evento evangélico, porque os pregadores e cantores não eram artistas. [...] Houve um tempo em que os itinerantes, especialmente aqueles que nunca pastorearam, respeitavam os pastores e se maravilhavam com o seu difícil e árduo labor" (GOMES, 2008).

Com base no que está escrito em 2 Timóteo 3.14 — "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido" —, posso dizer que o ministério que o Senhor me outorgou foi grandemente influenciado por eminentes pregadores com ministério itinerante, especialmente entre os anos 1985 e 1998. Nesse período, havia poucos "itinerantes" famosos na igreja evangélica brasileira, especialmente no

meio pentecostal. E a exposição bíblica simples e ungida por Deus, sem malabarismos, invencionices e interação exagerada com o público, ainda sobrevivia e era muito apreciada.

De alguns anos para cá, nas Assembleias de Deus brasileiras, a pregação centrada nas Escrituras começou a se tornar cada vez mais rara nos púlpitos dos grandes eventos. Tem diminuído significativamente o número dos expoentes itinerantes da Palavra do Senhor, enquanto aumenta, de modo considerável, a quantidade de pregadores malabaristas, animadores de auditório e milagreiros. Creio que, em decorrência do falecimento de alguns expoentes que tinham um ministério itinerante e da queda espiritual de outros, durante a última década do século XX, houve certo vazio no púlpito dos eventos de grande porte — que exercem forte influência sobre os obreiros mais jovens —, e a lacuna demorou a ser preenchida.

Como resultado disso, "conferencistas internacionais", verdadeiras celebridades, passaram a substituir os expoentes da Palavra de Deus,

homens chamados verdadeiramente pelo Senhor para exercer um ministério itinerante e compromissados com a sã doutrina. Em outras palavras, multiplicaram-se rapidamente os "itinerantes" feitos pelos homens, como nos dias de Jeroboão, um rei de Judá desviado do Senhor que "fez sacerdotes dos mais baixos do povo, que não eram dos filhos de Levi" (1 Rs 12.31). E a nova geração de obreiros acabou perdendo rapidamente o contato com os principais referenciais da pregação cristocêntrica e verdadeiramente pentecostal. Hoje, o modelo que encanta multidões ainda é o da pregação interativa, no melhor estilo "diga isto e aquilo para o seu irmão", com pouquíssima exposição bíblica e malabarismo de sobra.

Prioriza-se a forma, em detrimento do conteúdo; o espetáculo, em detrimento da mensagem; a performance do pregador, em detrimento da eficácia da Palavra de Deus; o carisma, em detrimento do caráter. Enfim, a pregação do século XXI, em geral, é muito mais antropocêntrica do que cristocêntrica. E, como consequência disso,

muitos crentes já não suportam a explanação da viva e eficaz Palavra do Senhor (Hb 4.12; 2 Tm 4.1-5). A pregação sem modismos é encarada como simples demais e enfadonha para esses tempos pós-modernos. Os novos convertidos, por falta de ensino da sã doutrina, querem movimento, animação, berros prolongados ao microfone, *stand-up*, exibição teatral, entretenimento, *etc.* A exposição verdadeiramente ungida das Escrituras perdeu a primazia. E quem critica a pregação interativa é considerado retrógrado, ultrapassado, invejoso, sem unção, inimigo do "mover de Deus" e cético. São tantos e tantos adjetivos...

O novo milênio começou com pouca exposição da Palavra nos púlpitos dos grandes eventos das Assembleias de Deus. Uma nova linhagem de pregadores (pregadores?), aproveitando-se da "explosão" da Internet, assumiu rapidamente o protagonismo e passou a encantar os jovens pregadores. Pregações triunfalistas e antropocêntricas, com temas exóticos, como "Grávidos de um avivamento" ou "Sonhe e ganhará o mundo", além de propagadas pela grande rede,

passaram a ser vendidas, alugadas e até pirateadas em toda parte, transformando os "itinerantes" em verdadeiras celebridades.

Entretanto, a batalha pela fé dos santos visando à recuperação do primado da exposição da Palavra do Senhor prossegue. Graças a Deus e ao legado de Jesus Cristo, Paulo e tantos outros pregadores itinerantes do passado, o quadro começa a melhorar. Há um forte clamor pela pregação cristocêntrica e centrada na imutável Palavra de Deus, e já começam a surgir pregadores itinerantes à moda antiga. Aleluia! O alvo de todo pregador que se preza deve ser o que está em 1 Coríntios 11.1: ser imitador de Paulo, assim como ele era imitador de Jesus Cristo.

Paulo era um Pregador Pentecostal?

No retorno de sua terceira viagem, a qual será abordada no próximo capítulo, Paulo se apressava "para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes" (At 20.16). Isso porque, desde o derramamento inaugural do poder dinâmico do

Espírito Santo, no dia de Pentecostes (At 2.1-4), em cumprimento da Palavra profética (Is 44.3; Jl 2.28,29; Lc 24.49), esse dia passou a ser especial para a igreja. E daí vem o adjetivo "pentecostal", que, a despeito de começar a ser empregado com maior frequência apenas no início do século XX — sobretudo por causa do grande reavivamento que ocorreu em Los Angeles, Estados Unidos —, está relacionado diretamente com a igreja primitiva (cf. 1 Ts 5.19-21).

Para todos os cristãos, "Pentecostes é considerado o aniversário da Igreja. Assim como a ressurreição de Cristo aconteceu no domingo, o Pentecostes também ocorreu no primeiro dia da semana — o dia em que os cristãos adoravam e continuam a adorar (At 20.7; 1 Co 16.2)" (PFEIFFER, p. 1501). Os cristãos conhecidos como pentecostais creem que o derramamento do poder dinâmico do Espírito, no dia de Pentecostes, foi inaugural e continua a ser derramado até os dias de hoje. Isso porque o apóstolo Pedro, na primeira pregação pentecostal, por assim dizer, afirmou que "a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a

todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (At 2.39).

Vivemos numa época em que muitos pregadores se intitulam pentecostais sem sequer saberem o que significa ser um pentecostal. Por outro lado, muitos não pentecostais (principalmente os antipentecostais), ignorando a diferença entre pentecostalismo e pseudopentecostalismo, colocam ambos os segmentos no mesmo bojo. Daí ser importante dizer que as verdades pentecostais — termo empregado pelos teólogos pentecostais para designar as doutrinas paracletológicas — não foram inventadas pelas igrejas pentecostais.

Pentecostes era uma das sete festas que Israel devia observar, nos tempos do Antigo Testamento (Lv 23), a qual passou a ser importante para a cristandade por causa do aludido derramamento inaugural do poder dinâmico do Espírito Santo. Seus elementos aplicam-se à Igreja, de modo simbólico, haja vista ser a quarta festa determinada por Deus (Lv 23.15,16). Ou seja, ela era precedida das festas da Páscoa, dos Pães Asmos e das Primícias; e ocorria antes das festas das Trombetas,

da Expiação e dos Tabernáculos. Trata-se, pois, da festa central, o que, por analogia, mostra a importância do poder do Espírito Santo para a Igreja e do equilíbrio espiritual que resulta dele.

Não sabemos, ao certo, quando o Senhor Jesus nasceu. Mas temos a certeza de que Ele ressuscitou no primeiro dia da semana. E também temos o conhecimento de que o Pentecostes devia ocorrer sempre no quinquagésimo dia após a Festa das Primícias. Depois desta, contava-se sete semanas (49 dias), vindo a seguir o dia de Pentecostes. Isso mostra, simbolicamente, que sem a Páscoa, isto é, sem o Cordeiro de Deus morto e ressurreto, não teríamos o Pentecostes! Fazendo uma aplicação, isso significa que o pregador pentecostal que se preza deve pregar sobre a obra redentora de Jesus, à semelhança de Paulo (1 Tm 3.16; 1 Co 1.18-23).

Se vivesse hoje, Paulo seria chamado de pregador pentecostal? Para tristeza dos antipentecostais e dos cessacionistas mais exaltados, sim. As instruções contidas nas passagens de 1 Coríntios 12-14, Efésios 5.18,19 e 1 Tessalonicenses 5.19-21, especialmente, provam que Paulo vivia e propagava as doutrinas

do Espírito Santo conhecidas como verdades pentecostais. Em Atos 9 e 13, vemos que ele foi e permaneceu cheio do Espírito Santo. E a sua conduta em Éfeso, em sua terceira viagem, é a principal evidência de que ele era um autêntico pregador pentecostal. "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.6).

O que Paulo Pregaria, Hoje?

Dizem alguns "itinerantes" que os tempos mudaram, e que o evangelho precisa ser contextualizado, adaptado ao mundo pós-moderno. Que engano! "Pregar o evangelho significa anunciar toda a verdade acerca de Cristo contida nas Santas Escrituras. E, quando isso acontece, o Senhor coopera, confirmando a pregação com sinais (Mc 16.15-20; Ef 6.17). O poder do evangelho reside, pois, na apresentação de *toda* a verdade da Palavra de Deus, e não em argumentações humanas, ainda que sejam coerentes e satisfaçam as exigências do limitado raciocínio humano" (ZIBORDI, 2006, p.

170).

Não pense que o pregador itinerante Paulo mudaria o evangelho, caso vivesse em nossos dias. Ao contrário de muitos "itinerantes", que contextualizam a mensagem da Palavra do Senhor ao extremo, satisfazendo os desejos carnais e preferências das pessoas, ele continuaria pregando "segundo as Escrituras". Ele mesmo disse: "primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3,4). Paulo pregaria, hoje, o mesmo evangelho de poder que anunciava (1 Ts 1.5). Ele pregaria a salvação em Jesus Cristo (1 Co 1.22,23), haja vista ser o evangelho o "poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16).

Penso que Paulo não seria um pregador espalhafatoso, animador de auditório ou humorista. Ele também não usaria técnicas psicológicas para "curar" a alma nem seria um *showman*. E, com certeza, se irritaria com a falta de ordem nos cultos e com as inúmeras bizarrices do "mundo gospel"

que, pouco a pouco, foram sendo incorporadas ao culto por meio da manipuladora técnica de introjeção de heresias dos falsos apóstolos da atualidade. Paulo reafirmaria tudo o que escreveu em 1 Coríntios 14, pontificando que o verdadeiro culto é formado por salmo, doutrina, revelação, língua e interpretação (v. 26).

Nesses últimos dias, em que o ser humano tem sido endeusado, a mensagem pregada por Paulo seria 100% cristocêntrica. Ele jamais negociaria o inegociável, mas pregaria o evangelho da cruz de Cristo! Ele daria ênfase à vitória sacrificial de nosso Senhor Jesus (1 Co 1.18; Cl 2.14,15). E não trocaria a "simplicidade que há em Cristo" (2 Co 11.3) pela sofisticação dos modelos de crescimento numérico, como "igreja emergente", "igreja com propósitos", "igreja em células", *etc.* Afinal, o que salva, de fato, não é o discipulado, que hoje, têm sido mais valorizado que o próprio evangelho. É o Espírito Santo quem convence o pecador do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11) e o insere no Corpo de Cristo como uma nova criatura (1 Co 12.13).

Assim como pregou em Atenas, o imitador de

Cristo continuaria pregando Jesus e a ressurreição (At 17.18). “Ele não inventaria mensagens novas, com temas ‘criativos’, como ‘Amarre o Diabo!’ ou ‘Grávidos por um avivamento’. Não! Ainda que bocejassem, ficassem inquietos ou torcessem o nariz durante a sua exposição, a mensagem de Paulo seria Cristo, Cristo, Cristo, nome sem igual! [...] Paulo pregaria sobre o glorioso Arrebatamento da Igreja, ainda que o chamassem de retrógrado e desatualizado! Ele continuaria dizendo que a nossa cidade está nos céus, de onde esperamos o Senhor e Salvador Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, mortal, sujeito às enfermidades, em um glorioso, incorruptível, semelhante ao de Jesus (Fp 3.20,21)” (ZIBORDI, 2006, p. 176).

Nesses tempos pós-modernos, Paulo teria muitos inimigos, insensíveis, céticos, amantes de sua própria “verdade”. As feministas e os ativistas homossexuais teriam ódio dele. Ele seria tachado de machista e preconceituoso. Os pregadores da Teologia da Prosperidade detestariam as suas críticas. As celebridades do “mundo gospel” ironizariam a sua conduta contrária ao fã-clube.

Pessoas que não têm a Bíblia como a Palavra de Deus protestariam contra o evangelho pregado por Paulo. E alguns mais exaltados talvez levantassem cartazes com dizeres ameaçadores: "Morte ao apóstolo Paulo". Muitos teriam vontade de calá-lo. Mas ele jamais se intimidaria. E continuaria pregando: "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6.7).

Procuram-se Pregadores como Spurgeon

Não é fácil encontrar, mesmo em toda a História da Igreja, imitadores do pregador Paulo. Mas, sem dúvida, o pregador inglês Charles Haddon Spurgeon — que nasceu em 19 de junho de 1834 e começou a pregar em 1850 — é um deles. Não é por acaso que ele figura no grupo seleto dos grandes pregadores dos séculos XVIII e XIX, como John Wesley (1703-1791), Charles G. Finney (1792-1875) e D. L. Moody (1837-1899), os quais procuravam imitar o apóstolo Paulo, assim como este imitava o Senhor Jesus. Se Spurgeon,

considerado por muitos o príncipe dos pregadores, ainda estivesse entre nós, o que ele pregaria?

Pregador e defensor do verdadeiro evangelho, Spurgeon se destacou ao combater as heresias e os modismos de seu tempo até 1892, quando partiu para a eternidade. “A apatia está em toda parte”, disse ele, em um sermão. “Ninguém se preocupa em verificar se o que está sendo pregado é verdadeiro ou falso. Um sermão é um sermão, não importa o assunto; só que, quanto mais curto, melhor” (SPURGEON, 1887). Meu Deus, se naquela época as coisas já estavam assim, o que Spurgeon diria hoje?

Como o príncipe dos pregadores reagiria ao ligar o televisor e ver um pregador do falso evangelho da prosperidade financeira? “Haveria Jesus de ascender ao trono por meio da cruz, enquanto nós esperamos ser conduzidos para lá nos ombros das multidões, em meio a aplausos? (...) se você não estiver disposto a carregar a cruz de Cristo, volte à sua fazenda ou ao seu negócio e tire deles o máximo que puder, mas permita-me sussurrar em seus ouvidos: ‘Que aproveita ao homem ganhar o

mundo inteiro e perder a sua alma?'" (SPURGEON, 1888, p. 78).

Spurgeon pronunciou as palavras acima em 5 de fevereiro de 1888, quando estava sendo censurado por defender o evangelho. O que ele falaria hoje das pregações antropocêntricas, que nada dizem acerca do Senhor Jesus e sua gloriosa obra vicária? "Estão as igrejas vivenciando uma condição saudável ao terem apenas uma reunião de oração por semana e serem poucos que a frequentam? [...] O fato é que muitos gostariam de unir igreja e palco, baralho e oração, danças e ordenanças. Se nos encontramos incapazes de frear essa enxurrada, podemos, ao menos, prevenir os homens quanto à sua existência e suplicar que fujam dela. Quando a antiga fé desaparece e o entusiasmo pelo evangelho é extinto, não é surpresa que as pessoas busquem outras coisas que lhe tragam satisfação. Na falta de pão, se alimentam de cinzas; rejeitando o caminho do Senhor, seguem avidamente pelo caminho da tolice" (SPURGEON, 1887).

Infelizmente, o chamado "louvorzão" tem substituído o período de oração, em nossos cultos.

Spurgeon ainda fala! E ele disse isso em 1887! E disse mais: “Não há dúvidas de que todo tipo de entretenimento, que manifesta grande semelhança com peças teatrais, tem sido permitido em lugares de culto, e está, no momento, em alta estima. Podem essas coisas promover a santidade ou nos ajudar na comunhão com Deus? Poderiam os homens, ao se retirarem de tais eventos, implorar a Deus em favor da salvação dos pecadores e da santificação dos crentes?” (SPURGEON, 1887). Hoje, os seguidores da “nova onda” revoltam-se contra os que defendem o evangelho. Mas o que diriam eles do príncipe dos pregadores?

Pregação ou Teatro de Bonecos?

Na pregação moderna, cada vez mais interativa e pouco expositiva, o comportamento dos pregadores (pregadores?) e a reação do público se parecem muito com o teatro de bonecos, formado por manipulador e manipulados. O manipulador, nessa modalidade teatral, é quem dá vida e expressão aos bonecos nos seus mais variados formatos. Na

pregação hodierna, a diferença é que o manipulador é chamado de pregador, e o objeto de sua manipulação não são os bonecos, e sim as pessoas. Conheçamos alguns tipos de crentes que se deixam manipular por animadores de auditório, pregadores malabaristas e milagreiros.

Crente marionete. Marionetes são os mais elaborados bonecos entre os vários tipos usados no teatro. Geralmente, são construídos com madeira, com articulações nos pulsos, cotovelos, ombros, cintura, quadris, joelhos e, ocasionalmente, pescoço e tornozelos. Uma marionete padrão é movimentada por meio de nove fios, que obedecem à seguinte distribuição: um para cada braço, um para cada perna, dois para a cabeça, um para cada ombro e um para as costas. Eles são ligados a um controle central de madeira em forma de cruz, movimentado por uma das mãos do manipulador.

Os pregadores manipuladores também têm os seus "fios", isto é, os seus clichês, as suas frases de efeito, para mecanizar o culto e manipular o povo, afastando-o da Palavra de Deus: "Quem nasceu para vencer levante a mão", "Se você é pentecostal,

dê uma rajada de línguas estranhas", "Aperte a mão do seu irmão até que ele diga 'aleluia'", "Tire o pé do chão", *etc.* Mas veja que curioso: na manipulação de marionetes há uma cruz na mão do manipulador! E, na pregação moderna, não existe mais cruz (cf. 1 Co 1.18). Além disso, o pregador não está mais na mão do Senhor, o Controlador de todas as coisas!

Crente fantoche. A montagem do fantoche é feita numa luva, calçada na mão do manipulador, que dá movimento ao boneco. Ele tem tamanho e gestos limitados às dimensões e possibilidades gestuais do operador. A sua construção é relativamente simples: cabeça e mãos são feitas geralmente de material resistente, como madeira, unidas entre si por uma roupa folgada de tecido aberta atrás, por onde é introduzida a mão do manipulador. Pregadores manipuladores costumam ter facilidade para enganar crentes fantoches, que costumam ter "cabeça dura" — em razão de não frequentarem a Escola Bíblica Dominical e os cultos ensino da Palavra — e fazer "corpo mole" para a obra de Deus. Esses crentes não têm firmeza e vivem atrás

de movimentos. Quando ficam diante de um manipulador, comportam-se como se estivessem hipnotizados e obedecem a todas as suas ordens... Certos milagreiros — à semelhança dos manipuladores de fantoches, que introduzem a mão no interior do boneco — têm conseguido tocar na alma de crentes desavisados, fazendo-os ter sentimentos "nunca antes experimentados". Alguns, ao ouvirem esses manipuladores, caem ao chão anestesiados, riem sem parar, rugem, latem, unem as mãos e não conseguem mais separá-las, *etc.* E assim caminha o teatro, ou melhor, o culto "evangélico", sem pregação expositiva da Palavra de Deus, que verdadeiramente penetra na divisão da alma e do espírito (Hb 4.12), e muita hipnose, considerada hoje uma grande manifestação do Espírito!

Crente mamulengo. Este termo é uma corruptela de "mão molenga" e alude a um tipo de boneco comum nos teatros do Nordeste do Brasil. O manipulador emprega um tom bastante crítico nos diálogos e improvisa bastante, ao fazer piadas de humor pesado, que ridicularizam fatos ou pessoas

da comunidade.

Não é difícil de identificar os mamulengueiros e os mamulengos no meio "evangélico". Ambos, ignorando a pregação cristocêntrica, valorizam as falações e canções revanchistas, ridicularizadoras, zombeteiras, pelas quais se tripudia dos "inimigos", que não são as hostes do mal, o mundo ou a carne. Seus inimigos são seus vizinhos, patrões, colegas de trabalho e irmãos que os viram na prova e os não ajudaram, e agora são hostilizados "entre a plateia" por aqueles que estão no palco... Mas a Palavra do Senhor nos ensina a amar e a fazer bem às pessoas que se portam como inimigas (Mt 5.44; Rm 12.20).

Crente jôruri. Comum nos teatros de bonecos do Japão, o jôruri adquiriu grande requinte a partir do século XVIII, com movimento de olhos e articulação dos dedos. Mas a sua movimentação não é fácil. São necessários três manipuladores: o mestre, vestido com traje cerimonial, responsável pela cabeça e o braço direito, e dois manipuladores assistentes, vestidos de preto e com um capuz cobrindo o rosto. O crente jôruri geralmente pertence à classe média alta e é catedrático. Não é

fácil manipulá-lo. Clichês de autoajuda como "Ouse sonhar" não funcionam com ele. Ele é muito racional e submete tudo ao teste da lógica. Para convencê-lo, é preciso um manipulador-mestre, capaz de mexer com a sua cabeça e com a sua mão direita, induzindo-o a colocá-la no bolso!

Um dos mais famosos manipuladores de crente jôruri da atualidade tem nome e sobrenome estrangeiros e é conhecido como o homem mais sábio do mundo. Não há rico e intelectual que resista aos seus argumentos! Dizem que ele, quando usa a "sua sabedoria" e conta com a ajuda de seus assessores, consegue arrecadar dinheiro até para comprar jatinhos... Fazer o quê? Na falta de exposição da Palavra de Deus, sobram as representações teatrais. E aumenta cada vez mais o número de manipuladores e manipulados nesse grande circo — ops! —, grande teatro que se tornou o culto "evangélico" nesses tempos pós-modernos.

Procuram-se Pregadores como David Wilkerson

Em 2011, com quase 80 anos, um autêntico conferencista internacional e, sobretudo, servo do Senhor, entrou em seu automóvel e viajou para a eternidade. David Wilkerson, fundador da Times Square Church, na capital nova-iorquina, podia ter sido assassinado ainda jovem, nas violentas ruas de Nova York. Mas aquele que podia ter sido seu assassino, Nick Cruz, converteu-se ao Senhor, tornando-se um grande expoente do evangelho. A vida de Wilkerson, um pregador "antipático", assim como Paulo, seria preservada por Deus até o dia 27 de abril de 2011, quando seu carro seria atingido por uma carreta, em uma estrada do Texas.

Esse admirável pregador do evangelho deixou algumas mensagens escritas para as igrejas, à semelhança de Paulo. É claro que, no caso deste, suas epístolas tem o selo da inspiração especial de Deus, exclusiva para os textos das Escrituras. Mas o pastor Wilkerson, sem dúvida, era um imitador de Jesus Cristo. E, por isso, os propagadores da Teologia da Prosperidade e muitos astros do "mundo gospel" não gostavam nada dele, a ponto de aproveitaram a sua morte para insinuarem que

isso ocorreu por causa de sua oposição aos evangelhos mercantilista e do entretenimento.

David Wilkerson Exorta a Igreja. Nesta obra algumas palavras nos servem de consolo: "É melhor poder dizer: 'Não importa o que está pela frente — não importa qual a provação ou aflição —, Deus tem-se mostrado fiel. Da morte Ele produziu vida. Nenhuma dessas aflições pode mudar-me agora. 'Ainda que Ele me mate, nEle esperarei'" (WILKERSON, 1993, p. 15). As contundentes mensagens desse pregador verdadeiramente protestante — um dos maiores evangelistas do século XX — não podem ser e jamais serão esquecidas.

Toca a Trombeta em Sião. "Ezequiel lutou sozinho contra todos os falsos profetas de Israel. Esses profetas não tinham qualquer mensagem de retidão, nem de julgamento inevitável do pecado. Eles só profetizavam a paz, conforto e prosperidade. [...] Tais falsos profetas continuam em nosso meio! Eles usam as Sagradas Escrituras no campo das profecias; nas suas mensagens de

prosperidade eles introduzem bastantes passagens bíblicas. Mas é falsa mensagem que eles pregam. Sua pregação não é a mensagem da cruz, nem a da santidade e da separação do mal" (WILKERSON, 1988, p. 127-129). Comparando os tempos atuais com os dias de Ezequiel, Wilkerson também asseverou: "o pecado de Israel era tão grande que a ira de Deus estava a ponto de desencadear-se em forma de julgamento divino sobre a nação. O profeta Ezequiel não queria anunciar a terrível catástrofe que estava para cair sobre aquele povo, pelo fato de ele ter seus profetas prediletos que só anunciavam bonança e paz. [...] Quem acordará e obedecerá ao chamado do Senhor, separando--se e purificando-se de todos os pecados que são praticados dentro das igrejas e fora, no mundo? Você pensa que, vivendo errado, mas pertencendo a uma igreja, escapará do juízo de Deus? Não caia no engano de Israel, pensando que o dia do julgamento está muito longe" (WILKERSON, 1988, p. 133-145).

Observe o modo contundente — e com autoridade — como ele verberava contra a falsificação do

evangelho por meio da música: "Fiquei extremamente chocado quando recentemente abri uma revista evangélica e vi foto de um grupo de *rock* 'pesado', dizendo-se evangélico. Estavam vestidos com o mesmo traje sadomasoquista que eu vira antes enquanto testemunhava de Cristo nas ruas de São Francisco da Califórnia" (WILKERSON, 1988, p. 93). Em tempos de "adoração extravagante", é possível que muita gente não sinta saudades das pregações do Pr. Wilkerson. Mas, graças a Deus, ainda podemos ouvir muitas das suas mensagens, disponíveis na internet, e ler seus livros.

"Onde está a trombeta em Sião, que não toca? Onde está nossa reação? Onde estão os profetas do Senhor que não bradam bem alto: 'Chega! A Casa do Senhor não é lugar de música do Diabo!'" (WILKERSON, p. 94). Como um verdadeiro profeta, Wilkerson, através de seus escritos, ainda verbera contra a covardia dos ministros do nosso tempo: "Que tipo de ministério covarde temos em nossas igrejas de hoje, que tolera e até aplaude um tipo de música que faz os anjos se envergonharem?

[...] A música mundana que hoje penetrou na casa de Deus causa repulsa no céu [...]: 'Como podem pessoas que invocam o santo nome de Cristo apanhar coisas do altar pessoal de Satanás e trazê-las à presença de Deus, lançando-as no seu altar?' [...] Quem são esses roqueiros e inovadores dentro da casa de Deus? São profanadores do santo altar do Senhor!" (WILKERSON, 1988, p. 95).

Ele condena também a falta de discernimento por parte dos líderes e do povo evangélico, em geral: "O que está acontecendo agora é que pastores e suas igrejas aceitam sem exame, nem discussão, música profana no culto. A voz que se ouve é 'Não julguemos mal', e isso Satanás usa para ocultar todo tipo de males que tal música traz. [...] E é exatamente isto que estes inovadores da música estão fazendo na igreja; destruindo a santidade, zombando da pureza e da separação do mundo. [...] Satanás está por trás deste tipo de 'louvor' que ele deseja que lhe seja prestado. E irá até os extremos para corromper o verdadeiro louvor ao Senhor. O inimigo está levando vantagem em sufocar o real louvor em espírito e em verdade. [...] É chocante

ouvir pais e pastores dizendo-me: 'não julgue desta maneira'. Eles deviam obedecer à Palavra de Deus e julgar segundo a reta justiça, para não perderem seus filhos ante as seduções do mundo" (WILKERSON, 1988, p. 96-100).

Muitos dizem que a música, seja qual for o estilo musical adotado, é neutra e serve para o louvor a Deus. Veja a resposta do pregador a isso: "Uma das razões por que o Espírito de Deus retirou-se do 'Movimento de Jesus' surgido na década passada [década de 1970] foi que eles se recusaram a largar o tipo de música anticristã que executavam. Eles deixaram as drogas, álcool, prostituição, e até seu modo estranho de vida. Mas não quiseram abandonar o *rock*. [...] O Espírito de Deus conhece todo mal que há no *rock*, e Ele nos faz sentir sua tristeza por isso. Os que adoram a Cristo em espírito e em verdade sabem discernir rapidamente o que é o *rock*" (WILKERSON, 1988, p. 100-101).

O pastor David Wilkerson verbera também contra os repertórios de cantores pretensamente evangélicos: "Os roqueiros que se dizem evangélicos costumam ter em suas apresentações e

LPs um ou dois hinos realmente sacros, mas o restante é a violenta, selvagem e louca música *rock*. Significa que se eles quisessem, podiam fazer a coisa certa e agradável ao Senhor. Certos roqueiros chegam a me dizer: 'Eu mesmo não gosto do *rock*, mas a juventude gosta, então eu toco *rock* para atraí-los'. [...] Esse tipo de música copiada do mundo não motiva ninguém a dobrar os joelhos e orar, nem mesmo impulsiona os crentes a curvarem suas cabeças em adoração a Deus. A única coisa que essa música faz é levar o auditório a demonstrações carnais de sacudir o corpo, de bamboleios, de dança, que nada têm de espiritualidade. [...] Deus está dizendo a esta geração que canta e toca música mundana na igreja: 'Rejeitais a música de teus pais que adoravam a Deus com toda pureza. Quereis ver os milagres do livro de Atos, mas não quereis a pureza dos vossos pais na fé. Rejeitais a música originada pelo Espírito e abraçais a música que pertence ao mundo'" (WILKERSON, 1988, p. 107-110).

Veja o que ele profetizou sobre o "mundo gospel" há quase trinta anos: "Tal música tornar-se-á cada

vez mais selvagem, seus festivais de música cada vez mais tenebrosos. Somente crentes desviados, mornos e de nome, frequentarão tais reuniões. Caso o leitor não mais creia em nada do que estou profetizando, creia nisto que vou dizer agora: 'Deus vai fazer uma operação de limpeza na sua casa quanto à música!' [...] Já constatei, sem exceção, que todo crente de vida espiritual profunda com Deus e que vive adorando a Deus em espírito e em verdade leva também muito tempo em oração individual. Esse tipo de crente não aceita música frívola, barulhenta ao extremo, acelerada, dissonante. [...] A música mundana na igreja morreria numa semana se cada músico e cantor se humilhasse diante do Senhor e tivesse uma visão do que é a santidade de Deus" (WILKERSON p. 116-118).

Faminto por mais de Jesus. Nesta obra, esse verdadeiro profeta de Deus afirmou: "As igrejas estão sendo invadidas pelo adultério, divórcio, *rock* 'evangélico', psicologia antibíblica e ensinamentos da Nova Era. Muitos jovens crentes estão se voltando para as drogas e o sexo ilícito, tentando

preencher o vazio de suas almas. Isso acontece porque muito do que se diz em nossos púlpitos, quando muito, serve apenas para nos agradar. Os sermões não são substanciais e nem difíceis de se engolir. Na verdade, são 'divertidos'. As histórias são bem contadas, as aplicações fáceis e práticas, e nada do que é dito chega a afetar os ouvintes" (WILKERSON, 2000, p. 17).

Quando Wilkerson disse isso, em 1992, mensagens antropocêntricas, que priorizam o ser humano — como se ele fosse a medida de todas as coisas —, faziam muito sucesso nos Estados Unidos. Ele resolveu escrever sobre o assunto, condenando com veemência a pregação triunfalista, que, em muitas igrejas, tomara o lugar da pregação que visa ao arrependimento e à vida santa. No Brasil, à época, a igreja era diferente da estadunidense. E, na Assembleia de Deus, igreja da qual sou membro desde 1985, o assunto era "A Década da Colheita", um ousado projeto de evangelização. Lembro-me, com saudades, daquele tempo em que não havia espaço para o estilo de pregação (pregação?) "olhe para o seu irmão e diga isto e aquilo". Praticamente,

não existiam animadores de auditório! Os pregadores famosos expunham as Escrituras com graça e sabedoria, tendo como objetivo agradar ao Senhor Jesus.

O que o saudoso irmão David escreveu em *Famintos por mais de Jesus* aos cristãos norte-americanos, em 1992, parece ter sido escrito para a igreja brasileira dos anos de 2010: "Ninguém terá problemas ao trazer um cônjuge não cristão ou um amigo à igreja aos domingos, porque não se sentirão embaraçados. Não entrarão em confronto com o pecado. Nenhuma brasa viva do altar de Deus queimará suas consciências, nenhuma flecha ardente de condenação, vinda do púlpito, os colocará de joelhos. Nenhum dedo profético apontará para seus corações e sentenciará: 'Você é o homem!' E se o martelo de Deus vier ao encontro do pecado, a pancada será rapidamente suavizada" (WILKERSON, 2000, p. 17).

Wilkerson prossegue em seu "duro discurso": "É espantoso, porém, verdade. O lugar mais conveniente para trazer alívio à consciência que procura se esconder dos olhos inflamados de um

Deus santo é o interior de uma igreja morta. Seus pregadores mais parecem carregadores de caixão que apóstolos de vida. Em vez de guiar crentes famintos à vida abundante oferecida por Jesus, fazem promessas agradáveis, tentando apenas acalmar a fome: 'Tudo está bem. Você fez o que precisava fazer'" (WILKERSON, 2000, p. 17).

Observe também o que o irmão Dave disse a respeito da reação daqueles que abraçaram o falacioso evangelho antropocêntrico, quando confrontados à luz da Palavra de Deus: "Alguns pregadores protestam, alegando que suas igrejas, longe de serem mortas, estão repletas de orações fervorosas e adoração a Deus. Contudo, nem todas as igrejas opulentas e avivadas são necessariamente cheias de vida. A adoração vinda de lábios impuros, na verdade, é abominação a Deus. O louvor que sai de corações cheios de adultério, cobiça ou orgulho, não chega a Deus como aroma suave. Bandeiras cristãs erguidas por mãos pecadoras não passam de ostentações arrogantes e revoltosas" (WILKERSON, 2000, p. 18). Duro é esse discurso. Quem o pode ouvir?

CAPÍTULO 6

QUEM CUIDA DA SUA AGENDA?

Ficarei, porém, em Éfeso até o Pentecostes; porque uma porta grande e eficaz se me abriu; e há muitos adversários.
1 Coríntios 16.8,9

— Alô.

— Alô. Com quem eu falo?

— Aqui é o irmão Timóteo.

— Pastor Timóteo? Que prazer falar com o irmão! Mas este não é o telefone celular do apóstolo Paulo?

— Sim. Mas o irmão Paulo está em viagem e me pediu para esperá-lo aqui em Trôade. Ele deve estar a caminho. Com quem estou falando?

— Aqui é o irmão João Pedro, secretário do pastor Epafras, da Assembleia de Deus em Colossos.

Gostaríamos muito de realizar uma escola bíblica aqui no ano que vem, juntamente com a igreja de Laodiceia.

— Olha, amado irmão João, estou esperando o irmão Paulo, e devemos seguir, em breve, para Jerusalém, pois ele deseja muito participar da Conferência Mundial Pentecostal, na semana do dia de Pentecostes. Entretanto isso pode mudar, pois o irmão Paulo está sempre em oração, e Deus pode mandá-lo para outro lugar.

— É mesmo?

— Sim.

— Tomara que Deus o mande aqui para Colossos e Laodiceia, pois estamos precisando muito de estudos bíblicos.

— Entendo, irmão João. Como lhe disse, estou aqui em Trôade, e Colossos não está muito longe. Há alguns anos, ele estava por aqui, desejoso de pregar na Ásia, e Deus mandou-o para a Macedônia... — risos. — Mas creio que é muito difícil ele não ir a Jerusalém, pois alguém me disse que já tentaram demovê-lo dessa decisão, por causa das perseguições que ali o esperam, porém Paulo

está irredutível.

— É bem possível que Deus já tenha falado com ele sobre isso, pastor Timóteo.

— É verdade.

— Está certo, então, pastor Timóteo. Deus sabe de todas as coisas. Vamos ligar para Jerusalém e tentar agendar com o apóstolo Pedro. Sei que é difícil, mas vamos tentar...

— Amém.

— Ah, sim, pastor Timóteo, só mais uma pergunta:

O irmão teria o telefone dos pastores Barnabé e Apolo?

— Não tenho aqui, querido irmão... Mas, assim que o irmão Paulo chegar, eu consulto na sua agenda e retorno a sua ligação.

— Amém. Que Deus o abençoe, pastor Timóteo. Grato pela sua atenção.

A Terceira Viagem Missionária de Paulo

Neste capítulo, discorrerei sobre a Terceira Viagem Missionária de Paulo e darei ênfase a algumas

características desse "servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus" (Rm 1.1). O diálogo ficcional acima serve apenas para ilustrar como Paulo foi um arauto, um mestre, um conferencista internacional cuja vida e agenda estavam nas mãos do Senhor. Ele era, de fato, um pregador chamado por Deus (1 Tm 2.7), escolhido para exercer um ministério itinerante paradigmático (At 9.15). Mas não o vemos, em Atos dos Apóstolos e também nas epístolas paulinas, preocupado com o uso de títulos pomposos ou com o *marketing* pessoal.

Antioquia da Síria. A agenda de Paulo estava nas mãos do Senhor. Esse pregador itinerante partia muitas vezes para suas viagens missionárias como Abraão: ao lugar que Deus lhe mostraria (Gn 12.1,2). É claro que ele tinha planos, objetivos, e não viajava a esmo; havia propósitos em seu coração. Mas, como diz a Palavra do Senhor: "Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do SENHOR permanecerá" (Pv 19.21). E, pelo que tudo indica, a estadia de Paulo em Antioquia da Síria, logo após a sua segunda viagem

missionária, foi a última. Agradeçamos, pois, a Deus pelos pregadores e ensinadores itinerantes fiéis à sua Palavra que temos em nossas igrejas. Nunca sabemos por quanto tempo teremos o privilégio de ouvi-los. Eles estão à disposição do Senhor, e sua missão é propagar a Palavra de Deus.

Na segunda metade do século I d.C., Jerusalém ainda era a sede da Assembleia de Deus primitiva e seu maior referencial doutrinário. Antioquia da Síria, principalmente por causa das expedições missionárias dos seus pregadores itinerantes, tornara-se o centro irradiador do evangelho. Paulo, Barnabé e outros obreiros enviados pela igreja antioquiana estabeleceram muitas congregações, nas quais havia inúmeros convertidos. Como principal expoente daquela igreja e o que suportara mais provações e tentações, bem como o que experimentara mais milagres em seu ministério, Paulo não estava disposto a dormir sobre seus louros e queria viajar mais, a fim de propagar o evangelho.

A Terceira Viagem Missionária de Paulo ocorreu, possivelmente, no período de 53 a 58 d.C., logo

após um breve descanso em Antioquia da Síria. Ele "partiu, passando sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia, confirmando a todos os discípulos" (At 18.23) e, "tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso" (19.1). Olhando para o mapa, vemos que Paulo passou por Tarso, Derbe, Icônio e Antioquia da Pisídia, fazendo uma verdadeira turnê (fr. *tournée*), viagem com itinerário e propósito determinados.

Tarso, Derbe, Icônio e Antioquia. Enquanto Paulo pregava a Palavra nas cidades localizadas nas províncias da Cilícia, da Licaônia e da Galácia, outro pregador itinerante — judeu natural de Alexandria, "eloquente e poderoso nas Escrituras", "instruído no caminho do Senhor; e fervoroso de espírito" (At 18.24,25) —, Apolo, pregava e ensinava na província da Ásia. Este não conhecia o poder dinâmico do Espírito Santo que fora derramado inicialmente sobre os crentes de Jerusalém (At 2.1-4), a despeito de falar ousadamente na sinagoga de Éfeso. Mesmo vindo de um grande centro de cultura e conhecimento da época, Apolo foi humilde o suficiente para receber

uma instrução “ponto por ponto” a respeito do caminho de Deus por parte de Priscila e Áquila (At 18.26), um casal que havia aprendido a sã doutrina com o apóstolo Paulo. Dali, Apolo partiu animado para a província da Acaia e fez um grande trabalho em Corinto, convencendo judeus, por meio das Escrituras, de que Jesus era o Cristo (vv. 27,28).

Assembleia de Deus em Éfeso

Na primavera do ano 53 d.C., quando Paulo chegou a Éfeso, capital da província da Ásia (At 19.1) — onde desejara pregar o evangelho em sua segunda viagem missionária (At 16.6) —, teve um memorável encontro com “uns doze varões” (At 19.7) que ainda não conheciam o batismo com o Espírito Santo; isto é, o revestimento do poder dinâmico do Espírito que fora derramado no dia de Pentecostes, em Jerusalém, e que continuava sendo derramado sobre todos os salvos em Cristo (At 2.39). A imprecisão do número dos discípulos (“uns doze varões” ou “cerca de doze homens”) tira qualquer pretensão dos adeptos do herético

“modelo dos doze” ou G12, do colombiano César Castellanos, de sugerir que aqueles homens formavam algum tipo de célula, similar ao grupo dos doze apóstolos do Senhor Jesus.

Como no Novo Testamento o termo “discípulo” designava alguém que seguia o ensinamento de um mestre, subtende-se que os tais discípulos haviam sido discipulados por João Batista ou, talvez, por Apolo, haja vista a resposta que deram a Paulo, quando este lhes perguntou: “Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?” Eles responderam, assim como Apolo (At 18.25), que só conheciam o batismo de João, que era o batismo do arrependimento (19.1-4).

Paulo, então, batizou-os em nome do Senhor Jesus. Ou seja, na autoridade que há no nome de Jesus, ministrou o batismo em águas conforme o ensinamento deixado pelo próprio Senhor: “ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Em seguida, impôs as mãos sobre aqueles crentes efésios para que recebessem o revestimento de poder (Lc 24.49; At 1.8). E, ao receberem essa

dádiva, “falavam línguas e profetizavam” (At 19.5,6). Assim como acontecera em Jerusalém, no dia de Pentecostes, e na casa de Cornélio, em Cesareia, o batismo com o Espírito teve como evidência o falar em línguas (cf. At 1.5; 2.4; 10.46).

O plano de Paulo, em sua terceira viagem, era ficar um tempo maior em Éfeso e fundar ali uma igreja, assim como fizera em Corinto. Não é comum para um pregador itinerante ficar muito tempo em um lugar só. Mas havia uma razão especial para Paulo se estabelecer em Éfeso. Esta cidade era a capital e o principal centro da Ásia. E dali o evangelho seria irradiado para toda essa província romana, visto que “todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos” (At 19.10). Considerando as suas idas e vindas dentro da província asiática, Paulo trabalhou ali “durante três anos” (At 20.31), possivelmente entre 54 e 57 d.C. Ele e seus cooperadores, pelo que tudo indica, foram os fundadores das sete igrejas da Ásia, mencionadas em Apocalipse 2–3.

Éfeso foi a maior igreja fundada por Paulo e uma

base, um quartel-general, por assim dizer, a partir do qual ele estabeleceu várias outras igrejas na Ásia. Ali, "a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia" (At 19.20). Trata-se da única igreja neotestamentária "cuja história foi traçada em vários estágios da época de sua fundação até o final da Era Apostólica. Veja, juntamente com Atos 18–20, a Epístola aos Efésios, 1 e 2 Timóteo (cf. 1 Tm 1.3) e Apocalipse. Durante estes dias, 3 grandes líderes foram responsáveis pelo seu progresso: Paulo, Timóteo e João" (PFEIFFER, p. 1480).

Até o fim do primeiro século, a Assembleia de Deus em Éfeso era uma igreja vigorosa, que havia resistido às perseguições perpetradas pelos adoradores de Diana. João, um dos pastores da igreja efésia, sobreviveu às perseguições do imperador Nero, mesmo tendo sido submetido a vários tipos de sofrimentos. E, depois de ter ficado exilado na Ilha de Patmos, "voltou para Éfeso, onde escreveu a sua história do Evangelho e as três epístolas que têm seu nome" (KNIGHT; ANGLIN, p. 15). Dentre as sete igrejas da Ásia mencionadas em Apocalipse, a de Éfeso, a despeito de ter muitas

características louváveis, foi reprovada pelo Senhor Jesus — juntamente com outras três — por causa da perda de seu primeiro amor (Ap 2.4).

"Uma Porta Grande e Eficaz se me Abriu"

Em Éfeso, Paulo escreveu cartas, como a primeira aos crentes de Corinto, que se perdeu (1 Co 5.9), e a segunda, no ano 54 d.C., que é, na verdade, a Primeira Epístola aos Coríntios. Quanto à Segunda Epístola aos Coríntios, foi escrita na Macedônia, após uma nova visita de Paulo a Corinto, entre 57 e 58 d.C. Alguns historiadores afirmam que Paulo também escreveu em Éfeso, entre 54 e 57 d.C., a Epístola aos Gálatas, porém outros dizem — o que é mais plausível — que ele a escreveu pouco antes ou logo depois do concílio em Jerusalém (At 15). Mas há, também, o pensamento de que Paulo teria escrito aos gálatas durante os três meses em que esteve em Corinto, depois de ter deixado a cidade de Éfeso, visto que, ao chegar ali, "recebeu notícias de se ter dado uma séria defecção nas igrejas da Galácia, [...] para se submeterem à pregação dos

missionários judaizantes" (BUCKLAND, p. 335).

Inicialmente, Paulo, como de costume, pregou aos judeus efésios: "entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses" (At 19.8). Depois, por causa da oposição de alguns da sinagoga, passou a ensinar a Palavra "todos os dias na escola de um certo Tirano [...] por espaço de dois anos" (vv. 9,10). O imitador de Cristo estava certo de duas coisas: Deus tinha uma grande obra a realizar naquela cidade; e ali teria de enfrentar muitas perseguições. Por isso, escreveu de Éfeso a seguinte mensagem à igreja de Corinto: "não vos quero agora ver de passagem, mas espero ficar convosco algum tempo, se o Senhor o permitir. Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes; porque uma porta grande e eficaz se me abriu; e há muitos adversários" (1 Co 16.7-9).

Ao andar na terra, o Senhor Jesus ensinava nas sinagogas, pregava o evangelho do Reino e curava todas as enfermidades e moléstias entre o povo (Mt 4.23). O apóstolo Pedro, na casa de Cornélio, em Cesareia, disse que "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou

fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38). Essa mesma unção estava sobre a vida de Paulo, em Éfeso e em toda a Ásia, onde Deus realizou uma grande obra. "Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias, de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam" (At 19.11,12).

Quando viram o que Deus fazia por meio de Paulo, sete judeus exorcistas, filhos de um dos principais dos sacerdotes, Ceva — os quais não tinham a unção que estava sobre Paulo —, tentaram expulsar espíritos malignos da vida das pessoas. Mas foram envergonhados, ao levarem uma verdadeira surra de um único endemoninhado, que os deixou "nus e feridos" (At 19.13-16). Chamou a atenção de todos o que o espírito imundo disse a respeito de Paulo: "Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?" (v. 15). Esse episódio contribuiu para Paulo tornar-se ainda mais famoso entre os efésios, tanto judeus como gregos, e, sobretudo, "o nome do Senhor Jesus era

engrandecido" (vv. 16,17).

O prestígio de Paulo subira de tal modo, que a sua influência era notável, inclusive sobre as pessoas mais ricas e mais poderosas da Ásia. Quando ele passou por Tessalônica, em sua segunda viagem, houve um grande alvoroço naquela cidade (At 17.6), mas o alvoroço em Éfeso foi muito maior, a ponto de a atividade e as práticas idólatras ali diminuírem sobremaneira. "Muitos dos que tinham crido vinham, confessando e publicando os seus feitos. Também muitos dos que seguiam artes mágicas trouxeram os seus livros e os queimaram na presença de todos, e, feita a conta do seu preço, acharam que montava a cinquenta mil peças de prata" (At 19.18,19).

Após longos três anos — muito tempo para um inquieto pregador itinerante —, Paulo considerava que já havia cumprido sua missão entre os efésios e começou a sentir em seu espírito que se aproximava o tempo de "ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia" (At 19.21). Ele queria muito estar em Jerusalém para o Pentecostes (20.16), festa israelita que passou a ter grande

importância para os cristãos depois do derramamento inaugural do poder dinâmico do Espírito, dez dias após a ascensão do Senhor Jesus (Lc 24.49; At 1.1-12; 2.1-4). E dizia: "Depois que houver estado ali, importa-me ver também Roma" (At 19.21). Esses planos se concretizariam (At 23.11), mas segundo a vontade do Senhor, e não, talvez, conforme os pensamentos de Paulo.

Agenda nas Mãos de Deus

Humanamente falando, Paulo precisaria fazer um criterioso planejamento para estar em Jerusalém no dia de Pentecostes. Ele ficaria, ainda, cerca de três meses na Grécia (At 20.3); cinco dias, em Filipos; sete, em Trôade (v. 6), mais sete, em Tiro (At 21.4), *etc.* Veja que interessante: a despeito de ele não ter empresário, Facebook, site, blog, livros, DVDs, etc., sua agenda estava sempre cheia! Por quê? Porque a sua agenda estava nas mãos do Senhor Jesus! O pregador itinerante verdadeiramente chamado por Deus não precisa ligar para as igrejas e oferecer-se para "fazer uma campanha", distribuir cartões a

esmo ou bajular grandes líderes. Se ele, de fato, foi chamado por Deus, basta obedecê-lo, e grandes e eficazes portas se lhe abrirão (2 Co 2.12). Mas prepare-se para enfrentar os adversários (1 Co 16.9).

Antes de iniciar sua viagem a Jerusalém, Paulo teria de enfrentar em Éfeso mais "um pequeno alvoroço acerca do Caminho" (At 19.23). O impacto que o evangelho causou naquela cidade fora tão grande, a ponto de ameaçar o culto à deusa Diana (Ártemis) e prejudicar o comércio de produtos ligados à sua idolatria. O ourives Demétrio — um fabricante de imagens de escultura, especialmente relicários que continham a imagem da mencionada deusa, isto é, nichos dela que davam muito lucro aos artífices — começou a opor-se ferrenhamente à igreja. Ele liderou uma revolta, acusando Paulo de prejudicar o negócio de todos os artífices, "não só em Éfeso, mas até quase em toda a Ásia" (vv. 24-26).

Demétrio reconhecia que Paulo, com a sua pregação, estava conseguindo convencer e afastar uma grande multidão, de toda a província da Ásia,

da idolatria, “dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos”. O ourives temia que a sua profissão caísse em descrédito e, principalmente, que o próprio templo de Diana fosse “estimado em nada, vindo a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo veneram a ser destruída” (At 19.27). “O conhecido confronto entre Paulo e a multidão instigada pelo ourives Demetrius aconteceu no teatro, e não no templo. Quando Paulo falou contra os ídolos de prata, a multidão manifestou sua hostilidade gritando: ‘Grande é Diana dos efésios’ (Atos 19; 24-34). Pode-se imaginar como São Paulo ficou chocado com a vulgaridade do culto à imagem de Ártemis. [...] A história diz que João teve mais sucesso com a multidão [de Éfeso] do que Paulo, mas a verdade é que os efésios não abandonaram Ártemis até o fim do século IV d.C.” (CLAYTON, p. 131).

Paulo já estava de saída de Éfeso e, inclusive, havia enviado à Macedônia os obreiros Timóteo e Erasto (At 19.22). Mas ele não saiu em meio à confusão generalizada, haja vista seus companheiros macedônios Gaio e Aristarco terem sido atacados

pela multidão. Paulo saiu em defesa deles e quis apresentar-se ao povo. E seus amigos o impediram de discursar à multidão no teatro da cidade, considerando que o ajuntamento era muito confuso. Tudo poderia acontecer; aquela multidão seria facilmente convencida a linchar ou apedrejar Paulo, pois muitos "não sabiam por que causa se tinham ajuntado" (v. 32).

Somente o escrivão da cidade conseguiu tranquilizar o povo e apaziguá-lo, depois que este clamou, durante quase duas horas: "Grande é a Diana dos efésios!" Demonstrando ter grande habilidade política, ele deu razão aos que defendiam o culto a Diana e, ao mesmo tempo, conseguiu convencer a multidão de que os acusados não eram sacrílegos nem blasfemadores da deusa. "E, tendo dito isto, despediu o ajuntamento" (At 19.28-41). Enquanto eles gritavam que Diana era grande, o Todo-Poderoso fazia maravilhas naquela cidade e livrava seus servos dos seus adversários.

Mais uma Turnê do Pregador Paulo

Cessado o alvoroço na capital da Ásia, ficou claro para Paulo que chegara o momento de partir. E, despedindo-se calorosamente dos membros daquela igreja firmemente estabelecida, "abraçando-os" (At 20.1), partiu para uma longa viagem à Macedônia, a fim de exortar os crentes dessa província. Em seguida, viajaria à Grécia, onde permaneceria por longos três meses (vv. 2,3).

Esmirna, Pérgamo e Trôade. Em sua jornada, inicialmente por terra, Paulo passou por algumas Assembleias de Deus da Ásia, como Esmirna e Pérgamo, que estavam na sua rota, até chegar a Trôade. De passagem por essa cidade pela segunda vez, Paulo desejava muito rever seu companheiro Tito, mas precisou embarcar para a Europa antes de encontrá-lo. De Trôade, Paulo navegou para a Macedônia. Temendo que sua carta a Corinto tivesse sido dura demais, ele enviou o jovem obreiro Tito para investigar a situação, já que Timóteo já estava na Macedônia. Tito devia ter partido de Corinto direto para Trôade, onde Paulo

pretendia pregar antes de retornar à Europa. No entanto, em razão de não ter encontrado Tito, sua mente não pôde descansar, e ele resolveu navegar para a Macedônia (2 Co 2.12,13).

Filipos, Tessalônica e Bereia. Tendo Paulo desembarcado em Neápolis, dirigiu-se imediatamente para Filipos, onde recebeu uma calorosa recepção da igreja e reencontrou Timóteo. Mas ele ainda não estava com a sua alegria completa, pois, além de a sua saúde não estar muito boa, nessa ocasião (cf. 2 Co 4-5), ele também desejava muito ver o seu "companheiro e cooperador" Tito (2 Co 8.23), a quem veria depois de algum tempo, na Macedônia. Paulo sentiu-se consolado "com a vinda de Tito" (2 Co 7.6). "A Tito confiou Paulo outra carta, que desta vez foi dirigida não só à igreja de Corinto, mas também a todos os cristãos de Acaia, e que é a nossa segunda epístola aos Coríntios" (BUCKLAND, p. 334). De Filipos, Paulo seguiu para Tessalônica, tendo passado por Anfípolis e Apolônia. Em seguida, dirigiu--se a Bereia.

Corinto. De Bereia, Paulo desceu a Corinto, na Acaia (Grécia), passando por Atenas, numa difícil viagem, onde permaneceu três meses (At 20.3) e escreveu a Epístola aos Romanos (cf. Rm 16.23; 1 Co 1.14). "De modo contrário à tradição católica romana, a igreja de Roma não foi fundada por Pedro, nem por qualquer outro apóstolo. Ela talvez foi iniciada por convertidos de Paulo provenientes da Macedônia e da Ásia, bem como pelos judeus e prosélitos convertidos no dia de Pentecostes (At 2.10). [...] Paulo, ao escrever esta epístola [Romanos], perto do fim da sua terceira viagem missionária (cf. 15.25,26; At 20.2,3; 1 Co 16.5,6), estava em Corinto como hóspede na casa de Gaio (Rm 16.23; 1 Co 1.14). Enquanto escrevia Romanos através do seu auxiliar Tércio (Rm 16.22), planejava voltar a Jerusalém para o dia de Pentecostes" (STAMPS, p. 1692-1693).

Bereia, Tessalônica e Filipos. A agenda de Paulo de fato estava nas mãos de Deus, pois, embora esse apóstolo estivesse ansioso para chegar a Jerusalém a tempo da celebração da festa de Pentecostes, não seguiu a rota direta. Ao sair de Corinto, preferiu

viajar a pé através de Grécia e Macedônia, subindo direto para Bereia, sem passar por Atenas. Dali foi para Tessalônica e, depois, para Filipos, novamente, onde ficou por cinco dias (At 20.6). “Paulo viu-se obrigado a tomar grande cautela quando levou o dinheiro das ofertas para os pobres de Jerusalém. Ele partiu num barco de peregrinos judeus que iam para Jerusalém para a festa da Páscoa. Descobriu então que havia uma conspiração (para matá-lo e roubar o dinheiro, At 20.3) e teve de passar a festa da Páscoa em Filipos (At 20.6). Era fácil alguém desaparecer pela borda (Jn 1). A viagem por mar era, portanto, tão desagradável que deve ter sido um alívio para os primeiros cristãos lerem sobre um novo céu e uma nova terra, onde o mar já não existiria (Ap 21.1)” (GOWER, p. 229).

E se Paulo Tivesse os nossos Recursos?

A vida e a agenda de Paulo estavam nas mãos de Deus e, por isso, ele realizou um maravilhoso trabalho. Mas pensemos no que ele teria feito, caso tivesse os recursos que temos, hoje. Imagine se

Paulo, que era cheio do Espírito Santo, pudesse ter à mão um exemplar completo do Antigo Testamento. Nem isso ele tinha. E nós temos a Bíblia completa. E muito mais que isso: hoje, podemos portar um *tablet* com várias versões da Bíblia e livros para consulta. Falando em *tablet*, muitos pregadores e ensinadores não gostam de usar novas tecnologias para ministrar a Palavra, decisão que deve ser respeitada. Mas alguns críticos, um tanto extremistas, demonizam o uso de novos equipamentos e tecnologias.

Não costumo usar as versões da Bíblia instaladas em meu *tablet*, ao ministrar a Palavra de Deus, visto que gosto muito de folhear as Páginas Sagradas e ler os versículos sublinhados. Para estudo, em casa, utilizo muito tais versões bíblicas, em vários idiomas, para o equipamento *iPad* e outros similares. Entretanto, desde 2012, tenho gostado muito de usar o *tablet* como ferramenta auxiliar, para pregar e ministrar palestras. E acho que esse tipo de recurso oferece vantagens em relação aos esboços convencionais.

Se alguém ligar aqueles ventiladores enormes que

existem no púlpito de alguns templos, o esboço não sairá voando... Também não é preciso colar ou prender o arcabouço na Bíblia, tampouco colocar um peso sobre ele. E, se a energia elétrica acabar de repente, e todos ficarem no escuro, o pregador continua vendo o seu esboço. Ele só não deve se esquecer de manter a bateria sempre carregada, a despeito de ela durar muito. Ademais, se alguém pedir uma cópia do sermão — isso acontece muito comigo —, não é preciso fazer uma "xerox". Basta encaminhar o arquivo, na mesma hora, por e-mail. Penso que o pregador cheio do Espírito, que de fato ama a Palavra de Deus e o Deus da Palavra, assim como Paulo, mantém uma conduta reverente mesmo usando as novas tecnologias que estão à sua disposição.

"Desperta, ó tu que Dormes"

Ao sair da província da Macedônia, navegou de volta para Trôade, onde alguns companheiros que foram adiante esperavam Paulo e sua comitiva original (At 20.4,5). Ali, o doutor dos gentios

permaneceu por uma semana e ensinou a Palavra num cenáculo, no primeiro dia da semana. “Esta é a primeira referência taxativa em Atos do uso do domingo com o dia dedicado à adoração pelo cristianismo” (RICHARDS, p. 727). O edifício onde expôs a Palavra era uma espécie de “basílica de três naves, orientada de tal sorte que os fiéis, conforme o princípio expresso na Bíblia (Dn 6,11) recitam suas orações voltados para Jerusalém. O estilo do edifício e dos ornamentos tomava de empréstimo a linguagem arquitetônica ambiente. A planta basilical e a orientação para Jerusalém foram mantidas nas sinagogas da Idade Média” (FOUILLOUX, p. 244).

Vivemos numa época em que os crentes não suportam pregações muito longas. Muitos dizem que quinze a vinte minutos é o tempo ideal para uma pregação. E alguns “itinerantes” estão até se aproveitando disso para pregar em três lugares em uma mesma noite! Mas veja como o pregador itinerante Paulo era diferente: em Trôade, ele “alargou a prática até à meia-noite” (At 20.7). E, depois de uma pausa para todos participarem da

Ceia do Senhor, "ainda lhes falou largamente até à alvorada" (v. 11). Que culto maravilhoso! Nada de quinze minutos para uma "rápida palavra" só para cumprir uma programação! Ali, a exposição da Palavra de Deus tinha a primazia.

Enquanto Paulo desenrolava os mistérios da fé, um rapaz, Êutico, dormia, assentado na janela, no terceiro andar. Os crentes, possivelmente, já tinham tomado uma leve refeição — o seu *ágape* — e, mais tarde, partiriam o pão, como era o costume daquela época (cf. 1 Co 11.20-33). É muito comum usar o irmão Êutico como um exemplo negativo, de crente dorminhoco, não vigilante. No entanto, aquele jovem, certamente, tivera um dia duro de trabalho manual, visto que os patrões gentios, de modo geral, nada sabiam do descanso do sábado. Talvez ele não tivesse dormido durante o culto, caso o apóstolo fosse um animador de auditório ou pregador humorista. Mas também jamais teria conhecido a verdade.

À meia-noite, enquanto a maioria dos irmãos olhavam fixamente para o pregador Paulo, Êutico abria a boca e "pescava". Ele, então, acabou

cochilando, dormindo e... Bum! O rapaz caiu de uma altura de cinco metros, aproximadamente. Que tombo! Foi grande a comoção. Amigos e parentes do jovem gritavam, desesperados, e Lucas, que era médico, certamente percebeu que não havia mais sinal de vida. Tudo indica que se tentou, em vão, reanimar o rapaz. Que tristeza.

Ninguém se lembraria da longa pregação de Paulo, em sua rápida passagem por Trôade, a menos que Deus fizesse um grande milagre. E Ele o fez! Paulo ajoelhou-se junto ao corpo do jovem, à semelhança do que fizeram Elias e Eliseu (1 Rs 17.21,22; 2 Rs 4.32-34), e, em seguida, disse aos irmãos: "Não vos perturbeis, que a sua alma nele está" (At 20.10). Céticos e críticos dos milagres bíblicos acreditam que Paulo usou de uma forma de respiração artificial para reanimar o rapaz, mas o que aconteceu ali foi um milagre, mesmo! Afinal, se o rapaz tivesse recuperado os sentidos mediante o processo de ressuscitação cardiopulmonar, o responsável por isso teria sido o médico Lucas, e não o apóstolo Paulo.

Alguns historiadores dizem que "o hino que Paulo

citaria em sua carta circular à Ásia (Efésios) teve sua origem naquela noite: 'Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará'" (POLOCK, p. 129). E que noite foi aquela! Além da exposição da Palavra de Deus e da manifestação real do Senhor, realizando uma memorável ressurreição, todos ainda cearam em memória do Senhor (cf. 1 Co 11.23,24). Mas os irmãos queriam mais! E, depois da Ceia do Senhor, Paulo continuou a expor a sã doutrina, que gotejava como chuva e destilava como o orvalho, "como chuvisco sobre a erva e como gotas de água sobre a relva" (Dt 32.2). Paulo pregou a Palavra de Deus até o romper do dia. Aleluia! E, mesmo sem ter descansado, partiu para Assôs (At 20.11-13).

Assôs com Deus

Paulo teria de enfrentar uma grande tribulação em Jerusalém, onde estavam seus principais inimigos — outrora amigos, os perseguidores do Caminho e do Nazareno —, que o consideravam um traidor. Embora disposto a sofrer e até a morrer pelo nome

do Senhor Jesus, Paulo certamente estava apreensivo. Diante disso, ordenando que seus companheiros viajassem pelo mar, partiu por terra para Assôs (At 20.13), percorrendo uma distância de quase cinquenta quilômetros.

Assôs era uma cidade marítima do mar Egeu. E, ao sair da planície costeira, Paulo passou às colinas, avançando em direção do sudoeste, e tomou a direção leste, já na estrada. Imaginemos as paisagens que ele contemplou. Mesmo inquieto por causa do que lhe esperava em Jerusalém, deve ter parado por um instante para admirar os esplêndidos panoramas da Ásia Menor, como a bela ilha de Lesbos, as águas cristalinas, à sua direita, e, mais à frente, no fim do golfo, as colinas azuis de Pérgamo. Creio que foi diante desse cenário maravilhoso que Paulo — tendo em mente o Salmo 19 — recebeu a inspiração do Espírito Santo para escrever que as coisas invisíveis de Deus, "desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas" (Rm 1.20).

Por que Paulo resolveu caminhar sozinho até Assôs? Porque ele queria conversar com Deus em particular. Enquanto caminhava, pensava no que acontecera em sua vida desde à sua miraculosa conversão, a caminho de Damasco, e no que ainda estava por vir. Nesses momentos, a sós com Deus, entendemos melhor a vontade do Senhor e nos fortalecemos nEle. Paulo certamente queria falar com o Senhor Jesus a respeito de seus temores quanto aos seus inimigos de Jerusalém, os quais esperavam ansiosos uma oportunidade para se vingarem dele.

Quando Paulo se reuniu aos seus companheiros e subiu a bordo, todos podiam ver, pelo seu rosto, que ele se encontrava totalmente em paz. Juntos, novamente, navegaram para Mitilene, capital da ilha de Lesbos, de onde partiriam para Mileto, navegando por alguns lugares. Tendo pernoitado em Quios — possível terra natal de Homero —, uma ilha montanhosa do mar Egeu, lugar de clima agradável, com vales risonhos, oito quilômetros distante da Ásia, os missionários navegaram para outra ilha, a de Samos, onde Pitágoras teria nascido.

Não muito distante da costa ocidental da Ásia Menor, a sudoeste de Éfeso, a mencionada ilha era consagrada ao culto de Juno. Dali, Paulo e seus cooperadores rumaram para Trogílio (ou Trógilo), uma península na costa da Ásia Menor. Ao amanhecer, partiram para Mileto, situada na província da Ásia, sobre a foz do rio Meânder, a cinquenta e oito quilômetros ao sul de Éfeso.

Pregação Stand-up

De Mileto, Paulo mandou chamar os anciãos (presbíteros) de Éfeso, capital da província da Ásia, a fim de pregar-lhes uma comovente mensagem (At 20.17-38), a respeito da qual discorrerei no próximo capítulo. Adianto apenas o que aconteceu depois da pregação: "E, havendo dito isto, pôs-se de joelhos e orou com todos eles. E levantou-se um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam" (vv. 36,37). Enquanto ele levava pessoas a refletir e a chorar, vivemos em uma época em que pregadores (pregadores?) humoristas empolgam multidões

incautas.

Com grande presença de palco e habilidade para contar piadas, eles trocaram a pregação do evangelho pelo *stand-up comedy*. Seus paradigmas são astros do humor, como Steve Martin, Eddie Murphy, Chris Rock, Martin Lawrence e seus discípulos brasileiros. Com todo o respeito a esses famosos comediantes do gênero *stand-up*, meus referenciais da pregação continuam sendo os pregadores do arrependimento: Jesus Cristo, João Batista, Estêvão, Paulo, Jonathan Edwards, John Wesley, George Whitefield, Finney, Spurgeon, Moody, Billy Graham, David Wilkerson e tantos outros.

O leitor não deve confundir, entretanto, o pregador bem--humorado com pregador humorista. O primeiro vale-se eventualmente de fatos anedóticos, mas usa esse recurso com equilíbrio e moderação, com o objetivo de fazer as pessoas pensarem, refletirem. Ele não torce os textos sagrados nem faz aplicações esdrúxulas e profanas. Já o segundo emprega o estilo *stand-up* e liga uma piada a outra, numa sequência que

mantém as pessoas constantemente animadas, esperando a próxima. Não confunda, também, contadores de piadas para casais com palestrantes usados por Deus, de fato, para instruir as famílias. Os primeiros divertem multidões fazendo aplicações excêntricas de passagens sagradas. Os segundos, imitadores de Jesus Cristo, embora falem para grupos menores, ensinam com seriedade e temor de Deus o que está escrito na Bíblia Sagrada.

"Irmão Ciro, por que o irmão, em vez de escrever sobre os pregadores humoristas, não os procura e conversa com eles?", alguém poderá me sugerir. Responderei a essa possível questão com outras perguntas: Por que Jesus não procurou cada fariseu ou falso profeta, a fim de conversar com eles sobre seus desvios das Escrituras? Por que o apóstolo Paulo não convidou os falsos apóstolos para um debate? Ora, quando critico a pregação humorística, estou imitando as condutas de Jesus Cristo e seu imitador Paulo, os quais atacaram o erro de maneira contundente, sem a necessidade de falar com cada indivíduo que torce as Sagradas Escrituras (Mt 7.15-23; 23; 2 Co 11).

Três dos principais pregadores do arrependimento mencionados nas páginas neotestamentárias morreram de modo trágico por causa de sua pregação "irritante" e "politicamente incorreta". O primeiro, João Batista, foi decapitado. O segundo, Jesus Cristo, crucificado. E o terceiro, Estêvão, apedrejado. Não é por acaso que boa parte dos pregadores da atualidade prefere pregar a Teologia da Prosperidade e outras efemeridades, além de contar piadas. Hoje, expoente que prega o arrependimento muitas vezes é "decapitado", "crucificado" e "apedrejado". Ou seja, ele é demitido ou destituído de sua posição, considerado *persona non grata* e caluniado. "Quais são as vantagens de pregar o arrependimento?", alguém poderá perguntar. Ora, quem disse que o pregador chamado por Deus está pensando em vantagens? Mas ele sabe que é mais que vencedor em Cristo Jesus!

CAPÍTULO 7

UM PREGADOR MUITO DIFERENTE

E, logo que chegaram junto dele, disselhes: Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós, servindo ao Senhor com toda a humildade e com muitas lágrimas e tentações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram.
Atos 20.18,19

No livro *Grandes Sermões do Mundo* mencionam-se: o *Sermão da Montanha* (de Jesus Cristo); o primeiro sermão pentecostal, por assim dizer (pregado por Pedro, no dia de Pentecostes); e outros célebres sermões, de famosos pregadores, como: o profeta Isaías, Clemente de Roma, João Crisóstomo, Agostinho, Martinho Lutero, João Calvino, Jonathan Edwards, John Wesley, George Whitefield, Charles Finney, Charles Spurgeon e Phillips Brooks. Curiosamente, o autor dessa excelente obra — da qual constam vinte e oito mensagens — não incluiu um sermão

do pregador Paulo, o maior referencial do cristianismo depois do Senhor Jesus!

Entretanto, no sermão *A Grandeza do Apóstolo Paulo* (mencionado na aludida obra), João Crisóstomo (347-407), um dos maiores pregadores da História da Igreja, asseverou: "Sejamos nobres, pondo tudo isso no coração; pois Paulo era homem, participante da mesma natureza conosco e tendo tudo o mais em comum conosco. Mas pelo fato de ter mostrado tão grande amor por Cristo, ele foi acima dos céus e ficou com os anjos. E assim também se nós nos despertarmos um pouco e nos inflamarmos nesse fogo santo, poderemos emular esse homem santo. Fosse isso impossível, ele nunca teria bradado a plenos pulmões e dito: 'Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo' (1 Co 11.1)" (MACARTNEY, p. 35)

Quando examinamos com cuidado o livro de Atos dos Apóstolos, encontramos, pelo menos, sete sermões do apóstolo Paulo, pregados nos seguintes lugares: na sinagoga de Antioquia da Pisídia (13.16-41); no Areópago, em Atenas (17.22-31); em Mileto, aos presbíteros de Éfeso (20.17-38); em

Jerusalém (22.1-21); em Cesareia: primeiro, diante de Félix (24.10-21); depois, diante de Agripa (26.2-29); e em Roma (28.17-28). Neste capítulo, darei ênfase ao único sermão de Paulo dirigido aos cristãos, em Mileto. Mas, antes, com base nas epístolas paulinas — especialmente, 1 e 2 Coríntios e Gálatas, que têm um cunho pessoal e revelam como era a vida diária de Paulo —, darei destaque à conduta e à postura desse pregador itinerante.

Procuram-se Pregadores como Paulo

Trabalhador e sofredor. Paulo trabalhava de dia e de noite, até cansar, a fim de garantir seu sustento (1 Co 4.12). E, em vez de ser aplaudido — como certos pregadores que são convidados para programas de entrevistas para fazer os telespectadores rirem —, ele era injuriado, caluniado e considerado o pior tipo de pessoa do mundo. O que fazia ele diante disso? Ele não revidava, mas dizia: "somos blasfemados e rogamos; até ao presente, temos chegado a ser como o lixo deste mundo e com a escória de todos"

(v. 13). E não era um superpregador. Em diversas ocasiões, foi esbofeteado e não tinha moradia certa ou casa própria; e também passou fome, sede e nudez (1 Co 4.11; Fp 4.10-13).Paulo enfrentou a morte várias vezes. Em alguns momentos, chegou a pensar que a sua hora de partir havia realmente chegado (2 Co 1.8,9), pois passou por constantes sofrimentos e angústias por causa das igrejas e de seus membros, individualmente. Ele se preocupava tanto com eles, a ponto de lhes dizer: "em muita tribulação e angústia do coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que conhecêsseis o amor que abundantemente vos tenho" (2 Co 2.4).

Modesto e desapegado dos bens materiais. Às vezes, Paulo gostava de apresentar seu *curriculum vitae*. Mas o que mais valorizava não era seu cabedal como fariseu e sua fama no judaísmo. Ele gostava de fazer menção das suas aflições, privações e angústias, além dos açoites, prisões, tumultos, vigílias e jejuns em prol da obra do Senhor (2 Co 6.4-10). No seu currículo constavam também os açoites recebidos dos judeus pelo menos cinco

vezes! E não somente isso. Ele lembrava os seus irmãos em Cristo de que fora fustigado com varas três vezes, sofrera três naufrágios, um apedrejamento, perigos de salteadores e assassinos, *etc.* (11.23-29).

Muitos pregadores que querem viver como celebridades realmente não devem apreciar a vida de Paulo, que vivia sob constante ameaça de morte, sendo considerado um espetáculo para o mundo, um louco, desprezível e fraco (1 Co 4.9,10). Ao contrário dos animadores de auditório, pregadores malabaristas e milagreiros, Paulo era avesso à ideia de ter um fã-clube. E, por isso, evitava a ostentação e o emprego de linguagem rebuscada em suas ministrações, pregando somente a Cristo crucificado e evitando batizar muitas pessoas (1 Co 1.14-23; 2.1-5). Ele não queria que as pessoas se agregassem à igreja por causa de seus talentos e erudição, e sim pelo poder do evangelho (1 Ts 1.5).

O pregador Paulo passou muitas privações, tendo de trabalhar arduamente para não ser pesado às igrejas; e a responsabilidade de cuidar delas pesava constantemente sobre seus ombros. Não obstante,

ele relutava em receber oferta das igrejas para não dar motivo para o acusarem de ser mercenário. “Pequei, porventura, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados, porque de graça vos anunciei o evangelho de Deus?”, disse ele, ao se opor aos falsos apóstolos que exploravam a igreja de Corinto (2 Co 11.7-9). Paulo não vivia da “itinerância”, ao contrário de muitos, hoje, que reivindicam isso e até afirmam que a pregação itinerante é uma profissão como qualquer outra. Ele trabalhava para se sustentar, visto que muitos criticavam os pregadores que viviam do evangelho e diziam erroneamente que eles não tinham o direito de receber sustento da igreja (1 Co 9.1-12).

É evidente que, a despeito de pregadores e ensinadores que se prezam não exigirem cachê para expor a Palavra, bem-aventurada é a igreja que reconhece e honra os ministros do Senhor. O Mestre dos mestres, Jesus Cristo, inclusive, disse: “qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois discípulos de Cristo, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão” (Mc 9.41). Paulo se recusava a receber salário e até

algumas ofertas das igrejas — mesmo sabendo que "Digno é o obreiro do seu salário" (1 Tm 5.18) — para evitar o falatório e tudo que pudesse pôr em dúvida o seu objetivo de pregar a Cristo. Quantos pregadores, hoje, estão dispostos a trabalhar para sustentar a família e se dedicar de graça, sem nada exigir, à pregação do evangelho?

Compromissado com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra. Paulo era um pregador muito diferente, desapegado do dinheiro e de qualquer tipo de conforto (1 Co 9.15-18). Preocupado com a aparência do mal, tinha uma conduta irrepreensível, mantendo sob controle seus desejos carnais (vv. 25-27; 1 Ts 5.22). Ele também apresentava como motivo de glória e honra o modo como, certa vez, fugiu dos seus perseguidores em Damasco: "fui descido num cesto por uma janela da muralha; e assim escapei das suas mãos" (2 Co 11.30-33). E lutava diariamente com um doloroso espinho na carne, que o abatia, mantendo-o em constante oração e comunhão com Deus. Quando Paulo se sentia fraco, então estava forte, confiante no que o Senhor lhe dissera: "A minha graça te

basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Co 12.7-10).

O pregador Paulo tomava muito cuidado para não torcer a mensagem do evangelho (Gl 1.6-8). Ele não andava com astúcia, nem procurava enganar seus ouvintes para tirar proveito financeiro deles (2 Co 4.1,2). E jamais massageou egos de crentes ou descrentes com mensagens de autoajuda. O seu compromisso era com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra. Ele vivia como um condenado à morte, levando em seu corpo as marcas do Senhor Jesus (Gl 6.17), bem como suportando calúnias e injúrias, sofrimentos e provações, privações e perseguições (2 Co 4.7-15). Seus pés estavam na terra, mas sua cabeça já estava no céu. Ele não priorizava riquezas, propriedades e bens. Seu alvo era a glória celestial, as coisas invisíveis e eternas reservadas aos santos e fiéis (vv. 16-18).

Como pregador itinerante, Paulo tinha compromisso com a Palavra de Deus e era cheio do Espírito (At 13–16). Ele tinha conhecimento das Escrituras, e a graça do Senhor estava sobre a sua vida. Não há como dissociar a Palavra de Deus do

Deus da Palavra. Por isso, fico preocupado quando ouço pregadores dizendo que o seu compromisso com Deus está acima de seu compromisso com as Escrituras. Isso é impossível. Quem ama a Deus de verdade guarda a sua Palavra (Jo 14.23). Continuarei a discorrer sobre esse duplo compromisso no próximo capítulo.

O Grande Sermão de Mileto

Como vimos, no capítulo anterior, Paulo, no retorno de sua terceira viagem missionária, pregou em um cenáculo, em Trôade — onde Deus ressuscitou a Êutico —, e partiu a pé para Assôs. Em seguida, navegou a Mileto, "um lugar de parada natural para os navios costeiros cuja rota fosse o sul, e suficientemente perto de Éfeso para que Paulo convocasse os anciãos. [...] Paulo podia contar com uma estada ali de alguns dias, se levarmos em conta o tempo gasto no desembarque, o despacho do mensageiro e a viagem dos anciãos a Mileto; a reunião em que o apóstolo lhes falou não poderia ter ocorrido senão no terceiro dia"

(WILLIAMS, p. 383-384).

De Mileto, Paulo mandou chamar os presbíteros da Assembleia de Deus em Éfeso, capital da província da Ásia, visto que desejava transmitir-lhes uma última mensagem, antes de sua partida para Jerusalém. Faz-se necessário dizer que, nos tempos do Novo Testamento, há três lugares distintos conhecidos como Ásia: o continente asiático, a região da Ásia Menor — que, à época, abrangia várias províncias — e a província da Ásia, que também fazia parte da Ásia Menor.

Quem eram os presbíteros? Paulo tinha como método estabelecer presbíteros de cidade em cidade (Tt 1.5). Segundo o Novo Testamento, há pelo menos quatro ministérios (ou escalões de trabalho) na igreja: o *ministério principal*, formado por apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores (Ef 4.8-11); o *presbitério*, um ministério local que auxilia ao ministério principal; o *diaconato*, um ministério voltado ao trabalho material da igreja (At 6.1-5), composto dos diáconos reconhecidos pela igreja e dos que fazem o trabalho como cooperadores; e o *ministério*

auxiliar geral (Rm 12.6-8), formado por professores de Escola Bíblica Dominical, escritores, compositores, cantores, líderes de departamentos, administradores, maestros, músicos, *etc.*

Há uma ordem hierárquica, por assim dizer, dos dons e ministérios outorgados por Deus à igreja. E essa hierarquização é feita pelo próprio Dono da obra — que realiza todas as coisas respeitando o princípio da prioridade (cf. 1 Co 14.26,40; 15.23; 1 Ts 4.16,17; 5.23; Cl 2.5) —, não para que o portador de certo dom ou ministério se considere superior aos outros, e sim para que haja ordem na obra do Senhor. À luz de 1 Coríntios 12.28, Deus pôs na igreja *primeiramente* apóstolos. A despeito de muitos, hoje, se autoproclamarem apóstolos, os termos "apóstolos" ou "ministério apostólico" referem-se, na verdade, à liderança do primeiro escalão mencionado (ministério principal), e não ao cobiçado título de apóstolo. Daí o apóstolo Paulo ter dito, inspirado pelo Espírito Santo, que Deus pôs na igreja *primeiramente* apóstolos. Ou seja, é dessa liderança apostólica, assim como ocorria no primeiro século, que partem as diretrizes gerais, as

estratégias de evangelização e de pastoreio das igrejas. Mas é evidente que, na atualidade, dependendo da denominação, os homens de Deus que receberam o ministério apostólico, o qual envolve autoridade, liderança, influência e várias outras características, podem ser chamados de pastores-presidentes, reverendos, bispos, pastores e até presbíteros. Os títulos variam, pois cada denominação tem a sua tradição e os seus perfis teológico, eclesiástico e consuetudinário.

Juntamente com os apóstolos — homens de Deus portadores de um dom ministerial que perdurará "até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (Ef 4.13) —, o Senhor pôs na igreja, *em segundo lugar*, profetas, isto é, pregadores (pregadores, mesmo!) da Palavra, portadores de mensagens proféticas. E, *em terceiro lugar*, Ele pôs na igreja doutores, homens que receberam uma chamada especial para ensinar as Escrituras (At 13.1). Há casos em que os ministérios mencionados se intercambiam ou se inter-relacionam na vida de um obreiro, como no

caso de Paulo (1 Tm 2.7), ou recebem outras designações (cf. 1 Co 12.28 com Ef 4.11).

Os presbíteros servem ao rebanho e estão subordinados ao primeiro escalão ministerial mencionado. Em Atos dos Apóstolos 15, eles sempre são mencionados depois dos apóstolos (vv. 2-6, 22), o que denota a subordinação deles ao ministério principal da igreja. Mas é bom lembrar que o termo "presbítero" é empregado no Novo Testamento com dois significados: o de supervisor geral ou bispo (1 Pe 5.1, gr. *sumpresbuteros*; cf. 2 Jo 1; 3 Jo 1); e o de pastor auxiliar, local (At 14.23; 1 Tm 3.2; Tt 1.5,7).

Pedro, por exemplo, fazia parte do ministério principal da igreja e estava acima, hierarquicamente, dos anciãos (presbíteros) e dos irmãos (cf. At 15.23). Mesmo assim, asseverou: "Rogo, pois, aos presbíteros, que há entre vós, eu, presbítero como eles [...] Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós" (1 Pe 5.1,2). Há, portanto, duas modalidades de presbítero no Novo Testamento: os supervisores (gr. *sumpresbuteros*, a exemplo de Pedro) e os auxiliares do ministério

principal (gr. *presbuteros*). Presbíteros ou anciãos formam um corpo de auxiliares imediatos do ministério principal da igreja (Tt 1.5; At 11.30; At 15.2-6), os quais cooperam ativamente no apascentamento do rebanho (1 Tm 4.14; 1 Pe 5.2).

Embora o sentido original de "presbítero" seja "idoso", "ancião" (At 2.17; Hb 11.2; 1 Tm 5.2), Paulo, em Mileto, não convocou os idosos, e sim os presbíteros da igreja de Éfeso para uma reunião. "Paulo referia-se frequentemente aos ministros locais como presbíteros ou anciãos, palavras provenientes de um termo judeu que significa 'homem idoso respeitado'. No entanto, valorizava-se mais a maturidade espiritual do que a idade. Por fim, o termo *episcopos*, cujo significado é 'supervisor' ou 'bispo', passou a ser utilizado de forma intercambiável com 'presbítero'. Na época de Inácio (apenas uma década depois de o último livro do Novo Testamento, o Apocalipse, ser escrito), usavam-se os termos 'bispo', 'presbítero' e 'diácono' de maneira bastante específica" (GARLOW, p. 45).

A reunião de Paulo com os presbíteros efésios. Paulo tinha pressa de ver os presbíteros de Éfeso,

pois desejava participar da festa de Pentecostes em Jerusalém. Muitos teólogos têm dito que essa festa interessa apenas a Israel, mas, como já vimos, naquela época as igrejas cristãs valorizavam-na, e muito, haja vista o derramamento inaugural do poder do Espírito ter ocorrido no dia de Pentecostes. Um dos obreiros, então, partiu para Éfeso, a oitenta quilômetros, e, atravessando a baía para Priene, cavalgou sobre as colinas. Pensemos no trabalho realizado por esse obreiro anônimo, mais um não apóstolo em Atos dos Apóstolos.

Em cerca de quarenta horas, os presbíteros de Éfeso estavam na presença de Paulo, a fim de ouvir a Palavra de Deus. Essa reunião deve ter ocorrido na casa de algum crente de Mileto, e a comovente pregação foi anotada por Lucas (At 20.17-38). Pensemos também no entusiasmo daqueles obreiros e no seu desejo de aprender mais um pouco com o doutor dos gentios. Eles não mediram esforços para comparecerem àquela reunião. Quem dera fossem os presbíteros de hoje tão denodados como aqueles!

“Servindo ao Senhor com toda a Humildade”

Identificamos na pregação autobiográfica de Paulo aos presbíteros da Assembleia de Deus em Éfeso algumas marcas de um verdadeiro pregador do evangelho. Ele começou assim a sua prédica: “Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós, servindo ao Senhor com toda a humildade e com muitas lágrimas e tentações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram” (At 20.18,19).

Embora Paulo tivesse vínculo fraterno com a Assembleia de Deus em Jerusalém — a igreja-mãe — e respeitasse os apóstolos, a sua igreja local era a de Antioquia da Síria, onde ele servia ao Senhor e figurava entre os profetas e doutores, como Barnabé, Simeão, Lúcio e Manaém (At 13.1-4). Essa igreja iniciou suas atividades integrando judeus e gentios, que adoravam ao Senhor juntos e desfrutavam o mesmo privilégio. Paulo não estava desocupado na igreja antioquiana, mas servia ao Senhor ali (v. 2). Seu trabalho certamente havia sido

aprovado pela liderança e pelos membros da igreja antioquiana (cf. 1 Tm 3.10).

Através de Paulo e outros homens de Deus, aquela igreja tornou-se tão proeminente, a ponto de, ali, pela primeira vez, os seguidores de Cristo terem sido chamados "cristãos" pelos gregos (At 11.26). Mas Paulo não servia ao Senhor apenas nas Assembleia de Deus de Jerusalém e da Antioquia da Síria. Nas igrejas da província da Ásia, das quais ele estava se despedindo em Mileto, portou-se, durante três anos, "servindo ao Senhor" (At 20.19). Que exemplo! Calvino declarou que o "apostolado de Paulo era algo para o louvor de Deus, porquanto ele foi transformado de inimigo em servo" (COSTA, p. 65). Ele fazia jus ao título de "servo de Jesus Cristo" (Rm 1.1), uma vez que servia a Deus em seu espírito (v. 9), como um verdadeiro adorador (Jo 4.23,24).

Deus fez muitos milagres por meio dele (cf. At 14.1-10), confirmando a pregação da Palavra, isto é, dando "testemunho à palavra da sua graça" (v. 3). Mas esse pregador jamais se valeu de sinais, prodígios e maravilhas para se ensoberbecer. Ele

sabia que o Senhor Jesus não o chamara para fazer milagres — que são o efeito do evangelho (Mc 16.15-20) —, e sim para pregar a Palavra de Deus e dizer toda a verdade acerca de Jesus (cf. Jo 10.40,41).

Chama-me muito a atenção, nas pregações de Paulo, em Atos dos Apóstolos, e nas epístolas paulinas, o frequente emprego do termo "Senhor Jesus Cristo", o qual é usado por esse apóstolo por mais de setenta vezes. Esse título, de modo sintético, revela que Jesus é o Senhor (Lc 2.11), o Salvador — pois este é o significado do nome de Jesus (Mt 1.21) — e o Cristo, o ungido de Deus (Lc 4.18). Em outras palavras, esse título contempla três tipos de relacionamento de Jesus: o dEle para com o Pai, como o Cristo; o dEle para conosco, como o Salvador; e o nosso relacionamento para com Ele, como servos, haja vista ser Ele o Senhor.

Em 1 Coríntios, Paulo assevera que a vitória dos servos do Senhor se dá "por nosso Senhor Jesus Cristo" (15.57; 16.22). Nenhum cristão pode triunfar, de fato, se não servir ao Senhor. Alguns pregadores, de modo equivocado, à luz de João

15.15, dizem que não precisam mais ser servos de Jesus, pois já são amigos dEle. Eles ignoram que uma coisa é o modo como Deus nos chama, e outra, bem diferente, é a maneira como nós nos portamos diante dEle. Abraão foi chamado por Deus de "meu amigo", mas continuou se portando como servo (Is 41.8; Sl 105.6,42). Ademais, no contexto imediato da própria passagem usada pelos pregadores, Jesus deixa claro que o fato de sermos seus amigos não nos exime da responsabilidade de sermos seus servos: "Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando" (Jo 15.14). Se em todo o território do Império Romano o imperador devia ser adorado como se fosse um deus, em Roma não era diferente. E a saudação ou o cumprimento entre todos, ali, exceto entre os servos de Jesus Cristo, era "César é o Senhor". Os cristãos eram obedientes às autoridades constituídas, respeitavam o imperador, mas não lhe prestavam culto, o que aumentava ainda mais o ódio contra eles. Em sua epístola aos Romanos, Paulo não apenas começa dizendo que é servo de Jesus Cristo, como também se refere a Ele como o Senhor Jesus Cristo (1.1,7). Ao discorrer

sobre a justificação pela fé (5.1), a reconciliação com Deus (v. 11), o reinado da graça (v. 21), a nova vida para Deus (6.11) e o dom gratuito de Deus (v. 23), Paulo também salienta que tudo isso se dá por meio do Senhor Jesus Cristo. Mesmo sabendo das perseguições que os cristãos sofriam em Roma, a cidade do grande coliseu, o servo do Senhor disse que nada poderia separá-los "do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (8.39).

Um importante mandamento contido em Romanos para os servos de Jesus é este: "revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências" (13.14). O que significa revestir-se do Senhor Jesus Cristo? Denota ser um cristão autêntico, que reconhece o Cristo, desfruta das bênçãos do Salvador, mas também obedece ao Senhor. No último capítulo da epístola em apreço, Paulo critica os que não servem ao Senhor Jesus Cristo e aponta as suas características: promovem dissensões e escândalos contra a doutrina, são materialistas e ególatras (16.17,18). E, após profetizar que o Deus de paz esmagará, em breve, o Inimigo de nossas almas, "debaixo de

nossos pés", o apóstolo dos gentios saúda os romanos mencionando a "graça de nosso Senhor Jesus Cristo" por duas vezes (vv. 20,24).

Na sua pregação em Mileto, Paulo asseverou que, durante o tempo em que esteve na província da Ásia, testificou "tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21). Ele quis dizer que não pregava um evangelho incompleto, parcial, dizendo que Jesus era apenas o Salvador, por exemplo. Ele fazia questão de enfatizar que Jesus é o Senhor, o Salvador e o Cristo! Nos dias atuais, poucos são os pregadores que falam do Senhor Jesus Cristo. Muitos sequer enfatizam que Jesus é o Salvador, visto que só pregam sobre prosperidade financeira. Mas a mensagem de Paulo ao carcereiro de Filipos, na sua segunda viagem missionária, foi esta: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa" (At 16.31).

Paulo sempre se portou como servo do Senhor, com toda a humildade, dando toda a gloria a Jesus (1 Co 9.16; Gl 2.20), o que é muito difícil, pois o ser humano tem uma tendência à egolatria e à

antropolatria. Houve uma tentativa de idolatrar Paulo e Barnabé, em sua primeira viagem missionária, como já vimos, mas eles lutaram bravamente contra isso e deram toda a glória a Jesus (At 14.11-18). Eles disseram aos que queriam lhes prestar culto: "Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões" (v. 15). Como têm se portado os pregadores itinerantes da atualidade? Dão eles toda a glória ao Senhor (Is 42.8), ou não se importam que as pessoas tacitamente os idolatrem?

Quando necessário, o pregador Paulo até mostrava suas credenciais de apóstolo, apontava para as multidões convertidas pelo evangelho que pregava com simplicidade e no poder do Espírito, mas não fazia isso por soberba (2 Co 3.1-4). Ele sempre lembrava seus discípulos de que ele era um mero servo de Jesus Cristo, assim com todos os outros, que fora chamado para exercer o ministério de apóstolo, pregador e mestre. Ele enfatizava que o seu sucesso em ganhar pessoas para Cristo se devia à graça de Deus, e não à sua capacidade (1 Co 3.5-9). Ele pontificava que Deus requeria de todos

obreiros que fossem fiéis e deixassem de lado a competição, a rivalidade, resistindo à tentação de uns quererem ser mais bem-sucedidos que outros (1 Co 4.1-3).

"Servindo ao Senhor... Com muitas Lágrimas"

Paulo disse aos presbíteros efésios que servia ao Senhor, também, "com muitas lágrimas e tentações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram" (At 20.19). Quando ele mencionou "lágrimas", referiu-se ao seu sofrimento e também aos seus momentos de oração, em que prostrado diante do Senhor derramava lágrimas, intercedendo pelos crentes da Ásia.

Muitos questionam o costume de orarmos de joelhos, querendo saber de onde ele veio. A oração de joelhos era comum nos tempos da igreja primitiva (At 21.5), mas esse costume já existia desde os tempos veterotestamentários (Ed 9.5; Sl 109.24; Dn 6.10). Chama-me a atenção, no Novo

Testamento, as menções textuais a quatro pregadores que se puseram de joelhos: Jesus Cristo (Lc 22.41); Estêvão (At 7.60); Pedro (At 9.40); e Paulo. Este, depois de pregar aos presbíteros de Éfeso, em Mileto, "pôs-se de joelhos, e orou com todos eles" (At 20.36). E, ao escrever aos crentes de Éfeso, afirmou: "me ponho de joelhos" (Ef 3.14).

Paulo era um homem que sempre orou e jejuou (At 13.2,3). Essas duas coisas, aliás, estão "casadas" (Mc 9.29; At 14.23). O jejum deve fazer parte da vida do pregador, mas ao lado da oração. Tanto que o Senhor Jesus, no Sermão da Montanha, ao ensinar--nos a orar, menciona, logo em seguida, o jejum, mostrando que este só é eficaz quando em conexão com aquela: "tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará. [...] E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas, [...] para não pareceres aos homens que jejuas, mas sim a teu Pai, que está oculto" (Mt 6.6-18).

“Ligado pelo Espírito, Vou a Jerusalém”

A pregação de Paulo aos presbíteros de Éfeso revela que ele era cheio do Espírito Santo e pregava uma mensagem cristocêntrica (At 20.20-23). Paulo testificava tanto a judeus como a gentios “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus” (v. 21, ARA). Quando ele aconselhou Timóteo a pregar a Palavra (2 Tm 4.2), tinha autoridade para fazer isso, pois jamais pregou o que as pessoas desejavam ouvir, e sim o que recebera do Senhor, o que convinha à sã doutrina, o que o povo precisava ouvir (1 Co 11.23; Tt 2.1). Segue-se que é imprescindível para o pregador manejar bem a Palavra da verdade (2 Tm 2.15), assim como Paulo a manejava (At 13.13-45).

Paulo disse aos presbíteros de Éfeso que iria a Jerusalém sem saber o que lhe aconteceria ali, “senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela” (At 20.22,23). Ele era cheio do Espírito. E todo pregador que se preza também deve sê-lo. Aliás, o maior evangelista do século XX, em sua obra *O Espírito Santo*, afirmou que “é apropriado

dizer que todo cristão não cheio do Espírito é incompleto. A ordem de Paulo aos cristãos de Éfeso, 'enchei-vos do Espírito', é válida para todos os cristãos, em qualquer época, em qualquer lugar. Não há exceções" (GRAHAM, 1988, p. 95).

O pregador Paulo estava em oração quando foi escolhido pelo Espírito Santo (At 13.2). Embora ele estivesse no meio dos doutores e profetas, não coube à liderança da Assembleia de Deus em Antioquia da Síria escolhê-lo, mas ao Espírito Santo! Infelizmente, os "itinerantes" não esperam ser escolhidos pelo Senhor. Autodenominam-se "conferencistas internacionais" e começam a "fazer agenda", ligando para igrejas e oferecendo seus serviços. E, caso não recebam apoio do pastor, rompem com a igreja local e criam o seu próprio míni-império, que eles chamam de ministério. Pregação itinerante não é uma profissão. Se Deus quiser que alguém tenha um ministério de pregação itinerante — como foi o caso de Paulo —, a iniciativa virá dEle. Esse glorioso ministério não é para "oferecidos" e aventureiros, e sim para pregadores verdadeiramente chamados por Deus e

dirigidos pelo Espírito Santo.

Billy Graham, em outra obra — um opúsculo de grandes e repetidas tiragens na década de 1960 —, conta que estava "pregando numa igreja do Sul, há algum tempo. Um diácono compareceu embriagado. A igreja se reuniu em assembleia e o cortou da comunhão. [...] Perguntei ao pastor: 'Todos os diáconos vêm cheios do Espírito Santo, aos domingos?' Ele respondeu que não; eu continuei: 'Alguma vez o senhor os expulsou por isso?' 'Não!' — Eu disse então: 'O senhor sabia que o mesmo versículo que diz 'não vos embriagueis com vinho' diz também 'enchei-vos do Espírito?' Isto não é apenas um conselho, [...] Deus disse: 'Enchei-vos do Espírito'" (GRAHAM, 1968, p. 8).

Ser cheio do Espírito Santo é muito mais que ser batizado com o Espírito ou ter dons espirituais. Ser cheio do Espírito significa ter a vida inteiramente controlada pelo Consolador (Ef 5.18). Assim como uma pessoa embriagada, cheia de bebida alcoólica, por assim dizer, está sob a influência do álcool, o pregador cheio do Espírito está sob a influência de Deus e tem a sua vida dirigida por Ele, à

semelhança de Filipe. E o que se destaca na biografia desse diácono-evangelista da igreja primitiva é a sua obediência. Ele pregava a multidões em Samaria, quando foi chamado a partir para a estrada de Gaza, que estava deserta, e, sem questionar, dirigiu-se para lá e pregou o evangelho a um importante funcionário da rainha Candace, da Etiópia (At 8.5-27).

Como prova de que Paulo era cheio do Espírito e tinha profunda comunhão com Deus, este lhe revelava muitas coisas que aconteceriam em sua vida. Isso aconteceu também na vida de Samuel (1 Sm 9.15) e de Simeão (Lc 2.26). Deus, que conhece todas as coisas e "revela os segredos" (Dn 2.28), disse, através do profeta Amós, que não faria coisa alguma "sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas" (Am 3.7). Daí a necessidade se termos a vida dirigida inteiramente por Ele! O espírito de Paulo, sob o controle do Espírito Santo, sentia-se compelido, no momento em que discursava em Mileto, a ir a Jerusalém. Ele, de fato, era guiado pelo Espírito de Deus (At 16.1-10). Ele era cheio do Espírito Santo e tinha discernimento

espiritual e autoridade (At 13.10-46), virtudes que não podem faltar a nenhum pregador (Lc 10.19, ARA; 1 Rs 22.28-37).

“Nunca Deixei de vos Anunciar todo o Conselho de Deus”

Uma das partes mais fortes da pregação de Paulo em Mileto foi esta: “em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho da graça de Deus. [...] porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus” (At 20.24-27). Paulo estava “aprisionado” à chamada que recebeu. Como vimos, ele e Barnabé eram os mestres de maior destaque na igreja antioquiana. Mesmo assim, viajavam para pregar o evangelho em várias cidades. Se Paulo quisesse, podia ter se acomodado ali, onde era respeitado como expoente das Escrituras. Ele podia também pastorear uma igreja naquela cidade ou em outra da província da Síria.

Mas havia uma chama que ardia em seu peito. Ele fora chamado para um ministério itinerante.

A nossa motivação deve decorrer da certeza de que fomos chamados pelo Senhor e do nosso amor a Deus, ao ministério, aos pecadores e aos irmãos. Quem tem como motivação o dinheiro desvia-se da verdade (2 Pe 2.1-3; Tt 1.11). Quando ouço "itinerantes" fazendo apelos emocionais por causa do seu amor ao dinheiro (1 Tm 6.10), lembro-me do que Paulo disse aos crentes de Corinto: "não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos, por amor de Jesus" (2 Co 4.5). Se eles fossem como o pregador Paulo, não amariam o dinheiro (1 Tm 3.3; Ef 5.5). Mas, infelizmente, pelo amor do dinheiro (1 Tm 6.10) estão eles dispostos a fazer tudo, inclusive falsificar o evangelho (cf. Nm 22.10-22; 2 Pe 2.15,16; Is 56.11).

Esquecem-se de que o compromisso do pregador não é com as suas próprias necessidades ou com as preferências do povo, e sim com o Deus da Palavra e com a Palavra de Deus. Nesse caso, o pregador é um arauto, que, nos tempos bíblicos, era "alguém

que trazia importantes notícias. Anunciava frequentemente um evento atlético ou uma festa religiosa, ou funcionava como um mensageiro político, o portador de notícias ou ordens da corte do rei. Deveria ter uma voz forte e proclamar sua mensagem com vigor, sem demora e sem discuti-la. A qualidade mais importante do arauto consistia em ser um fiel representante ou divulgador da palavra daquele que o havia enviado. Não tinha a obrigação de ser 'original' ou criativo; deveria ser um fiel portador da mensagem de outrem (V. P. Furnish, citado em Rienecker, 1980, 619)" (ARRINGTON; STRONSTAD, p. 1450).

Portanto, o pregador Paulo tinha ousadia para superar as ciladas dos judeus incrédulos. Ele era corajoso e falava "ousadamente acerca do Senhor" (At 14.3), não temendo as perseguições. Um pregador sem ousadia, coragem, não pode fazer a obra do Senhor; ele precisa dessa qualidade, sobretudo nos momentos mais difíceis. A ousadia atua em conjunto com a nossa confiança de que o Senhor é o nosso Ajudador (Hb 13.5,6). E Paulo era um pregador tão ousado, a ponto de não se

intimidar com os perigos e ameaças. Por isso, no retorno de sua terceira viagem missionária, sabendo do ódio que havia em Jerusalém contra ele, declarou: “eu estou pronto, não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus” (At 21.13).

CAPÍTULO 8

EM DEFESA DO EVANGELHO E DA ASSEMBLEIA DE DEUS

Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com o seu próprio sangue.
Atos 20.28

A Assembleia de Deus não tem apenas pouco mais de cem anos de existência nem começou em Belém do Pará, no Brasil, como muitos têm afirmado. Ela também não foi trazida ao Brasil por dois missionários suecos,

em 19 de novembro de 1910, tampouco nasceu de uma divisão da Igreja Batista, em 13 de junho de 1911. “Se Daniel Berg e Gunnar Vingren eram batistas, por que os pentecostais afirmam que os missionários suecos trouxeram a Assembleia de Deus ao Brasil?”, dizem alguns críticos, em tom zombeteiro. O leitor conhece, de fato, a História da Assembleia de Deus? Sabe por quem, quando, onde, como e por que ela foi fundada?

Eleita como povo de Deus antes da fundação do mundo (Ef 1.3,4; 1 Pe 2.9), estabelecida pelo Senhor Jesus no primeiro século (Mt 16.18) e inaugurada no dia de Pentecostes, com a descida do Espírito Santo (At 2.1-4), a Igreja Católica Apostólica de Jesus Cristo, a Igreja de Deus (gr. *ekkesian tou theou*), é formada por todos os santos, de todas as épocas, de todas as denominações que andam segundo as Escrituras. Esta é a grande “universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus” (Hb 12.23), composta de “homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação”, comprados, resgatados, pelo precioso sangue de Jesus Cristo (Ap 5.9; 1 Pe 1.18).

A Assembleia de Deus e o Deus da Assembleia

Passado, presente e futuro estavam diante do apóstolo Paulo enquanto pregava aos presbíteros de Éfeso, em Mileto. Ele — que estava ali de passagem, na volta de sua terceira viagem missionária — já havia discorrido sobre sua conduta durante os três anos em que esteve na Ásia (At 20.18-25). E também já tinha dito que, "no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos; porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus" (vv. 26,27). O doutor dos gentios sabia que, naquele momento, a Assembleia de Deus em Éfeso e outras igrejas fundadas por ele, na província da Ásia, estavam bem estruturadas e instruídas na sã doutrina.

Chegara, pois, a hora de partir para Jerusalém, e Paulo não poderia mais estar próximo daqueles obreiros, liderando-os, ensinando-lhes a sã doutrina e sendo exemplo em tudo. Ele, então, lembrou-lhes de sua responsabilidade de defender o evangelho e a Igreja de Deus: "Olhai, pois, por

vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (At 20.28). E, tendo dito isto, fez duas preocupantes previsões. Primeira: "depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho" (v. 29). Segunda: "dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si" (v. 30).

Em resumo, Paulo quis dizer àqueles presbíteros que, apesar das grandes bênçãos alcançadas na Ásia, com muitas adversidades (1 Co 16.8,9), tudo poderia ser perdido, caso eles não fossem seus imitadores (1 Co 11.1). Tudo poderia ser arruinado, se aqueles obreiros não fossem, além de pregadores e ensinadores da Palavra do Senhor, apologistas do evangelho, defensores da Igreja de Deus. Eles deveriam ser como Paulo, que não apenas expunha o evangelho, mas também se opunha aos falsos evangelhos (Gl 1.6-18; Fp 3.18, Tt 1.10,11).

Na obra *Evangelhos que Paulo jamais Pregaria*, enumerei vários evangelhos falsos, que depõem

contra as Escrituras e ameaçam as igrejas do Senhor (ZIBORDI, 2006). Creio que esse livro tem sido útil, desde então, para alguns defensores do evangelho e da Igreja de Deus. Não obstante, como continuam surgindo heresias e bizarrices em nosso meio, é preciso que surjam mais imitadores de Paulo, o qual foi "posto para defesa evangelho" (Fp 1.16). Para tristeza do Espírito Santo, algumas igrejas que começaram bem, como a de Éfeso, têm sofrido na mão de "lobos cruéis", que não são conhecidos do Senhor Jesus (Mt 7.15-23).

Infelizmente, existem Assembleias de Deus divorciadas do Deus da Assembleia, nas quais o tempo outrora destinado à exposição da Palavra do Senhor ora tem sido suprimido ou reduzido por causa de *shows* de dança e coreografia ou peças teatrais. Em tais igrejas, as pregações sobre a obra expiatória do Senhor Jesus e as ministrações do Espírito Santo cederam espaço à falaciosa Teologia da Prosperidade, ao famigerado "reteté" ou a inúmeras invencionices pseudo-evangélicas.

Nas Assembleias de Deus que não têm mais compromisso com o Deus da Assembleia, a

exposição das Escrituras sob a unção do Espírito não é mais prioritária. E os pregadores (pregadores?) dessas igrejas precisam animar auditório e recorrer a práticas bizarras, que eles chamam de "atos proféticos". Em algumas Assembleias de Deus, o culto não é mais para o Deus da Assembleia e faz-se de tudo um pouco para agradar as pessoas, sobretudo os jovens, e massagear seus egos. Capoeira, *gospel funk*, "festa jesuína", *street dance* e outras formas de entretenimento têm sido adotadas como estratégias de "evangelização".

Muitos líderes que se dizem da Universal Assembleia dos Santos abraçaram o universalismo e o misticismo, a fim de agradarem a uma multidão de interesseiros. Mas o Deus da Assembleia tem as suas "reservas" na terra. Há pastores e expoentes das Escrituras que têm cuidado de si mesmo e da doutrina (1 Tm 4.16) e não se deixaram influenciar pelas muitas "visões" e "estratégias de crescimento e discipulado" que ora encantam incautos.

Bizarrices do Evangelho Mercantilista

A lista de bizarrices pseudopentecostais é muito longa: campanha do embelezamento; "transferência de unção" mediante contato entre pés e mãos; derramamento de jarras de azeite sobre a cabeça do pregador (pregador?); comercialização de produtos "abençoadores", como perfume, creme hidratante e sabonete líquido com o "cheiro de Cristo", chocolate ungido para quem tem prisão de ventre, caneta ungida para passar em concursos, vassoura ungida com o "óleo de fogo" do monte Carmelo, *etc.*

Assisti, há pouco tempo, a um vídeo no site YouTube (muito compartilhado nas redes sociais) sobre uma bispa (bispa?) que propagava uma campanha de embelezamento. Enquanto ela subia um monte, o narrador do vídeo, com vozeirão de locutor de cinema, dizia: "Terça-feira da exaltação na fé de Ester, na Igreja Apostólica [...] de Deus. Sete terças-feiras do embelezamento, com a distribuição do kit de beleza da rainha Ester, feito com a essência da mirra consagrada em Israel pela

bispa [...]".

O que essas práticas bizarras têm a ver com o evangelho? Nada! Elas, na verdade, estão associadas às falsas Boas-Novas mercantilistas, mencionadas pelo pregador Paulo (2 Co 2.17, ARA). Esta referência bíblica alude à conduta dos falsos propagadores do evangelho, que, com a intenção de ganhar dinheiro, estavam dispostos a tudo, inclusive a falsificar as Escrituras. E, considerando, também, que "o amor do dinheiro é a raiz de toda a espécie de males" (1 Tm 6.10), não resta dúvida de que a mercantilização da fé — ou seja, a Teologia da Prosperidade nas suas mais variadas formas — é a maior causa da proliferação de heresias e modismos por parte de "apóstolos" e "bispas" gananciosos.

Grosso modo, as bizarrices existem porque há obreiros fraudulentos que se aproveitam da simplicidade e da ingenuidade das pessoas para ganharem dinheiro de modo fácil. Tais falsos obreiros, em vez de abrirem uma mercearia, uma padaria ou outro negócio, optam pela comercialização do evangelho. Eles sabem que

existem igrejas sérias, bem estruturadas, capazes de formar discípulos de Jesus e acolhê-los, mas fundam as suas próprias igrejas-negócios. E as práticas bizarras que adotam fazem parte de uma estratégia para enganar os incautos, para obtenção de vantagens financeiras ou lucro.

No primeiro século, os dois principais defensores da Igreja de Deus, Paulo e Pedro, se opuseram aos falsos obreiros, mal-intencionados, sem compromisso com as Escrituras, interesseiros, que vagueavam pelas igrejas cristãs torcendo o evangelho para obter lucro. Assim como nos dias hoje, havia naquele tempo judaizantes, falsos irmãos que queriam veterotestamentarizar o culto neotestamentário (At 15.1-11; Gl 2.4-21). E os dois apóstolos mencionados, conquanto tenham divergido em alguns assuntos, se empenharam em mostrar à cristandade que eles eram diferentes dos "apóstolos" e "mestres" que mercadejavam a fé (2 Co 11.3-15; 2 Pe 2.1-3).

Como se sabe o que motivou a Reforma Protestante também foi a resistência dos apologistas daquela época — conhecidos como reformadores

— ao evangelho mercantilista da Igreja Católica Romana. “Martinho Lutero detestava a prática de venda de indulgências, que nada mais eram que pacotes caros pagos pelo perdão. Em 31 de outubro de 1517, na véspera do Dia de Todos os Santos, um dia importante do calendário, afixou seus protestos em latim à porta da igreja do castelo de sua cidade” (BLAINEY, 2008, p. 185).

O surgimento de denominações e ministérios evangélicos em grande escala seria uma bênção para o Brasil se todas essas igrejas tivessem o compromisso de obedecer às Escrituras e propagar a genuína mensagem do evangelho. Mas é notório que parte delas tem disseminado doutrinas heréticas e bizarrices que depõem contra a verdade. E isso tem deixado os defensores da Assembleia de Deus em um dilema. Ao mesmo tempo em que eles se opõem ao ateísmo, ao agnosticismo, ao laicismo “evangelicofóbico” e a outros movimentos que querem impedir a pregação do evangelho, têm de reagir às falsas boas-novas propagadas “entre nós” (At 20.27-31; 2 Pe 2.1,2).

Desde o início da segunda metade do século

passado, as Assembleias de Deus — agora falo da denominação — têm se dividido e se subdividido. Novos ministérios e denominações, oriundos da igreja iniciada pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, foram surgindo e dando origem a outros, num processo sucessivo e inevitável, a ponto de, hoje, haver Assembleias (de quem, mesmo?) para todos os gostos. Sim, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus tem sofrido na mão de obreiros fraudulentos, mercantilistas, que não têm compromisso com a Palavra de Deus e desrespeitam os limites estabelecidos pelos pais do Movimento Pentecostal no Brasil.

E isso não vem acontecendo apenas com a denominação Assembleia de Deus. A Igreja Batista, por exemplo — de onde saíram os primeiros cristãos assembleianos, em razão de terem crido na doutrina pentecostal esposada por homens de Deus como William Seymour, no início do século passado —, é uma das denominações históricas que sofrem na mão de maus obreiros. Eles não abrem mão do nome "Igreja Batista", a despeito de serem infiéis aos perfis teológico, eclesiástico e

consuetudinário dessa igreja. Este autor, há alguns anos, avistou, num bairro do Rio de Janeiro, a seguinte placa denominacional: Igreja Batista Ministério Deus é Pentecostal!

Como combater a proliferação de bizarrices, atreladas à mercantilização da fé, que afastam as pessoas do caminho da verdade? As Assembleias de Deus fiéis ao Deus da Assembleia devem continuar se empenhando em ensinar a sã doutrina, estimulando os fiéis a buscarem o conhecimento bíblico genuíno. Nesses tempos pós-modernos, muitos evangélicos estão interessados apenas em *shows*, deixando vazias as reuniões de ensino da Palavra de Deus. E as pessoas sem conhecimento são manipuláveis, alvos fáceis dos enganadores. Como sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16), os salvos, como verdadeiros defensores da Assembleia de Deus (1 Pe 3.15), não podem deixar de proclamar a verdade e se opor ao erro, haja vista ter dito o Deus da Assembleia: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.32).

A Unção das Vassouras

Se olhássemos para uma foto que mostrasse dezenas de pessoas empunhando vassouras, no que pensaríamos? Em um protesto de garis? Ou em uma reunião dos fãs de Harry Potter, bruxo da história criada pela britânica J. K. Rowling, o qual voa em uma vassoura? Poderíamos pensar, ainda, em uma reunião de algum político que promete "varrer" a corrupção do governo, cuja campanha foi inspirada no *jingle* "Varre, varre, vassourinha", usado por Jânio Quadros, em 1960.

E se eu disser ao leitor que a mencionada foto alude a um "culto evangélico" em que inúmeras pessoas se reuniram — acredite — para ungir suas vassouras com o "óleo de fogo" do monte Carmelo? "Vassouras ungidas? Óleo de fogo?" Exatamente. "Como assim? O fogo não é o produto originário da combustão de materiais inflamáveis?" Sim. "E o óleo não é um tipo de combustível?" Sim. "Como explicar essa fusão para lá de 'sobrenatural' e exótica?" Calma. Eu vou explicar.

Imagine a cena: um suposto pastor, em um vídeo

da Internet, diz estar no monte Carmelo, na costa de Israel, para consagrar o tal "óleo de fogo", a fim de "distribuí-lo" — na verdade, vendê-lo — em sua igreja, na "grande sexta-feira forte". O "pastor" explica: "Estou aqui no monte Carmelo, em Israel, [...] o monte do profeta Elias, o profeta do fogo. E estou consagrando aqui [...] o óleo de fogo, porque foi neste lugar que o profeta Elias orou, e Deus mandou fogo dos céus para destruir o mal". Em seguida, ele discorre sobre a finalidade do aludido óleo: "Este óleo nós vamos distribuir na grande sexta-feira forte para você ungir a sua vassoura com o óleo de fogo, para Deus destruir o Inimigo de nossas almas, para destruir macumba, feitiçaria, bruxaria, magia negra, tudo que não presta e não provém de Deus".

E, então, começa a oração: "Grande Deus e poderoso Pai, aqui no monte Carmelo, [...] eu consagro este óleo de fogo, e nós vamos distribuí-lo [...] na sexta-feira forte para milhares de pessoas ungirem as suas vassouras, e elas vão varrer a sua casa, a sua empresa [...] com a vassoura ungida com o óleo de fogo". Fiz uma rápida pesquisa sobre esse

pastor (pastor?) e descobri que ele não ensina seus seguidores a estudar as Escrituras, as quais limpam perfeitamente "a nossa casa", o nosso coração (Hb 3.6-15). Ele despede as pessoas vazias — mas com algum objeto místico à mão, como a tal "vassoura mágica" —, orientando-as a fazerem "atos proféticos" para obtenção de prosperidade financeira e destruição do mal. Haja bizarrice!

À luz da Bíblia, o termo "óleo de fogo", em si, é contraditório e só pode ter tido origem na mente de quem não tem a verdadeira unção do Espírito Santo (1 Jo 2.20) e quer enganar pessoas incautas. Azeite e fogo, nas páginas sagradas, aparecem juntos, mas não na unção. Nos tempos bíblicos, não havia lâmpadas elétricas, e a iluminação era feita mediante o fogo, presente nas fogueiras, nas tochas e também nas lâmpadas. E estas, em especial, usavam como combustível o azeite (Êx 27.20; Mt 25.4-8). Como no meio neopentecostal, em que práticas pseudopentecostais proliferam, o "fogo" está presente em tudo, e existem: "canela de fogo", "sapato de fogo", "espada de fogo", "bola de fogo" e — por que não? — "óleo de fogo".

Nos tempos do Antigo Testamento, havia vários tipos de unção. Pessoas e objetos eram ungidos, ao serem consagrados ao Senhor (1 Sm 10.1; 1 Rs 19.16). No caso da unção de pessoas, o derramamento de azeite representava, em alguns casos, a unção divina propriamente dita sobre a vida de quem ascenderia a uma posição de destaque (Nm 3.3; 1 Sm 16.13). No Novo Testamento, não vemos mais a unção sendo aplicada como no período veterotestamentário (Lc 4.18-21; At 10.38). Não é mais necessário ungir pessoas com azeite para consagração ou confirmação de seus ministérios. Basta a unção do Espírito Santo, no plano espiritual (2 Co 1.21; 1 Jo 2.27). Também não é preciso ungir objetos, a fim de consagrá-los a Deus. O uso de azeite, hoje, literalmente falando, só deve ocorrer em caso de oração pelos enfermos (Mc 6.13; Tg 5.14,15).

"Atos Proféticos"

Ao assistir ao vídeo sobre o "ato profético" da vassoura ungida, observei que o tal "pastor" (numa

filmagem que enquadra apenas ele) disse estar no monte Carmelo. Ora, qualquer enganador pode dizer que está em qualquer lugar com a intenção de impressionar os incautos. E essa conduta também fortalece a ideia mística, antibíblica, de que pessoas obtêm bênçãos maiores por estarem em um lugar sagrado, e não, prioritariamente, em razão de o Senhor estar perto delas (Sl 34.18).

Falando em "ato profético", um grupo de "evangélicos", há alguns anos, escalou e ungiu o Dedo de Deus, na Região Serrana do Rio de Janeiro. Como esse pico, segundo eles, é uma alusão à presença de Deus, declararam "profeticamente" que o Estado fluminense pertence ao Senhor Jesus e está protegido por Ele. Melhorou alguma coisa no Rio de Janeiro, especialmente na Região Serrana, depois desse "ato profético"? Pouco tempo depois, em 2011, infelizmente, houve uma grande tragédia natural ali, decorrente das fortes chuvas, e quase mil pessoas morreram...

Mas o pseudopastor também afirmou que o "óleo de fogo" seria "distribuído" na "grande sexta-feira forte". Na pesquisa que fiz sobre ele — que é o

autor do livro *Sete Segredos para o Homem Ficar Rico*, cujo objetivo é "fazer o dinheiro se multiplicar e enriquecer o homem" —, nota-se que todas as suas pregações giram em torno da falaciosa Teologia da Prosperidade. Numa de suas muitas mensagens heréticas, ele disse que o crente não deve se contentar com "presentinhos de Deus", como trocar um carro 2000 por um 2001. O crente deve "fazer sacrifício" para obter o "tudo de Deus".

Quanto à "grande sexta-feira forte", vemos aí mais um erro. Não é a sexta-feira nem os sábados, os domingos, as datas comemorativas, as festas, os elementos da Ceia do Senhor, a oração e o jejum que são "fortes". Em Atos 2, o que foi mais importante? O dia de Pentecostes ou a obra que o Deus Todo-Poderoso fez naquele dia, derramando o poder do Espírito Santo sobre quase 120 pessoas? Infelizmente, o movimento neopentecostal é místico, idolátrico e capaz de abraçar qualquer tipo de aberração pseudopentecostal por causa do seu objetivo maior: dinheiro.

Como é triste ver igrejas ditas evangélicas voltadas ao misticismo! E os "atos proféticos", que

começaram entre os adeptos do neopentecostalismo, especialmente os do movimento G12, já têm conquistado algumas Assembleias de Deus cujos líderes não têm compromisso com o Deus da Assembleia. O que se vê, na atualidade, em algumas igrejas "evangélicas", especialmente nesse caso das vassouras ungidas, não é apenas o uso indiscriminado da unção com óleo, mas também a falsificação da própria unção espiritual. Que Deus nos ajude a não irmos "além do que escrito" na Palavra de Deus (1 Co 4.6).

"Eu Decreto Salvação"

Certos cristãos, após terem frequentado a Assembleia de Deus durante anos, descobrem que estavam sendo "enganados". Alguns, ao participarem de pré-encontros, encontros e pós-encontros em lugares secretos, passam por uma "lavagem cerebral" mediante uma espécie de regressão psicológica e começam a dizer: "Agora descobri a verdade". Outros, ao encontrarem a "igreja ideal" — aquela que prega o que as pessoas

desejam ouvir, e não o que elas *precisam* ouvir —, desdenham da Assembleia de Deus onde conheceram a graça do Senhor. E, ainda, outros querem nos convencer de que estamos na igreja errada, presos ao "tradicionalismo". A estes, com todo o respeito, respondo como Paulo lhes responderia: "eu sei em quem tenho crido" (2 Tm 1.12), pois o Espírito Santo testifica com o meu espírito de que sou filho de Deus (Rm 8.16).

Há pouco tempo, o líder de um modelo de discipulado pretensamente apostólico declarou em um congresso de igrejas em células: "Aponta suas mãos em direção à sua casa, ao seu bairro, à sua rua. E fala: 'Eu decreto salvação, perdão de pecados aos meus vizinhos'. Diga assim: 'Belo Horizonte já é do Senhor Jesus'. [...] Vai decretando perdão de pecados sobre seus vizinhos, sobre seus parentes. [...] Eles já estão salvos. Eu vejo a maioria da população de Belo Horizonte, mais de 50% salva".

Paulo, inspirado por Deus, ensinou que o dom de profecia é dado pelo Espírito Santo à Assembleia de Deus para edificação, exortação e consolação (1 Co 14.3); e para o que for útil (1 Co 12.7). Por meio

desse dom, o Senhor fala conosco como e quando quer (1 Co 12.11; At 13.1-4), e não quando uma pessoa resolve, por conta própria, "decretar", "determinar", "declarar" ou mandar alguém fazer isso. Há alguns anos, inclusive, uma famosa profetisa "decretou", em um megaevento, no Rio de Janeiro, o fechamento de todos os bares e casas de *shows* cariocas! Ela disse que todos eles seriam transformados em igrejas em pouco tempo... Isso aconteceu?

É comum, em grandes eventos, ouvirmos pregadores e cantores dizendo: "Eu estou aqui para decretar que esta cidade é do Senhor Jesus". Como propagadores do evangelho antropocêntrico, os líderes da "visão celular" acreditam que são "a boca de Deus" na terra e que as suas palavras abrem e fecham portas. Pensam que "decretar" que uma cidade é do Senhor Jesus determinará que, de fato, ela será dEle. Mas, se não houver compromisso com o evangelho, as coisas continuarão exatamente como estão. Não seria mais eficaz pregar o evangelho com verdade? Pregadores que se prezam deveriam rejeitar essa prática descabida e herética

de “decretar” ou “determinar” isto ou aquilo, visto que à igreja cabe apenas a pregação do evangelho. Jesus Cristo é quem salva, segundo a sua graça. E sabemos que a prática de “decretar” salvação, além de não ter o abono da Palavra do Senhor, não muda em nada as circunstâncias. Deus pode mudar a situação de um país ou de um governo por meio de intercessão e influência do seu povo, e não mediante palavras de ordem (1 Tm 2.1-3; 2 Cr 7.14,15).

Todo o planeta Terra e todo o Universo pertencem a quem criou todas as coisas (Sl 24.1; Hb 11.3). Entretanto, o mundo precisa ouvir o evangelho (Mc 16.15; Mt 28.19). Quantos pregadores e líderes já não “decretaram” que nosso país é do Senhor Jesus?! A despeito disso, a nossa nação continua cheia de violência, imoralidade, corrupção, injustiça. Quantos já não “decretaram” que as cidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte, de Vitória, de Curitiba, de Fortaleza, de Brasília, de Manaus, *etc.* pertencem a Cristo?! Mas elas continuam indo de mal a pior em matéria de segurança pública, educação,

moralidade, civilidade.

Loucuras Gospel

Segundo a Bíblia, a Palavra da cruz é loucura para os que perecem, e não para os salvos (1 Co 1.18). Para estes, a comunicação do evangelho puro e simples é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Entretanto, hoje, existem celebridades *gospel* que estão pregando a sua própria loucura, e não o evangelho que os ímpios e pecadores consideram loucura.

Pessoas que pregam a sua própria loucura tiram fotos cheirando a Bíblia, como se ela fosse uma droga, mastigam livros comestíveis em público, como se estivessem comendo o Livro Santo, andam como animais quadrúpedes, rugem como leão, batem asas como se fossem levantar voo, derramam cântaros de óleo sobre a própria cabeça ou sobre a dos outros, *etc.* Essas atitudes insanas, incabíveis, profanas, blasfemas — em alguns casos —, impróprias, infelizes, embora sejam defendidas por fãs enlouquecidos, torcem a mensagem do

evangelho.

O evangelho que é loucura para os que perecem é o da cruz de Cristo, e não a famigerada "loucura sem limites" dos "adoradores extravagantes". O apóstolo Paulo, no Areópago, em Atenas, não cheirou pergaminho, não tocou *shofar*, não derramou azeite sobre a própria cabeça, não engatinhou, não deu gargalhadas, não pregou a Teologia da Prosperidade. Mesmo assim, foi tido como louco. Por quê? Eis a resposta: "Porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição" (At 17.18). Loucura para os que perecem não são as sandices e invencionices *gospel*. Loucura para os que perecem é amar e pregar a mensagem da cruz. É anunciar para as pessoas que vivem neste mundo tenebroso que o Senhor Jesus, o Deus--Homem, foi concebido por obra e graça do Espírito, no ventre de Maria. E dizer que Ele nasceu sem pecado, viveu sem pecado, morreu por nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação!

Infelizmente, muitos acharam bonita e exemplar a atitude de um pregador que, há pouco tempo, cheirou a Bíblia como se fosse cocaína. Segundo

muitos, ele teve a coragem de quebrar paradigmas. Que belo exemplo! Creio que o seu próximo "ato exemplar" será o de cortar uma Bíblia em vários pedacinhos e "fumá-los" em um cachimbo, como se fossem pedras de crack. Meu Deus, o teu povo perece por falta de conhecimento!

Alguém poderá dizer: "Isso é ótimo, pois atrai a juventude perdida, afundada nas drogas". Pois é... Muitos pensam que a igreja deve apresentar ao mundo um "evangelho pop", um "evangelho louco", um "evangelho extravagante". E não se apercebem de que, com isso, estão formando "cristãos pop", "evangélicos loucos", "adoradores extravagantes". Devemos, então, agir como os religiosos dos tempos em que o Mestre andou na terra? Em razão de eles apresentarem uma mensagem falsa, porém atraente, tornavam os perdidos duplamente réus do Inferno (Mt 23.15).

Ora, temos de pregar a verdade como ela é e apresentar Jesus como Ele é. O Senhor, que não obriga ninguém a segui-lo, afirmou: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me" (Lc 9.23). A porta para a

salvação em Cristo é estreita, e o seu caminho não é largo (Mt 7.13,14). Jesus ofereceu facilidades ao jovem rico que queria segui-lo? Não. Disse a ele que deveria guardar os mandamentos e deixar tudo o que tinha. Entendo que haja a necessidade de se fazer alguma contextualização na pregação do evangelho, a fim de alcançarmos jovens e adolescentes. Mas tudo tem limite.

Posar para uma foto cheirando a Bíblia como se fosse uma droga é uma profanação, uma sandice, um despropósito, uma agressão ao evangelho. E mais: para quem conhece um pouco de propaganda subliminar multimídia, esse tipo de foto faz, também, de modo tácito, apologia ao uso de drogas, haja vista sugerir, subliminarmente, que ler a Bíblia é tão bom quanto cheirar cocaína. Ademais, pregar um evangelho-show, contextualizado ao extremo, com "visual descolado", cheirando Bíblia como se fosse cocaína, é fácil. Mas Deus procura pregadores como Paulo, que têm coragem de pregar o evangelho puro e simples, o qual confronta o pecado e incomoda a consciência do pecador.

Despedida de Paulo em Mileto

Na conclusão de sua mensagem aos presbíteros de Éfeso, em Mileto, Paulo disse: “Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós. Agora, pois, irmãos, encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça; a ele, que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados. De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste. Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (At 20.31-35).

Causa-me estranheza ouvir um pregador itinerante dizendo que deseja muito pastorear uma igreja, pois assim terá o seu sustento garantido e não precisará mais “fazer agenda” ou viajar para pregar a Palavra de Deus. Por outro lado, mais do

que estranhar, considero imprópria a conduta de alguns "itinerantes" — mal-orientados ou mal-intencionados — que, a despeito de dizerem que não exigem cachês para pregar, empregam técnicas reprováveis para "arrancar" tudo o que for possível de pessoas ingênuas: dinheiro reservado para pagamento de aluguel de casa, relógios de pulso, alianças, cheques pré-datados, *etc.* E alguns pregadores ainda acham que, para fazer isso, é preciso ter um dom especial. Façam-me o favor!

A pregação itinerante não é uma profissão, e sim uma vocação, um chamamento especial da parte do Senhor! O evangelho não é um negócio; é o poder de Deus para salvação do pecador! Quem recebeu de Deus um ministério específico, como o que abarca a itinerância, deve estar sempre à disposição do Senhor e cumprir seu chamado (2 Tm 2.20,21; 4.5). E, nesse caso, todas as outras coisas, inclusive o sustendo financeiro, virão como consequência, pois o Senhor se encarrega de tudo. O pregador itinerante verdadeiramente chamado por Deus não viaja, prioritariamente, porque gosta, ou ainda porque precisa "fazer agenda" para manter sua

família.

Ele não prega apenas com as palavras; ele prega com a sua vida, com o seu exemplo. Seu comportamento é observado pela igreja. Se a sua conduta e a sua postura forem condizentes com a Palavra de Deus, isso contribuirá para a formação de novos discípulos (At 13.46-52; 14.19-28). Por isso, Paulo disse a Timóteo: "Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza. [...] Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (1 Tm 4.12-16).

Terminado o discurso em Mileto, Paulo ajoelhou-se com os presbíteros e orou com eles. Houve muito choro e lamento, pois esse apóstolo, pregador e mestre itinerante lhes dissera que não mais veriam o seu rosto. Os obreiros, então, chorando copiosamente "e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam, entristecendo-se muito". Em seguida, acompanharam-no até o navio (At 20.36-38). Eles só deixaram a praia quando a embarcação

levantou âncora, levando o apóstolo, através de um bom vento, para longe do mar Egeu. Paulo deixou saudades.

CAPÍTULO 9

PRISIONEIRO DE JESUS CRISTO

Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios, se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada.
Efésios 3.1,2

A Terceira Viagem Missionária de Paulo foi a última que ele fez em liberdade. Depois desta, ele passaria a viajar como o prisioneiro de Jesus Cristo, um título que jamais se envergonhou de usar (Ef 4.1; 1 Tm 1.8). Paulo nada fizera "contra o povo ou contra os ritos paternos" (At 28.17), mas cometera o "horrendo crime" de pregar que Jesus Cristo é o único Mediador entre

Deus e os homens (1 Tm 2.5). Não estamos muito longe dessa intolerância no Brasil e já tenho ouvido "formadores de opinião", na grande mídia, dizendo que "esse negócio de único caminho para a salvação é fascismo".

Muitos perseguidores dos cristãos, na atualidade, se dizem defensores dos direitos humanos. Entretanto, ignoram a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), a qual prevê o seguinte, em seu artigo XIX: "Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras".[1]

De acordo com a declaração acima, não deveria ser um crime, em pleno século XXI, pregar que Jesus Cristo é o único caminho (Jo 14.6) ou a única porta para a salvação (10.9). Mas, na prática, não é isso que acontece. O mundo está cada vez mais cristofóbico, e os que desejarem, hoje, ser imitadores de Paulo, também correm o risco de se

tornarem prisioneiros de Jesus Cristo ou até o de serem mortos pela causa do evangelho. E tudo isso foi previsto pelo nosso Senhor, quando Ele andou na terra: “bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa” (Mt 5.11).

A Cristofobia no Mundo

A Palavra de Deus afirma, através do apóstolo João, que “todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já está no mundo” (1 Jo 4.3). Este versículo mostra que o espírito anticristão já age no mundo desde o primeiro século, tentando apagar toda e qualquer influência de Cristo na sociedade.

Na Europa, nos Estados Unidos e também no Brasil, se fala muito em islamofobia. Quase ninguém, na grande mídia, denuncia a cristofobia, que implica aversão a Jesus Cristo e a tudo ou a todos que têm relação com o seu nome. Fala-se muito que os muçulmanos são vítimas de abuso no

Ocidente, enquanto há muito mais cristãos sendo mortos por causa de sua fé, no mundo islâmico. Como se sabe, o que chamam de islamofobia não é quase nada em comparação com a perseguição sangrenta aos cristãos que vivem em países de maioria muçulmana. Se o leitor pensar que estou exagerando, pesquise sobre a violência e a perseguição contra cristãos na Nigéria, no Sudão, no Egito, no Iraque, no Paquistão, no Irã e na Síria.

A cristofobia e a evangelicofobia vêm ganhando força também em países de suposta maioria cristã. Por que, nos Estados Unidos — uma nação que sempre se considerou cristã —, as pessoas têm preferido dizer, na época do Natal, "Happy Holiday" ou "Happy Holidays" a usar o cumprimento tradicional Happy Christmas? Isso não ocorre por acaso. Quando se desvincula o Cristo do Natal, uma parte da gloriosa obra redentora — encarnação do Verbo (1 Tm 3.16) — deixa de ser enfatizada, com a desculpa de que isso ofende os não cristãos. Por isso, é lamentável quando vemos cristãos dizendo que não se deve celebrar o Natal. Ora, louvamos a Cristo pela sua

ressurreição, para a nossa justificação, sabendo que ela só aconteceu porque o Senhor, antes, morreu pelos nossos pecados! E celebramos a sua morte porque sabemos que Ele, antes, "se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória" (Jo 1.14).

Não é apenas no Natal que a cristofobia tem aflorado na nação que sempre teve orgulho de dizer "In God we trust". Ali, já há escolas em que fazer qualquer menção ao nome de Jesus, portar uma Bíblia ou exibir frases como "God bless you" e "I belong to Jesus" em camisetas ou adesivos é "politicamente incorreto". Por outro lado, o ocultismo oriental, através da *yoga*, é visto com simpatia e incentivado por muitos norte-americanos no ambiente de trabalho e nas escolas. Segundo alguns "educadores", a *yoga* gera paz interior e transmite a mensagem de que há um deus dentro de cada indivíduo.

Digitei, há algum tempo, por curiosidade, a palavra "islamofobia" no campo de busca do portal de notícias da Rede Globo e descobri que há trezentos *links* para matérias, reportagens e artigos, todos condenando a suposta onda de discriminação

aos muçulmanos no Ocidente. Resolvi, então, digitar no mesmo campo de pesquisa do site o vocábulo "cristofobia". Resultado: apenas dez *links*. Destes, apenas um artigo, do jornal *O Globo* (de 2014), aborda a cristofobia; e somente uma matéria, da revista *Época* (de 2012), denuncia a cristofobia no mundo islâmico. Além disso, quatro *links* aludem a declarações dos presidenciáveis evangélicos Marina Silva e Pastor Everaldo sobre a cristofobia; dois se referem a um artigo em que um colunista ironiza a perseguição aos cristãos; e outros dois contêm *links* para a reportagem da revista *Época* (citada acima).

No único artigo a respeito da cristofobia, João Ricardo Moderno, em *O Globo* de 21 de julho de 2014, critica o cineasta José Padilha em razão de este ter menosprezado a estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, em seu filme "Inútil Paisagem". Somente uma matéria da revista *Época*, de 2 de junho de 2012, assinada por Ayaan Hirsi Ali — uma pesquisadora do American Enterprise Institute —, denuncia, de fato, a cristofobia. Segundo Ali, "A cristofobia gera muita violência,

mas é menos discutida do que a islamofobia". Por que a grande mídia menciona tanto a islamofobia, se, na verdade, são os cristãos que estão sendo assassinados aos milhares, na maioria das vezes pelos próprios muçulmanos?

Veja como a explicação da autora da reportagem é reveladora: "A reticência da mídia em relação ao assunto tem várias origens. Uma pode ser o medo de provocar mais violência. Outra é, provavelmente, a influência de grupos de lobby, como a Organização da Cooperação Islâmica — uma espécie de Nações Unidas do islamismo, com sede na Arábia Saudita — e o Conselho para Relações Americano-Islâmicas. Na última década, essas e outras entidades similares foram consideravelmente bem-sucedidas em persuadir importantes figuras públicas e jornalistas do Ocidente a achar que todo e qualquer exemplo entendido como discriminação anti-islâmica é expressão de um transtorno chamado 'islamofobia' — um termo cujo objetivo é extrair a mesma reprovação moral da xenofobia ou da homofobia".

Ali acrescenta: "Uma avaliação imparcial de

eventos recentes leva à conclusão de que a dimensão e a gravidade da islamofobia não são nada em comparação com a cristofobia sangrenta que atravessa atualmente países de maioria muçulmana de uma ponta do globo à outra. A conspiração silenciosa que cerca essa violenta expressão de intolerância religiosa precisa parar. Nada menos que o destino do cristianismo no mundo islâmico — e, em última instância, de todas as minorias religiosas nessa região — está em jogo".

No Brasil, a grande mídia, de modo geral, ao mesmo tempo que ignora a cristofobia islamofascista no mundo muçulmano — a qual tem matado cem mil cristãos por ano! —, tem dado grande destaque à pretensa onda de islamofobia no Ocidente. O jornalismo brasileiro, se, de fato, fosse imparcial, deveria seguir a orientação de Ayaan Hirsi Ali, que, na conclusão de sua matéria, asseverou: "Em vez de acreditar em histórias exageradas de islamofobia ocidental, é hora de tomar uma posição real contra a cristofobia que contamina o mundo muçulmano. A tolerância é para todos — exceto para os intolerantes".

Mas ninguém experimentou a cristofobia — a aversão, o preconceito, a discriminação, a tudo que se relacione com o nome de Jesus Cristo — de modo tão intenso como o apóstolo Paulo. Este, aliás, antes de se converter, era movido pelo ódio cristofóbico e perseguiu o "Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres" (At 22.4), até que se tornou um "vaso escolhido" para levar o nome de Jesus e padecer por Ele (9.15,16).

"Faça-se a Vontade do Senhor!"

Depois da reunião abençoada (por causa da Palavra pregada) e, ao mesmo tempo, triste (por causa da despedida) com os presbíteros efésios, em Mileto, Paulo e seus companheiros navegaram até Cós, um importante centro de estudos sobre a medicina. E, no dia seguinte, atingiram a famosa ilha de Rodes, situada a sudoeste da Ásia Menor, perto de Cária. No terceiro dia, foram a Pátara (ou Pátaros), porto da província romana da Lícia, onde embarcaram num navio que seguia para a Fenícia,

o qual levaria uma carga a Tiro, uma antiquíssima cidade (cf. Js 19.29; 2 Sm 5.11). Enquanto esperavam a embarcação ser descarregada, Paulo teve à sua disposição sete dias e aproveitou para visitar a Assembleia de Deus em Tiro (At 21.1-4).

Tiro. "Aqui, como em muitos lugares, o Espírito advertiu acerca do que ia acontecer a Paulo em Jerusalém. A Bíblia não diz como o Espírito fazia tal coisa, mas ante o que aconteceu depois em Cesareia, podemos estar certos de que a advertência veio através de uma profecia" (HORTON, 1995, p. 211). Isso não significa que o Espírito Santo estava constrangendo Paulo a não ir a Jerusalém (cf. 20.22). Os irmãos, é claro, pelo seu amor a Paulo, queriam que ele não partisse, pois sabiam que ali ele sofreria. Mas a agenda desse pregador continuava nas mãos de Deus, e era necessário que ele estivesse em Jerusalém.

Se a reunião em Mileto foi com os presbíteros de Éfeso, o encontro em Tiro envolveu as famílias. O pregador itinerante deve estar preparado para toda espécie de reunião e apto para falar a vários tipos de público. Segundo Lucas, "havendo passado ali

aqueles dias, saímos e seguimos nosso caminho, acompanhando-nos todos, cada um com sua mulher e filhos até fora da cidade; e, postos de joelhos na praia, oramos. E saudando-nos uns aos outros, subimos ao navio; e eles voltaram para casa" (At 21.5,6). Eis aí um grande exemplo de hospitalidade! Algumas igrejas costumam receber bem os pregadores itinerantes, porém, na hora da partida, não se preocupam em acompanhá-los até o aeroporto ou até a rodoviária. Para um pregador convidado é muito gratificante receber os cumprimentos dos irmãos antes do embarque.

Cesareia. Os missionários seguiram, então, para Ptolemaida, na Síria. E, finalmente, chegaram ao porto de Cesareia e foram ter com Filipe, o diácono-evangelista. Refiro-me a ele assim porque, como diácono, fez a obra de um evangelista (At 6.1-5; 8.5-40); e, como evangelista, fez a obra de um diácono, assistindo Paulo e sua comitiva (21.7,8). Quando o assunto é ter filhos, muitos dizem, em tom de brincadeira, que um é pouco, dois é bom, três é demais. E afirmam, ainda, que o ideal é ter um menino e uma menina. Mas Filipe tinha quatro

filhas — risos —, e todas elas profetizavam (v. 9). Que família abençoada era aquela, instruída, com certeza, a procurar "com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar" (1 Co 14.1).

Embora Paulo tivesse se demorado ali por muitos dias, o Deus soberano não usou as mencionadas profetisas para dizer-lhe o que aconteceria no próximo destino. Ele preferiu usar alguém que nada soubera antecipadamente a respeito da viagem de Paulo a Jerusalém. Tomando a cinta do apóstolo, um profeta chamado Ágabo enrolou-a sobre seu próprio corpo e profetizou: "Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus, em Jerusalém, o varão de quem é esta cinta e o entregarão nas mãos dos gentios" (At 21.10,11).

Os irmãos da Assembleia de Deus em Cesareia e os próprios companheiros de Paulo, sem saber da convicção que ele tinha em seu espírito de que precisava ir a Jerusalém, tentaram convencê-lo a desistir da ideia de subir a essa cidade (At 21.12). Mas o prisioneiro de Jesus Cristo sabia que Deus estava no controle de todas as coisas. E, mesmo que viesse a sofrer, queria cumprir cada compromisso

que o Senhor adicionara à sua agenda. “Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus”, respondeu Paulo (v. 13). E eles, entristecidos, exclamaram: “Faça-se a vontade do Senhor!” (v. 14).

“Há Muitos Adversários”

Paulo e seus companheiros arrumaram as malas e partiram para Jerusalém, juntamente com alguns irmãos de Cesareia. Um dos seus acompanhantes era Mnasom — mais um não apóstolo mencionado em Atos dos Apóstolos —, responsável pela hospedagem da comitiva (At 21.15,16). Quando chegaram à igreja-mãe, foram recebidos com muita alegria (v. 17), não apenas porque os santos estavam com saudades deles. Os missionários portavam o dinheiro coletado para suprir as necessidades daquela igreja (1 Co 16.1-4; 2 Co 8—9; Rm 15.25-27).

No dia seguinte, Paulo teve uma reunião na casa

de Tiago, irmão do Senhor, com a participação de todos os presbíteros da Assembleia de Deus em Jerusalém (At 21.18). O doutor dos gentios tinha muitas histórias para contar, e ele fez questão de dizer a todos "minuciosamente o que por seu ministério Deus fizera entre os gentios" (v. 19). Pensemos na alegria daqueles irmãos, ao ouvirem que milhares de judeus haviam recebido a salvação em Cristo. Todos estavam felizes com a grande porta que Deus abrira para Paulo pregar o evangelho na Ásia (v. 20).

Entretanto, ao escrever aos crentes de Corinto, Paulo havia dito: "Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes; porque uma porta grande e eficaz se me abriu; e há muitos adversários" (1 Co 16.8,9). Ou seja, ele sabia que "prisões e tribulações" o esperavam enquanto estivesse cumprindo com alegria a sua carreira e o ministério que recebera do Senhor (At 20.23,24). E, em Jerusalém, haviam chegado para o Pentecostes alguns judeus, inimigos inveterados de Paulo, os quais o acusavam de ensinar "os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem

circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei" (21.21). "Isso não passava de calúnia. Paulo tinha circuncidado Timóteo; recentemente, ele mesmo tinha feito um voto" (HORTON, 1995, p. 215).

Por um longo tempo, nas províncias romanas de sua residência, a cólera desses hereges e fanáticos judaizantes fora refreada pela atinada administração das autoridades imperiais. Mas, agora, eles tinham a oportunidade de se vingar do "traidor" e "herege". Sabendo disso, os participantes da reunião na casa de Tiago propuseram uma estratégia para Paulo amenizar tal ódio, pois temiam pela segurança dele. Mesmo tendo renunciado ao judaísmo, em seu coração, e sabendo que a graça de Jesus Cristo é o bastante para a salvação, Paulo e outros apóstolos toleravam os cristãos judeus que andavam conforme a lei (cf. At 15). E, por isso, numa atitude pacificadora, ele concordou em participar, no dia seguinte, com quatro irmãos que tinham um voto, de um ritual de purificação de sete dias, no Templo (21.23-26).

Entretanto, os inimigos figadais de Paulo não

queriam saber de conciliação ou pacificação. Eles queriam matar o doutor dos gentios a qualquer custo, pois tinham grande inveja dele. E, quando o viram no Templo, esses judeus fanáticos, transbordando em ira, alvoroçaram o povo, a fim de linchar Paulo ali mesmo. "E alvoroçou-se toda a cidade, e houve grande concurso de povo; e, pegando de Paulo, o arrastaram para fora do templo, e logo as portas se fecharam" (At 21.27-30). Tudo indicava que chegara a hora desse pregador itinerante partir para eternidade. E, se isso tivesse acontecido, grande seria seu galardão.

Na agenda do pregador itinerante Paulo, a qual estava nas mãos de Deus, ainda constavam outras viagens. E uma oportuna intervenção do tribuno romano — oficial que comandava uma coorte de seiscentos a mil soldados — livrou Paulo de uma morte certa (At 21.31-33). Mas as perseguições contra ele, perpetradas pelos judeus da Ásia, se intensificaram muito durante a festa de Pentecostes. Eles o acusavam de profanar o Templo. E, em decorrência do grande tumulto que provocaram, no qual "uns clamavam de uma

maneira; outros, de outra" (v. 34), esse apóstolo foi encaminhado para Antipátride, a quarenta e dois quilômetros a sudeste de Cesareia, onde era guardado por uma poderosa escolta (vv. 35-40).

Acusações falsas ligadas ao Templo foram usadas contra outros servos de Deus, nos tempos neotestamentários. Primeiro, os judeus acusaram o Senhor Jesus de ter dito que derrubaria o Templo e o reconstruiria em três dias (Mt 26.61; 27.40). Ele se referia a seu próprio corpo (Jo 2.19-21). Pouco tempo depois, acusaram Estêvão de ter falado "contra este santo lugar" (At 6.13), uma alusão ao Templo (cf. 21.28). O curioso de tudo isso é que Paulo — outrora perseguidor dos cristãos e pertencente ao grupo dos judeus que apedrejaram Estêvão — experimentou desse mesmo tipo de ódio e quase foi linchado até a morte.

"Importa que Testifiques também em Roma"

Em Atos 22—26 estão registrados pormenores das

prisões de Paulo e dos seus conturbados julgamentos, que culminariam na sua expatriação ou deportação para Roma, haja vista ser ele um cidadão romano de nascimento. Ainda que houvesse em seu coração a certeza de que a sua agenda estava nas mãos de Deus, esse período de sua vida foi muito difícil. E é provável que ele tenha sentido uma profunda tristeza, ao ser impossibilitado de fazer o que mais apreciava: pregar o evangelho. Além disso, por mais que fosse intrépido, sentiu medo de ser "despedaçado" por seus inimigos (At 23.10). Mas o Senhor, que nunca desampara os seus escolhidos, animou esse pregador itinerante com as seguintes palavras: "Paulo, tem ânimo! Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma" (v. 11).

Não foi nada fácil suportar as provações em Jerusalém, onde Paulo foi detido, possivelmente, em 57. Ali, num primeiro momento, ele tentou se defender, à semelhança de Estêvão (cf. At cap. 7), com um discurso em hebraico, que foi uma verdadeira pregação (At 22.1-23). Assim como o

mencionado diácono--pregador, Paulo não conseguiu concluir seu sermão. E o curioso é que ele foi interrompido exatamente quando mencionou o derramamento do sangue de Estêvão e disse que Deus o enviara aos gentios. O mesmo público de fanáticos que apedrejara o primeiro mártir bradou: "Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva!" (v. 22).

O tribuno romano não sabia por que Paulo era tão odiado e, na tentativa de descobrir isso, "mandou que o levassem para a fortaleza, dizendo que o examinassem com açoites" (At 22.24). Paulo, então, reagiu e disse ao centurião que ele não deveria açoitar um cidadão romano. Feita essa revelação, o tribuno encaminhou-o ao Sinédrio, o supremo corpo de governo do judaísmo em Jerusalém, formado por setenta homens mais o sumo sacerdote (vv. 25-30). "Com probabilidade se pode dizer que Paulo foi eleito membro do Sinédrio, depois da morte de Estêvão, se ele já não o era. Como ele mesmo disse, não só exercia o poder de lançar na prisão, por missão daquele tribunal, mas também dava o seu voto quando matavam os

cristãos (At 26.10)" (BUCKLAND, p. 329).

Perante o Sinédrio, Paulo foi tratado como o pior dos criminosos. Tudo o que ele falava exaltava ainda mais os ânimos e aumentava a cólera daqueles que o consideravam um traidor (At 23.1-11). O ódio que cerca de quarenta judeus incrédulos tinham por Paulo era tão grande, que, ao perceberem que ele poderia escapar ileso, haja vista sua cidadania romana, "fizeram uma conspiração e juraram dizendo que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem a Paulo" (v. 12). Um sobrinho de Paulo — outro não apóstolo em Atos dos Apóstolos — soube dessa conspiração e avisou Paulo e o tribuno Cláudio Lísias, o qual, à noite, ordenou que soldados enviassem Paulo, são e salvo, juntamente com uma carta, à presença do governador Félix (vv. 13-35).

Mesmo sem haver provas concretas, "robustas", contra Paulo, ele permaneceu preso em Cesareia por dois anos, aproximadamente, entre 57 e 59 (At 23.31—26.32). Pesava contra ele a acusação caluniosa dos judeus, formalizada pelo promotor Tértulo (24.1-9). Mas, após ouvir Paulo e julgar o

caso, Festo e Agripa o consideraram inocente (24.10—26.31). “Bem podia soltar-se este homem, se não houvesse apelado para César”, disse Agripa (26.32). Paulo, desde o início, valeu-se de sua cidadania romana (22.25-28) e apelou insistentemente a César, a fim de ter um julgamento mais justo (25.10-12). Ele sabia que, caso fosse liberto, poderia sofrer um atentado. E, como Deus lhe dissera que importava que fosse a Roma — e sabendo que ali teria direito à ampla defesa como cidadão romano —, manteve-se firme em seu propósito.

A Quarta Viagem Missionária de Paulo

Muitos não chamam a viagem do apóstolo Paulo a Roma de missionária. Entretanto, considerando que a sua agenda estava nas mãos de Deus — e que ele estava indo àquela cidade para cumprir a vontade do Senhor (At 23.11) —, não resta dúvidas de que se trata da Quarta Viagem Missionária de Paulo (cf. At 27—28).

Cesareia. O ponto de partida das outras viagens foi a cidade de Antioquia da Síria. No caso dessa

quarta viagem, Paulo partiu de Cesareia, onde permanecera aprisionado por dois anos. Dali, partiu num navio adramitino (de Adramítio) para Sidom (At 27.1-3), "cuja situação geográfica na costa mediterrânea favorecia a sua civilização e seu vasto comércio, tanto por mar como por terra. Hoje é uma pequena cidade de 5 mil habitantes, denominada Seida" (MONEY, p. 248).

Sidom. Permitiu-se, nesta cidade, que Paulo visse seus "amigos, para que cuidassem dele" (At 27.3). Pela primeira vez, Paulo viajava na condição de prisioneiro do Senhor, mas tinha dois companheiros consigo. "Lucas adquiriu passagem nesse navio para estar com Paulo. Assim fez, também, Aristarco, crente macedônio de Tessalônica. Eles iam juntos para ajudá-lo e servi-lo em tudo o que pudessem. Assim, Paulo não viajou como um preso comum. Ele tinha amigos" (HORTON, p. 243). Como era fiel o companheiro Lucas! "Só Lucas está comigo" (2 Tm 4.11), disse Paulo, já bem próximo de seu martírio.

Mirra. Ventos contrários levaram a embarcação ao

norte da ilha de Chipre e, em seguida, em direção oeste pelo mar que banha as costas das províncias de Cilícia e Panfília, até que as âncoras foram lançadas em Mirra, um porto de Lícia, na Ásia Menor (At 27.4,5). Ali, Paulo embarcou em um barco fretado para a Itália. A viagem seguiu, mas os ventos desfavoráveis continuaram, impossibilitando o navio de tocar no porto da Cária, entre as ilhas de Rodes e Cós. O comandante, então, seguiu para a ilha de Creta, na entrada do mar Egeu, bordejando-a, até conseguir fazer uma escala em Bons Portos (vv. 6-8).

Bons Portos. A partir desse porto da ilha de Creta, a viagem ficou ainda mais difícil. "Pode-se avaliar como as viagens por mar eram perigosas pelo exemplo do que aconteceu com Paulo. Ele estava viajando num graneleiro alexandrino, carregado e a caminho de Roma (At 27.6). O barco foi apanhado numa tempestade com ventos do noroeste e, a fim de tentar salvar o barco, os tripulantes desceram a vela principal e usaram uma pequena vela na proa, atiraram os cereais, passaram um cabo da proa até a popa para evitar que o navio se partisse, e

finalmente passaram outro cabo por cima e por baixo do navio para manter unidas as tábuas. [...] Os graneleiros não eram de pequeno porte. Tinham 70m de comprimento e deslocavam 1200 toneladas. Os barcos mais velozes, de guerra, impelidos por remadores, eram muito mais leves e não podiam sobreviver a uma tempestade" (GOWER, p. 229).

O centurião Júlio não quis atentar para o conselho de Paulo — quem daria crédito a um prisioneiro? —, o qual lhe disse para não prosseguir viagem, preferindo dar mais crédito ao piloto e ao mestre (At 27.9-11). Resultado: devido a um repentino vento tempestuoso, chamado pelos antigos de Euroaquilão, não foi possível alcançar Fenice, a fim de invernar ali (vv. 12-14). "Apesar do rigor do temporal, pôde-se recolher a bordo o bote que trazia a reboque, ao correr a sotavento da ilha de Cauda, perto da praia a SO de Creta, feito o que passaram cabos ao redor do casco do barco com o fim de reforçá-lo contra os golpes do mar" (MONEY, p. 249). Os tripulantes empenharam-se para que o barco não encalhasse nos golfos arenosos de Sirte, na costa norte da África (vv. 15-

17).

Durante longos quatorze dias, Paulo e seus companheiros navegaram a esmo. E, para piorar a situação, a nave ficou à mercê de um furacão uns oitocentos quilômetros em direção oeste, vindo a naufragar na baía do lado nordeste da ilha rochosa de Malta (ou Melita), ao sul da Sicília (At 27.18-44). Em meio a essa grande provação, todos, inclusive os companheiros de Paulo, perderam a esperança de sobreviver (v. 20), mas ele — que era cheio do Espírito Santo — sabia que sua agenda estava nas mãos do Senhor, o qual lhe disse: "Paulo, não temas! Importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo" (v. 24). Como é bom estar perto de um homem de Deus, quando surgem as tempestades, não é mesmo?

Malta. Paulo invernou na ilha de Malta, onde foi bem tratado pelos bárbaros (At 28.1,2). Ali, grandes milagres aconteceram, em cumprimento do que o Senhor Jesus prometera: "em meu nome, [...] pegarão nas serpentes; [...] e imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão" (Mc 16.17,18). Primeiro,

Deus permitiu que uma víbora picasse Paulo (At 28.3,4), mas, "sacudindo ele a víbora no fogo, não padeceu nenhum mal" (vv. 5,6). Depois, hospedado na casa de certo Públio, que estava enfermo, Paulo, "havendo orado, pôs as mãos sobre ele e o curou. Feito, pois, isto, vieram também ter com ele os demais que na ilha tinham enfermidades e sararam" (vv. 7-9). Glória seja dada ao maravilhoso nome de Jesus!

Siracusa e Régio. Depois de três meses, tendo recebido em Malta "muitas honras", o pregador Paulo foi embarcado num navio de Alexandria e navegou até Siracusa, primeiro ponto de escala na viagem a Roma, onde todos ficaram por três dias (At 28.10-12). Em seguida, o barco aportou em Régio, na extremidade sudeste da península itálica. E, finalmente, findou a longa e perigosa viagem em Putéoli, um dos principais portos da Itália, distante de Nápoles pouco mais de dez quilômetros (v. 13).

Putéoli, Praça de Ápio e Três Vendas. Em Putéoli (Pozzuoli), Paulo encontrou alguns irmãos e passou uma semana com eles (At 28.14). E, então, iniciou

sua viagem a Roma pela Via Ápia, o grande caminho real até a capital. Praça de Ápio (Forum Appii) e Três Vendas (Tres Tabernae) ficavam a 69 e 53 quilômetros de Roma, respectivamente (v. 15). Paulo estava ansioso para chegar a Roma. Apesar de seus sofrimentos, o evangelho estava triunfando.

Roma. Finalmente, o prisioneiro de Jesus Cristo chegou a Roma, por volta do ano 60. Naquela época, essa cidade contava com, aproximadamente, um milhão de habitantes, sendo a metade dessa população constituída de escravos. Os líderes judeus de Roma disseram a Paulo que nada sabiam a respeito das acusações que pesavam contra ele. Eles apenas reconheceram que tinham ouvido relatos negativos sobre o Caminho, de modo geral.

O pregador Paulo, entretanto, ficou preso em Roma durante dois anos, mas sua detenção foi de caráter suave, leve, haja vista ter tido ele o privilégio de alugar uma casa, onde — apesar de ser vigiado por um soldado da guarda imperial — pôde ministrar a Palavra a todos que o procuravam (At 28.16-31). Ele não teve maiores problemas com os judeus, ali, e um grande número deles, inclusive,

veio ouvi-lo a respeito do evangelho. Alguns creram; outros, não. A respeito destes ele declarou: "Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão" (v. 28).

Instruções do Preso do Senhor à Assembleia de Deus

Em Roma, entre 60 e 62, possivelmente, Paulo esteve em prisão domiciliar, onde podia receber "quantos vinham vê-lo, pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum" (At 28.30,31). Como prisioneiro do Senhor, ele escreveu algumas epístolas: Efésios, Colossenses, Filemom e Filipenses. E transmitiu importantes instruções à Assembleia de Deus.

Assembleia de Deus em Éfeso. Aos efésios Paulo disse que era "o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios" (Ef 3.1). E, como tal, transmitiu àquela Assembleia de Deus importantes instruções sobre a

unidade do Espírito pelo vínculo da paz (4.1-16). E, nesses tempos trabalhosos, em que as igrejas se dividem e se subdividem por causa de líderes que se engalfinham, priorizando poder e dinheiro, a mensagem do preso do Senhor continua atual: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (vv. 1-3).

Se a humildade, a mansidão, a longanimidade e outras virtudes prevalecessem no meio evangélico, não haveria tantas disputas e contendas. O Senhor não espera isso de nós. Pensemos no que poderíamos fazer para o Senhor, caso tivéssemos, de fato, unidade, uma vez que existe "um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos" (Ef 4.4-6).

Muitas igrejas de hoje assemelham-se mais à

igreja de Corinto do que à de Éfeso. Mas as instruções transmitidas a ambas — exceto algumas especificidades — servem para todas as Assembleias de Deus. Quanto a Corinto, era uma igreja vigorosa, que contou, durante certo tempo, com líderes e expoentes de renome, como Paulo, Apolo e Timóteo (1 Co 3.5,6; 4.17). E, a despeito de não faltar dom algum àquela igreja (1 Co 1.7) e de o poder multiforme do Espírito Santo ali se manifestar (12.4-11), entre os coríntios não prevalecia a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Os crentes eram carnais (3.3) e tinham maus costumes (11.20-22); e havia ali falsos obreiros (2 Co 11), tolerância a pecados graves (1 Co 5—6), dissensões (11.17-19), mau uso dos dons espirituais (14.1ss) e crentes com espírito faccioso (3.4,5).

Parece impossível, diante de tudo que temos visto, "guardar a unidade do Espírito". Mas é preciso levar em consideração que o Senhor Jesus deu ministros à Assembleia de Deus — apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores — justamente para nos aperfeiçoar para a obra do ministério (Ef 4.11,12), a fim de "que todos

cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (v. 13).

Assembleia de Deus em Colossos. À igreja de Colossos, a qual Paulo, possivelmente, jamais visitou, escreveu: "Perseverai em oração, velando nela com ação de graças; orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do ministério de Cristo, pelo qual estou também preso" (Cl 4.2,3). Quando ele escreveu aos colossenses, estava preso em Roma, juntamente com um obreiro chamado Aristarco (v. 10). Como pregador itinerante, Paulo estava ansioso para voltar a pregar o evangelho com total liberdade. E, sabendo que havia possibilidade de ser libertado, ainda que de modo provisório, pediu aos irmãos que orassem para Deus lhe abrir a porta da Palavra, não somente em Roma, mas também em outros lugares.

Que exemplo maravilhoso para os pregadores da atualidade! Sabendo que poderia sair da prisão, Paulo podia ter mandado cartas às igrejas, a fim de "fazer uma agenda de pregações" ou pedir a elas

que organizassem uma grande "campanha de milagres". Entretanto, o que ele desejava? Que o Senhor lhe abrisse a porta! Essa deve ser a conduta de todos os pregadores itinerantes. Quem é chamado por Deus não precisa oferecer-se para pregar ou ensinar a Palavra de Deus. A ele cabe orar e pedir oração, assim como fez Paulo, para que portas grandes e eficazes sejam abertas.

Assembleia de Deus em Filipos. Ainda preso em Roma, Paulo escreveu o seguinte à Assembleia de Deus em Filipos: "Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus" (Fp 3.12). Ele se referia ao nosso progresso, dia após dia, até que alcancemos o "prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (vv. 13,14). Servir a Cristo é como subir uma escada que não tem o último degrau. Hoje devemos ser mais santos que ontem. Amanhã, mais santos que hoje, pois "quem é santo seja santificado ainda" (Ap 22.11). Como seria maravilhoso se todas as Assembleias de Deus, isto é, todas as igrejas do Senhor Jesus, crescessem, dia a dia. Mas isso só ocorre quando há

compromisso com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra.

Ao estudar sobre a passagem de Paulo por Roma e suas instruções à Assembleia de Deus em Filipos, senti um grande desejo de mencionar o trabalho de um obreiro pouco lembrado, nos dias atuais, mas que realizou um importante trabalho para Deus: Epafrodito. Este servo do Senhor foi enviado pelos filipenses a Roma, a fim de visitar o apóstolo Paulo e entregar-lhe uma oferta daquela igreja (Fp 4.18).

Epafro... quê?

Epafrodito não é o primeiro nome que vem à mente de um casal que pretende ter um filho. Os pais costumam escolher nomes de fácil pronunciação e, de preferência, com significados bonitos. Mas Epafrodito era um nome muito comum, nos tempos neotestamentários. Em Colossos, havia um cooperador de Paulo chamado Epafras — forma abreviada de Epafrodito (Cl 1.7; 4.12; Fm v. 23; 1 Tm 4.6). O obreiro que visitou Paulo em Roma trabalhou em Filipos (Fp 2.25-30;

4.18). Seu nome deriva de Afrodite, filha de Júpiter, deusa do amor e da beleza, e significa “amável”, “amoroso”.

O que torna Epafrodito um obreiro exemplar não é o seu nome. Ele podia ter um nome de fácil pronunciação, e com significado negativo; mas recebeu de seus pais um nome esquisito — para nós, hoje — com um lindo significado, dependendo do ponto de vista. No entanto, o que se destaca na vida desse obreiro são as suas características, que levaram o apóstolo Paulo a fazer uma menção honrosa a ele (Fp 2.27-29).

Submisso. Epafrodito foi enviado pela igreja de Filipos a Roma, a fim de suprir as necessidades de Paulo (Fp 4.18). E, depois, mandado por esse apóstolo aos filipenses (2.19-25). Não há evidência no contexto de que Epafrodito tenha sido um apóstolo, a despeito de o termo “enviado” (gr. *apostoloi*) sugerir isso. A título de comparação, a cooperadora Febe, apesar de servir a Deus na igreja de Cencreia (Rm 16.1) — aqui, o verbo “servir” (gr. *diakoneõ*, cognato de *diakonos*) é o mesmo para designar o serviço dos diáconos —, não há

comprovação de que ela tenha sido uma diaconisa, como muitos afirmam. Pelo contrário, o Novo Testamento assevera que o diaconato estava a cargo dos homens (At 6.1-5; 1 Tm 3.12,13). O aludido verbo é polissêmico e pode denotar os atos de ministrar, de auxiliar ou de prestar qualquer tipo serviço.

A Assembleia de Deus em Filipos só enviou Epafrodito a Roma porque ele era submisso. Não é todo obreiro que aceita ser enviado por uma igreja. Alguns não estão dispostos sequer a ser enviados por Deus! Lembra-se do resistente profeta Jonas? E, por que o Senhor perguntou: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" (Is 6.8)? Portanto, Epafrodito não foi mandado por Paulo apenas porque o respeitava, sabendo que a igreja em Filipos fora fundada por ele e sua equipe de cooperadores (Silas, Timóteo e Lucas), na sua segunda viagem missionária (At 16.9-40). Ele era, de fato, um obreiro submisso.

Irmão. Parece "chover no molhado" dizer que Epafrodito era irmão de Paulo. Contudo, se considerarmos a sinceridade desse apóstolo,

chegaremos à conclusão de que ser chamado de irmão por ele não era pouca coisa. É comum e corriqueiro para nós chamar todos os que frequentam os cultos de irmãos. Mas não para Paulo. Lembremo-nos de que ele fez questão de mencionar, em 2 Coríntios 11.26, que esteve "em perigos entre os falsos irmãos". Ser, por conseguinte, considerado irmão por esse apóstolo era — pelo que se infere — uma grande honra. Significava ser um verdadeiro servo de Cristo.

Quando Paulo chamou Epafrodito de irmão, ele quis dizer: "Eu confio em Epafrodito. Ele é um irmão de verdade, um servo do Senhor que eu respeito". O Novo Testamento apresenta vários tipos de irmãos. Existe aquele que diz ser irmão, mas é devasso, avarento, idólatra, maldizente, beberrão ou roubador (1 Co 5.11). Há também os irmãos desviados, que, tendo sido resgatados, são de novo envolvidos nas corrupções do mundo e trazem sobre si repentina perdição (2 Pe 2.1,20-22); e os desordenados, que não andam segundo a tradição, isto é, os "contextualizadores" (2 Ts 3.6). Que tipo de irmão temos sido?

Cooperador. A palavra original para cooperador empregada acerca de Epafrodito é *synergos*. O que ela significa? "Colega de jugo". Quando aceitamos o chamamento do Senhor Jesus para a salvação, deixamos o jugo do pecado. Que maravilha! Mas esse é apenas um dos lados da moeda. Se lermos atentamente Mateus 11.28-30, entenderemos que a salvação implica deixar o jugo do pecado e receber outro jugo. Qual? O Senhor Jesus disse: "Tomai sobre vós o meu jugo" (v. 29). O ministério é formado por vários colegas de jugo: obreiros que não receberam a Cristo apenas como Salvador, mas também como Senhor. Sim, verdadeiros cooperadores que se negam a si mesmos e tomam cada dia a sua cruz (Lc 9.23). Imagine o trabalho que dá um "cooperador" que não toma sobre si o jugo do Senhor! Ele sempre priorizará a sua vontade, os seus caprichos e, consequentemente, será insubmisso a Deus e ao ministério.

Vitorioso ante à provação. Epafrodito tinha experiência com Deus: ficara gravemente doente — bem próximo da morte — e fora curado pelo Senhor. O obreiro verdadeiramente chamado por

Deus passa por provação. Por quê? Porque a tribulação que vem sobre nós, por permissão divina, produz a experiência, e esta resulta em aumento de nossa esperança, a qual não traz confusão (Rm 5.1-5). Sim, a provação visa a nos aperfeiçoar (2 Co 4.16,17), a fim de que sejamos mais experientes e saibamos como lidar com circunstâncias adversas, muito comuns à vida do obreiro.

Denodado servo do Senhor. O amor de Epafrodito à obra de Cristo era tão grande, a ponto de ele, por essa causa, ter chegado perto da morte. Ele não fez caso da sua própria vida (Fp 2.30). Muitos, hoje, o teriam como imprudente ou fanático. Mas os obreiros verdadeiramente chamados por Deus e conscientes da importância de seu ministério têm prazer em se desgastarem pela obra de Deus. Eles priorizam a vontade do Senhor, o que, de modo algum, significa abandonar a família.

Jesus, o nosso Senhor, tem a primazia em relação à família, ainda que não devamos desprezá-la (Mt 10.37). A realização do nosso trabalho não deve ocorrer em detrimento dela. Pela ordem, as nossas

prioridades devem ser: a vida devocional (1 Tm 4.8,16), a família (1 Tm 3.5 e 5.8) e o trabalho para o qual fomos chamados (1 Co 15.58). Mas é bom enfatizar que o obreiro que ama a obra de Deus é capaz de, pelo Deus da obra, desgastar-se, assumindo certos riscos e provações (Fp 4.11-13).

Não confunda, entretanto, o esforço quase sobre-humano de Epafrodito em prol da obra de Cristo com os sacrifícios desnecessários, fanatizados, de certos obreiros que fazem a família sofrer, enquanto eles, enganados, pensam estar agradando ao Senhor. A ênfase de que o obreiro em evidência não fez caso de sua vida denota que ele não a teve por preciosa, a fim de agradar ao Senhor. Ou seja, ele priorizou a vida de Cristo. Ele atentou para o que disse o Senhor Jesus, em Mateus 10.39: "Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á".

Companheiro nos combates. O termo "companheiro" tem importante significação. Diz respeito, segundo o seu étimo, às pessoas que comem do mesmo pão. Judas foi um companheiro de Jesus e comeu pão com ele. Apesar disso, não foi

fiel. Desviou-se de seu ministério e apostolado (At 1.25) e se tornou um grande traidor, permitindo, assim, que Satanás entrasse em seu coração (Jo 13.21-27). Infelizmente, não são poucos os companheiros, em nossos dias, que se desviam da verdade (2 Tm 2.18) e, à semelhança de Judas e também de Demas (2 Tm 4.10), abandonam o ministério para o qual foram escolhidos (Jo 15.16).

Mas Epafrodito era um companheiro qualificado. Paulo usa a respeito desse obreiro a mesma linguagem empregada em relação a Timóteo (2 Tm 2.3). Isso porque o apóstolo via a extenuante obra do ministério como um combate ou uma prova de atletismo: "Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar" (1 Co 9.26). Em outras palavras, Epafrodito não era um simples acompanhante de obreiro, como temos visto hoje. Não! Ele era companheiro nos combates, sendo fiel a Deus, a Paulo e à sua igreja local (Fp 2.25; 4.18). E, por isso, também é um paradigma para todos os obreiros, principalmente os pregadores itinerantes.

A Hora de Fechar a Agenda

O julgamento. O tão esperado julgamento do apóstolo Paulo teria ocorrido somente no ano 62, depois de ele ter permanecido em prisão domiciliar, em Roma, durante dois anos. Uma carta favorável de Festo, procurador da Judeia, e um relatório de Júlio, centurião da coorte Augusta, teriam feito a balança pender em favor de Paulo. Pouco se sabe de sua possível libertação e do que ele teria feito depois disso. "Seu pensamento estava sempre com as igrejas, e desejava visitar muitas delas na Ásia e na Grécia. Desde que escrevera a Filemom, e ouvira a história da igreja de Colossos por intermédio de Epafras, alimentava a esperança de visitá-la" (BALL, p. 199).

Quinta Viagem Missionária de Paulo? Paulo, então, em liberdade condicional, teria feito mais uma grande viagem. Clemente de Roma menciona uma viagem de Paulo ao Ocidente (Espanha?), depois de sua prisão em Roma. No entanto, as epístolas pastorais indicam que ele teria viajado para o Oriente. Se a Quinta Viagem Missionária de

Paulo ocorreu, ela não deve ter sido muito longa, visto que a execução desse apóstolo ocorreu antes da morte de Nero, entre 67 e 68.

A hipótese de que Paulo viajou ao Oriente, entre 63 e 64, sendo novamente preso, em Trôade (cf. 2 Tm 4.13), em 64, e reconduzido a Roma, parece a mais viável. Ele teria visitado a ilha de Creta, deixando ali Tito (cf. Tt 1.5), bem como a Éfeso, na Ásia, onde teria deixado Timóteo (cf. 1 Tm 1.3). Ele também teria viajado a Colossos, na Ásia Menor (cf. Fm v. 22), à Macedônia (cf. 1 Tm 1.3) — onde, nesse caso, teria escrito Tito e 1 Timóteo — e a Nicópolis, na Grécia (cf. Tt 3.12). Sua última carta, 2 Timóteo, apesar das dificuldades, teria sido escrita em sua segunda passagem pela prisão de Roma.

Sentença de morte. Em 64, houve um incêndio em Roma, e Nero — o pior de todos os imperadores romanos — culpou os cristãos. Paulo, que estaria preso pela segunda vez, nessa cidade, vinha sendo tratado de maneira hostil. Apesar de sua idade avançada, estaria sendo mantido numa cela logo abaixo da rua, sem qualquer saída, exceto uma

abertura estreita para escoamento da água. As paredes eram úmidas e muito frias. Ao contrário do que acontecera em sua primeira prisão domiciliar, o doutor dos gentios estaria em completo isolamento, não podendo ensinar "com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo" (At 28.31). Depois de preso pela segunda vez, Paulo teria passado por dois julgamentos. O primeiro lhe teria sido favorável, apesar das adversidades (cf. 2 Tm 4.16). Já o segundo teria resultado em sentença de morte.

"Alexandre, o latoeiro, e os demais acusadores venceram. Sob os olhos atentos de Nero, foi feita a votação. Era uma sentença de morte" (BALL, p. 208). Mas há uma outra suposição de que, pouco antes de sua execução, Paulo estava ensinando a Palavra. "Conta Abidias que, quando se deliberou a respeito de sua execução, o imperador enviou dois de seus cavaleiros, Ferega e Partemio, para dar-lhe a notícia de que seria morto. Ao chegarem ao apóstolo, que instruía o povo, pediram-lhe que orasse por eles para que crescem. Paulo garantiu-lhes que creriam em breve e seriam batizados

diante de seu túmulo. Logo vieram os soldados e o levaram ao lugar das execuções, onde, depois de haver orado, ofereceu o pescoço à espada" (FOX, 2001, p. 5). Nesse caso, ele estaria em prisão domiciliar quando recebeu a sentença.

O que há de concreto, nessa parte final da biografia de Saulo de Tarso, é que, momentos antes de seu martírio, não havia ninguém para defendê-lo ou apoiá-lo, exceto Lucas (2 Tm 4.6-17). Mas Paulo estava certo de uma coisa: "o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém!" (v. 18).

Martírio. Chegou o momento de Paulo cumprir o último compromisso da sua agenda. Esta, que fora aberta na estrada de Damasco, no ano 35, seria fechada na estrada Ostiana, fora da cidade, em 67. Mais precisamente, o "lugar do martírio, na tradição romana local, é o das Águas Sálvias, pouco distante da Basílica de São Paulo, 'fora dos muros'. Visto que ele era cidadão romano, o modo da execução, de acordo com a mesma tradição, foi a decapitação" (MCKENZIE, p. 703).

A agenda de Paulo, que sempre esteve nas mãos do Senhor, foi fechada. Mas a nossa ainda está aberta! Sejamos, pois, imitadores desse servo de Jesus, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus (1 Co 11.1; Rm 1.1). E que, assim como ele, combatamos o bom combate (1 Ts 2.2), cumpramos a nossa carreira (At 20.24) e guardemos a fé (2 Tm 4.7,8).

---

[1] Disponível no site do Ministério da Justiça: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bil

BIBLIOGRAFIA

AARON, Daryl *Understanding your Bible in 15 Minutes a Day*. 1 ed. New York: Fall River Press, 2014.

ANDRADE, Claudionor de. *Paulo em Atenas*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

APOLÔNIO, José. *Maturidade Cristã — lições bíblicas para jovens e adultos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal — Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BALL, Charles Fergunson. *A Vida e os Tempos do Apóstolo Paulo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BERGSTÉN, Eurico. *Maturidade Cristã — lições bíblicas para jovens e adultos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

_____. *Introdução à Teologia Sistemática*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BÍCEGO, Valdir. *Manual de Evangelismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

BINGHAM, D. Jeffrey. *História da Igreja*. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2012.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2008.

_____. *Uma Breve História do Cristianismo*. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2012.

BOYD, Frank M. *Carta aos Coríntios — Introdução e comentário*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

BROOKS, Rice. *God's not Dead*, 1 ed. Nashville: Thomas Nelson, 2013.

BRUCE, F. F. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo — Filipenses*. 1. ed. São Paulo:

Editora Vida, 1992.

_____. *Paulo, o Apostólo da Graça*. 1 ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1995.

BUSARELLO, Raulino. *Dicionário Básico Latino-Português*. 6. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CABRAL, Elienai. *Comentário Bíblico — Romanos*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

_____. *Lições Bíblicas — 2 aos Coríntios*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

CALIGUIRE, Jeff. *Os Segredos de Liderança de Paulo*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

CHAPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

CLAYTON, Peter; PRICE, Martin J. *As Sete Maravilhas do Mundo Antigo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

COLEMAN, William L. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*. 1. ed. Venda Nova, MG: Editora

Betânia, 1991.

COSTA, Hermisten. *Calvino de A a Z*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2006.

DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia*. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

DOWLEY, Tim. *Pequeno Atlas Bíblico*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

FEE, Gordon D. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo — 1 e 2 Timóteo, Tito*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1994.

FOULKES, Francis. *Efésios — Introdução e comentário*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1993.

FOX, John. *O Livro dos Mártires*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

FOUILLOUX, Danielle *et al*. *Dicionário Cultural da Bíblia*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GARLOW, James L. *Deus e seu Povo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

GILBERTO, Antonio. *A Bíblia Através dos Séculos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

_____. *Lições Bíblicas — 1 e 2 aos Coríntios*. 1.

ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

_____. *Manual da Escola Dominical*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

_____. *Verdades Pentecostais*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____ *et al. Teologia Sistemática Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

_____. *Mensagens, Estudos e Explanações em 1 Coríntios*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GOMES, Geziel. *Houve um Tempo*. 12 de março de 2008. Disponível em: <http://prgeziel.blogspot.com.br/2008/03/houve-um-tempo.html>. Acesso em: 23 de julho de 2014.

GONZÁLES, Justo L. *A Era dos Mártires*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GOWER, Ralph. *Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

GRAHAM, Billy. *A Plenitude do Espírito e como Obtê-la*. 3. ed. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1968.

_____. *O Espírito Santo*. 1. ed. São Paulo:

Edições Vida Nova, 1988.

_____. *Billy Graham, uma Autobiografia*. 1. ed. Campinas: United Press, 1998.

_____. *Living as a Christian*. 1. ed. Nashville, EUA: Thomas Nelson, 2007.

GRILLI, Victorio. *Índice da Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jeová Nissi, 2005.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertland Brasil, 2011.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996.

HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em Crise*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HAWKES, Freda. *The Bible from Start to Finish*. eBook, 2012.

HORTON, Stanley M. *O que a Bíblia Diz sobre o Espírito Santo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

_____. *O Livro de Atos*. 1. ed. Deerfield, EUA: Editora Vida, 1995.

_____. *Teologia Sistemática*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

_____. *1 e 2 Coríntios — Os Problemas da Igreja e suas Soluções*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. 1. ed. Deerfield, EUA: Editora Vida, 1996.

KENDRICK, Michael *et al. 365 Lições de Vida Extraídas de Personagens da Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

KNIGHT, A.; ANGLIN, W. *História do Cristianismo*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

KOLLER, Charles W. *Pregação Expositiva Sem Anotações*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

LE GOFF, Jacques. *Uma Breve História da Europa*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. *Ritos e Festas em Corinto Arcaica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MACARTNEY, Clarence E. *Grandes Sermões do Mundo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 9. ed. São

Paulo: Paulus, 2005.

MONEY, Netta Kemp de. *Geografia Histórica do Mundo Bíblico*. 7. ed. Deerfield, EUA: Editora Vida, 1994.

MOODY, Dwight. *Men of the Bible*. 1. ed. Chicago, EUA: The Bible Institute Colportae Association, 1898.

NEIMAN, Susan. *O Mal no Pensamento Moderno*. 1. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

PATZIA, Arthur G. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo — Efésios, Colossenses, Filemom*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1995.

PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia, Livro por Livro*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1998.

PFEIFFER, Charles F. *et al. Dicionário Bíblico Wycliffe*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

POLLOCK, John. *O Apóstolo*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1998.

RENAN, Ernest. *Paulo, o Décimo - terceiro*

Apóstolo. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2003.

RENOVATO, Elinaldo. *Colossenses — A perseverança da igreja na palavra nestes dias difíceis e trabalhosos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. *1 e 2 Tessalonicenses — Vida santa até a volta de Cristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

RIGGS, Ralph M. *O Guia do Pastor*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1997.

SAILHAMER, John H. *Biblical Archaeology*. 1. ed. Michigan, EUA: Zondervan, 1998.

SCOTT, Benjamin. *As Catacumbas de Roma*. 26. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

SHEDD, Russel P. *O Líder que Deus Usa*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.

SILVA, Eliezer de Lira e. *Lições Bíblicas — A Busca do Caráter Cristão*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

SMITH, Oswald. *O Homem que Deus Usa*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas, Mestre — Atos dos Apóstolos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

SPURGEON, Charles Haddon. *The Sword and the Trowel*. 1887. Disponível em: <http://www.spurgeon.org/>. Acesso em: 29 de julho de 2014.

_____. *"Holding Fast the Faith", The Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Vol. 34. Londres: Passmore and Alabaster, 1888.

STAMPS, Donald C. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

TENNEY, Merril C. *et al. Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1999.

VINE, W. E. *et al. Dicionário Vine*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WILKERSON, David. *Toca a Trombeta em Sião*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

_____. *David Wilkerson Exorta a Igreja*. 1. ed. Deerfield: Editora Vida, 1993.

_____. *Faminto por Mais de Jesus*. 1. ed. Rio de

Janeiro: CPAD, 2000.

WILLIAMS, David J. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo — Atos*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

WURMBRAND, Richard; FOLEY, Charles. *In God's Underground*. 1. ed. Londres: W. H. Allen, 1968.

ZIBORDI, Ciro Sanches. *Erros que os Pregadores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. *Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____. *Mais Erros que os Pregadores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. *Erros que os Adoradores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

_____. *Erros Escatológicos que os Pregadores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

_____. *Adolescentes Vencedores — Cartas que Ensinam*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.